

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS



**‘There are so many of us’: A Diversidade na Representação da
Identidade Lésbica em *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall**

EVA KRAINITZKI

**MESTRADO EM ESTUDOS ANGLÍSTICOS
CULTURA INGLESA**

2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS



**‘There are so many of us’: A Diversidade na Representação da
Identidade Lésbica em *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall**

EVA KRAINITZKI

Dissertação orientada pela Prof^a Doutora Adelaide Meira Serras
e pela Prof^a Doutora Teresa Ataíde Malafaia

**MESTRADO EM ESTUDOS ANGLÍSTICOS
CULTURA INGLESA**

2007

Agradecimentos

Um fascinante percurso chega ao fim com o finalizar deste projecto. Gostaria de expressar a minha gratidão a todas e a todos que de alguma maneira possibilitaram avançar ao longo de todas as etapas desta investigação.

Numa fase inicial, pude contar com a experiência enriquecedora proporcionada pelos seminários de Mestrado. Endereço, assim, os meus agradecimentos ao Prof. Doutor Carlos Gouveia, à Professora Doutora Luísa Leal de Faria, à Prof.^a Doutora Adelaide Meira Serras, ao Prof. Doutor Carlos Viana Ferreira, ao Professor Doutor Álvaro Pina, ao Prof. Doutor Manuel Frias Martins. Às colegas (e ao colega) com quem tive o privilégio de partilhar esta viagem aos estudos de cultura, queria agradecer com especial afecto. Na fase da investigação, pude contar com a orientação da Prof.^a Doutora Adelaide Serras e da Prof.^a Doutora Teresa Malafaia, contributo valioso para a concretização desta tese.

Finalmente, expresso os mais sinceros agradecimentos à FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) pela oportunidade de poder usufruir de uma bolsa de apoio à dissertação de Mestrado. Este financiamento propiciou a disponibilidade necessária para a redacção de uma tese.

Resumo

O romance *The Well of Loneliness* (1928), de Radclyffe Hall, pode ser considerado um dos mais conhecidos romances lésbicos cujo título, pelo menos, é familiar. Identidade e representação são categorias que se influenciam reciprocamente, tornando-se, portanto, indispensável analisar o tipo de identidade lésbica retratada nesta obra. Será possível conceber um discurso ‘reversivo’, tal como definido por Foucault, numa obra que integra uma definição de sexualidade desviante adoptada da sexologia, assim como uma idealização da heterossexualidade?

A protagonista, Stephen Gordon, é representada de acordo com a noção de invertida congénita dos sexólogos do século XIX. Alegadamente emancipatória, por permitir entender a homossexualidade como patologia em vez de pecado ou crime, a teoria da inversão sexual deve ser entendida como prejudicial no caso da homossexualidade feminina. Ao contrário da homossexualidade masculina, o lesbianismo nunca foi definido como crime em termos legislativos; não correspondendo a sua medicalização a qualquer tipo de progresso.

Escrita em forma de súplica pelo direito à existência das/dos invertida/os, dirigida à sociedade, *The Well of Loneliness* não rejeita a heterossexualidade, embora represente o desejo como categoria fluida. Em oposição a Stephen, o protótipo da invertida, Mary Llewellyn significa uma identidade lésbica liberta da classificação da sexologia. Neste estudo, propomos analisar a teoria da inversão sexual e a construção da heterossexualidade como norma nesta obra. Para mais, a representação de personagens secundárias, como Mary ou Valérie, será apresentada como a alternativa ao modelo da sexologia representado por Stephen Gordon.

Palavras-chave:

Identidade; Representação; Género; Sexualidade; Lesbianismo.

Abstract

Radclyffe Hall's 1928 novel *The Well of Loneliness* is considered the one lesbian novel whose title, at least, is familiar to everyone. Since identity and representation influence each other reciprocally as far as cultural practices are concerned, one should ask what kind of lesbian identity is being depicted in this particular novel. Indebted to sexology's definition of deviant sexuality and an all-pervading idealization of heterosexuality, does this novel allow for a 'reverse' discourse as defined by Foucault?

Stephen Gordon, the protagonist, is represented in terms of the nineteenth-century sexologist's female congenital invert notion. Allegedly liberating, since it conceptualised homosexuality as disease instead of sin or crime, the theory of sexual inversion might be seen as extremely damaging in case of female homosexuality. As opposed to male homosexuality, lesbianism never constituted a criminal act, which means that casting it in terms of congenital disease did not comprise any kind of progress.

Written as a plea for society's recognition of the invert's right to existence, *The Well of Loneliness* does not reject heterosexuality, although desire is depicted as fluid. In opposition to Stephen, who emerges as the invert's prototype, Mary Llewellyn signifies a lesbian identity liberated from sexological classifications. This study proposes to analyse the theory of sexual inversion and the construction of heterosexuality as a norm in this novel. Furthermore, the representation of secondary characters, such as Mary and Valérie, will be explored as alternatives to the sexological model represented by Stephen Gordon.

Keywords:

Identity; Representation; Gender; Sexuality; Lesbianism.

INTRODUÇÃO	1
<u>CAPÍTULO I</u>	
IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO	14
IDENTIDADE SEXUAL E DE GÊNERO	17
ESCOLHA E AGÊNCIA INDIVIDUAL	22
REPRESENTAÇÃO	25
O DISCURSO ‘REVERSIVO’ DE FOUCAULT	33
JUDITH BUTLER: GÊNERO COMO PERFORMATIVIDADE	38
INTELIGIBILIDADE DO SUJEITO.....	39
<u>CAPÍTULO II</u>	
A TEORIA DA INVERSÃO SEXUAL	42
O DISCURSO DA SEXOLOGIA	43
OS PIONEIROS.....	53
UM ROMANCE SOBRE A INVERSÃO	69
STEPHEN, A INVERTIDA, A <i>BUTCH</i>	75
<u>CAPÍTULO III</u>	
A CONSTRUÇÃO DA HETEROSSEXUALIDADE COMO NORMA.....	92
A HETEROSSEXUALIDADE COMO NORMA INSTITUCIONALIZADA.....	93
A NORMATIVIDADE HETEROSSEXUAL NA TEORIA DA INVERSÃO SEXUAL	101
A HETERONORMATIVIDADE NO DISCURSO DE <i>THE WELL OF LONELINESS</i>	105
A INSTABILIDADE DA CATEGORIA HETEROSSEXUAL	111
A REPRESENTAÇÃO DA LÉSBICA <i>FEMME</i>	118
<u>CONCLUSÃO</u>	127
BIBLIOGRAFIA	135

Introdução

Introdução

O presente estudo tem como objectivo central analisar a representação da identidade lésbica numa obra considerada pioneira na sua abordagem do amor entre duas pessoas do sexo feminino, *The Well of Loneliness* (1928, 1999). Publicado a 27 de Julho de 1928, a obra foi de imediato um sucesso de vendas. Contudo, no dia 19 de Agosto, James Douglas publica no *Sunday Express* o seu polémico artigo “A Book That Must Be Surpressed”, em que exige que a obra seja retirada do mercado livreiro e das bibliotecas por se tratar de um livro que iria corromper a juventude e o público leitor em geral. A polémica causada por este artigo e o conseqüente julgamento por obscenidade acabam, ironicamente, por divulgar o romance. Apesar da censura – a obra só seria reeditada na Grã-Bretanha em 1949 pela Falcon Press (Baker, 1985: 353) – ela tornar-se-ia uma referência para mulheres e homens que, de alguma forma, se interessavam pela temática do amor lésbico. Extensamente lido, incessantemente criticado, amado, odiado, uma reflexão sobre o romance *The Well of Loneliness* é incontornável no contexto dos estudos *gays* e lésbicos.

A principal questão que se coloca perante *The Well of Loneliness* remete para a sua influência, enquanto romance denominado lésbico, sobre o público leitor ao longo das décadas. Radclyffe Hall¹ (1880-1943) decidiu escrever um romance que retratasse abertamente o assunto da inversão sexual. Para a autora e a sua companheira, Una Troubridge (1887-1963), que acompanhou, de perto, o processo de criação e escrita das suas obras, este romance consistiria numa afirmação do direito à sua própria existência. Seria uma obra pioneira dirigida não só a todos os invertidos marginalizados por um mundo hostil, como, principalmente, a todos os heterossexuais, com o intuito de cultivar a tolerância dos mesmos.

¹ Justifica-se uma breve nota relativamente ao seu nome. Entre 1906 e 1915 o seu nome completo, Marguerite Radclyffe-Hall, surge nas obras de poesia. A partir de 1924, retira o seu nome próprio e o hífen, passando a ser conhecida como Radclyffe Hall, romancista. Outro dos seus nomes corresponde a John, como era conhecida no seu grupo de amigos e amigas mais íntimos (Cline, 1998: 5, 11-12). Nesta dissertação, optámos por Radclyffe Hall, o nome que escolhera enquanto romancista e figura pública.

Na capa de *The Well of Loneliness* da edição Virago de 1999 e 2004, podemos ler a expressão “‘The bible of lesbianism’ *Irish Times*”. Na contracapa, uma breve descrição da obra – ‘The archetypal lesbian novel, the one whose title, at least, is familiar to everyone’ – aparentemente citada do *Times Literary Supplement*. Sem o menor intuito de desenvolver esta comparação, que parte de uma problemática caracterização, poder-se-ia, no entanto, dizer que se trata, não da “bíblia”, mas do “antigo testamento” do lesbianismo. Sem negar que este romance consiste num dos mais conhecidos da literatura denominada *gay* e *lésbica*, apresentá-lo como o arquétipo do romance *lésbico* será, no mínimo, problemático. Tal afirmação sugere a existência de um arquétipo do romance *lésbico*, uma ideia que rejeitaremos prontamente. A multiplicidade de identidades *lésbicas* possíveis não permite sintetizar a mesma num único romance que, de alguma forma, possa ser considerado *lésbico*. Para mais, o constante debate em torno da representação da identidade *lésbica* em *The Well of Loneliness*² demonstra a irresolução das/os críticas/os e das/os teóricas/os ligados aos estudos *gays* e *lésbicos* quanto ao estatuto desta obra enquanto romance *lésbico*.

O impacto desta obra no contexto da visibilidade *lésbica* é inegável. *The Well of Loneliness* continua a ser um espaço de formação de significados, a sua leitura e a sua interpretação possibilitam contestá-los, num processo de codificação e descodificação cultural que se vai desenvolvendo desde 1928. Se o romance é datado na sua exegese, torna-se fundamental entendê-lo no seu contexto histórico e cultural, de modo a apreender como foi possível chegar até nós e de que modo *The Well of Loneliness* pode ser entendido como objecto cultural sujeito a constantes processos de re-significação e produção de significados.

Lesley Hall refere que as últimas décadas do século XIX inauguram, em Inglaterra, uma época de significativas mudanças no que diz respeito aos comportamentos sexuais, a relação entre os géneros e às atitudes perante a sexualidade (Hall, 2000: 1). Relativamente à homossexualidade há discursos que se intercalam: a nível legislativo esta continua a constituir crime, no caso masculino, enquanto no discurso médico e psicológico surgem definições alternativas. Em

² Cf. Estado da Questão, p. 7.

1885 é aprovada a emenda ao código penal chamada “*Labouchère*” *Amendment Act*, responsável pela condenação dos chamados actos de indecência vergonhosa entre pessoas do sexo masculino, ou seja, pela criminalização da homossexualidade masculina. O lesbianismo continuaria inexistente perante a lei, apesar de uma tentativa, fracassada, de estender a referida medida legal aos actos de indecência feminina em 1921 (Hall, 2000: 102). O século XX, principalmente durante o pós Primeira Guerra Mundial, constitui um período em que as definições de género se disputam num contexto de ansiedade e pânico moral (Hall, 2000: 93). Questões como a lei do divórcio, a reprodução e o controlo de natalidade, indecência e imoralidade e doenças venéreas constavam entre as preocupações manifestadas por um crescente debate público.

The Well of Loneliness foi publicado numa época que já não contava com a invisibilidade da homossexualidade feminina; as sexualidades alternativas tornaram-se perceptíveis num clima de estigmatização do anómalo:

Female homosexuality was becoming somewhat more visible. Some women were identifying themselves as ‘inverted’ or ‘uranian’ in testimonies by Edward Carpenter. [...] If sexual alternatives to conventional models were gaining more prominence, the benefit was ambiguous, given the atmosphere of stigmatization within which much of the debate took place. None the less, the existence of alternatives was being registered. And, while heterosexuality might be ‘normal’, most sexual activity was shrouded in dark clouds of condemnation, fear, and ignorance.

(Hall, 2000: 97)

Radclyffe Hall entendia *The Well of Loneliness* como a sua primeira obra sobre inversão sexual; isto apesar de nas suas obras anteriores haver personagens

que, de forma mais ou menos explícita, podem ser entendidas como invertidas.³ O problema que se coloca deriva da definição do conceito de inversão. Se é verdade que podemos encontrar elementos de uma relação afectiva homoerótica quer em *The Unlit Lamp* (Hall, 1924, 1981), quer em *Saturday Life* (Hall, 1925, 1987), estes romances não remetem para a inversão sexual como modelo da homossexualidade feminina. Principalmente em *The Unlit Lamp*, um romance em que o tema do afecto homoerótico, apesar de subtil, se torna central, a relação que se estabelece entre Joan e Elizabeth não se explicará por meio de uma condição congénita. Poderá afirmar-se que esta obra tem como temática a amizade romântica – *romantic friendship* –, explorada detalhadamente por Lilian Faderman, em *Surpassing the Love of Men* (1985). A noção de amizade romântica na Europa, dos séculos dezasseis a dezanove consiste numa relação afectiva, profundamente emocional, em que os sentimentos mais intensos são dirigidos a outra mulher.

Em *The Unlit Lamp*, a amizade entre Joan e a sua preceptora, Elizabeth, tem uma dinâmica essencialmente emancipadora, consistindo o seu intuito final numa independência, apenas possível longe da família e do casamento heterossexual. A sua relação afectiva, não consumada, surge em estreita sintonia com o projecto de uma vida intelectualmente promissora e de independência financeira. *The Unlit Lamp* aproxima-se da ideia de amizade romântica, embora a sua narrativa se situe no século XX, pois integra o elemento fulcral, além do envolvimento afectivo, nomeadamente, a possibilidade de um diálogo intelectual no feminino num contexto patriarcal geralmente opressivo:

‘[...] I want you to work as we are doing until you come of age, then I want you to go to Cambridge, as I’ve often told you, but after that – I want you to make a home with me.’

‘Elizabeth!’

³ A teoria da inversão sexual, desenvolvida por diversos sexólogos de finais do século XIX e inícios do século XX, integra a génese das teorias da homossexualidade e da transsexualidade. Embora na presente discussão Stephen Gordon seja interpretada como personagem lésbica, assumir invertida como sinónimo de lésbica corresponderia a uma simplificação de um conceito muito mais abrangente e complexo.

‘[...] I’d get a job while you studies at the hospital; we’d have a little flat together, and be free and very happy. [...]’

(Hall, 1924, 1981: 131-132)

Se entendermos inversão sexual como sinónimo de lesbianismo, *The Unlit Lamp* pode ser considerado o primeiro romance lésbico da autoria de Hall. Se, pelo contrário, atendermos à especificidade do conceito de inversão – que implica uma completa inversão de características de género para além da atracção pelo mesmo sexo – teremos de admitir que *The Well of Loneliness* consiste no único romance de Hall sobre inversão sexual.

Apesar de *The Well of Loneliness* se centrar na inversão sexual da protagonista Stephen, ele deverá ser interpretado no conjunto das suas representações de identidades sexuais. Em contraste com o seu conto *Miss Ogilvy Finds Herself* (1934, 1996) – escrito em 1926, portanto, antes do romance, mas publicado apenas em 1934 em conjunto com outros *short-stories* –, cuja personagem principal se assemelha a Stephen Gordon, *The Well of Loneliness* não se limita a apresentar apenas uma forma de identidade homossexual, neste caso a inversão sexual, havendo a possibilidade de conceber outras concepções de homossexualidade através das personagens secundárias.

Nos dois romances acima referidos, a temática do afecto homoerótico feminino introduz-se subtilmente, à margem da narrativa principal. Em *The Well of Loneliness* a temática seria central. Encorajada pelo sucesso do seu romance *Adam’s Breed* (1926) – que rapidamente chegou à sétima edição, para além de receber dois prestigiados prémios literários, o *Femina Vie Hereuse Prize*⁴ e o *James Tait Black Memorial Prize*⁵ – Radclyffe Hall terá decidido dedicar-se a um

⁴ Este prémio literário foi criado em 1904 por Anna Noialles e vinte e duas colaboradoras da revista *La Vie Heureuse*, actualmente *Femina*, sendo seu júri exclusivamente feminino. Radclyffe Hall recebeu o prémio para romance inglês (Cline, 1998: 220-221; Baker, 1985: 194; Souhami, 1998: 147-148).

⁵ Fundado por Janet Coats Black em memória do seu marido, este prémio atribui anualmente, desde 1919, um prémio de ficção e um de biografia. O/a laureado/a é seleccionado pelo departamento de Literatura Inglesa da Universidade de Edimburgo. Radclyffe Hall recebeu o prémio de romance do ano (Souhami, 1998: 159; Baker, 1985: 196-197; Cline, 1998: 221). Cf. <http://www.englit.ed.ac.uk/jtbwins.htm>, acedido em Novembro 2006.

romance sobre inversão sexual, ideia suspensa enquanto não estabelecesse o seu mérito literário, sendo seu desejo apresentar um livro decerto polémico já como romancista reconhecida (Troubridge, 1961: 81). Numa carta a Gorham Munson, citada por Diana Souhami, Radclyffe Hall refere o objectivo concreto de *The Well of Loneliness*:

To encourage inverts to face up to a hostile world in their true colours, and this with dignity and courage. To spur all classes of inverts to make good through hard work, faithful and loyal attachments and sober and useful living. To bring normal men and women of good will to a fuller and more tolerant understanding of the inverted.

(Souhami, 1998: 151)

Não podemos deixar de assinalar um aspecto de extrema relevância neste breve excerto, nomeadamente, a intenção pedagógica de incentivar os invertidos a conduzir uma vida respeitável e útil e de contribuir para um entendimento mais tolerante por parte de homens e mulheres normais. O uso do termo tolerante remete-nos para a problemática associada à noção de tolerância. O termo tolerância implica a existência de limites do que pode ser tolerado, sendo a sua ênfase na sociedade *que tolera*. A ideia de liberdade, pelo contrário, coloca a ênfase no indivíduo que tem *liberdade para*.⁶ Com tudo o que isso implica, *The Well of Loneliness* consiste num apelo à tolerância da sociedade heteronormativa⁷ em detrimento de apelo à liberdade do indivíduo. Stephen Gordon, a personagem principal deste romance, confronta-se com uma sociedade heteronormativa, into-

⁶ Cf. John Stuart Mill *On Liberty* (1859, 2003). O conceito de tolerância é substituído, em *On liberty*, por o de liberdade, o que denuncia uma maior ênfase no indivíduo em oposição à ideia dos limites do que é tolerado (tolerar implica a superioridade daquele que tolera, em detrimento daquele ou daquela que é tolerada/o). Mill define a liberdade civil ou social (Mill, 1859, 2003: 5), associada a uma esfera de acção na qual o indivíduo deve poder contar com a completa ausência de interferência da sociedade (Mill, 1859, 2003: 15).

⁷ Heteronormatividade é um conceito relativamente recente, adoptado dos estudos de género de expressão inglesa, que remete para o tipo de normatividade relacionado com a norma heterossexual. Apesar de ainda não constar nos dicionários da língua portuguesa, pode-se verificar a sua crescente utilização em obras da área dos estudos *gays*, *lésbicos* e *queer*. Cf. António Fernando Cascais, “Um nome que seja seu”: Dos estudos *gays* e *lésbicos* à teoria *queer*” (Cascais, 2004b: 26).

lerante face à sua diferença sexual. A sua tentativa de resistência é debilitada pela sua submissão aos valores inculcados pela heteronormatividade, o seu respeito pelo *normal*, como consta no seguinte excerto:

And now she must pay very dearly indeed for that inherent respect of the normal which nothing had ever been able to destroy, not even the long years of persecution [...] She must pay for the instinct which, in earliest childhood, had made her feel something akin to worship for the perfect thing which she had divined in the love that existed between her parents.

(438)

A perfeição associada ao amor entre os seus pais corresponde ao ideal heterossexual, à atracção entre o feminino e o masculino, valorizados em detrimento de um relacionamento entre duas mulheres aparentemente condenado ao fracasso. Esta valorização da heterossexualidade, disseminada por meio da perspectiva de Stephen por toda a obra, contida num apelo à aceitação dos indivíduos invertidos consiste num interessante paradoxo digno de uma reflexão mais elaborada num dos capítulos deste estudo.

Estado da Questão

Na sua introdução a *Indisciplinar a Teoria. Estudo Gays, Lésbicos e Queer*, António Fernando Cascais refere que no momento da publicação desta obra (2004) “os estudos gays, lésbicos e queer (GLQ) são um campo formalmente inexistente no nosso país” (Cascais, 2004: 9). Uma tese sobre a identidade lésbica, centrada numa obra fundamental para os estudos GLQ no contexto internacional, seria uma contribuição valiosa para esta área em Portugal.

Apesar da existência de algumas teses e algumas obras publicadas em Portugal sobre a temática da homossexualidade – nas áreas dos estudos literários,

da psicologia (clínica) e da sociologia, por exemplo⁸ – a obra de Radclyffe Hall não surge como objecto de interesse para investigação académica. Mesmo no contexto dos Estudos Ingleses esta autora parece não ter merecido grande atenção por parte dos investigadores portugueses.⁹ O facto de não haver uma tradução portuguesa de *The Well of Loneliness* – traduzida no Brasil, em França e na Alemanha, por exemplo – demonstra a diminuta relevância desta obra no nosso país.

O interesse por Radclyffe Hall tem-se mantido ao longo das décadas, quer seja um interesse pela sua pessoa, pela sua obra literária no geral, ou por uma obra em particular. Desde a data de publicação de *The Well of Loneliness* em 1928 que muito tem sido escrito sobre esta obra. Na sua introdução a *Palatable poison. Critical Perspectives on The Well of Loneliness*, Laura Doan e Jay Prosser (2001) apresentam o estado da questão relativamente ao estudo desta obra e identificam três momentos principais. O conjunto de obras, artigos e ensaios publicados sobre a autora, Radclyffe Hall, e obra delinea o próprio desenvolvimento das perspectivas críticas da teoria do feminismo, do feminismo lésbico ou dos estudos de género, alterando-se a leitura da obra de acordo com o momento teórico-crítico em que se realiza.

Na sua introdução a *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*, Laura Doan e Jay Prosser (2001) dividem as publicações sobre a obra

⁸ Gameiro, Octávio (1998). *Do acto à identidade. Orientação sexual e estruturação social*. Tese de Mestrado: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Gouveia, Carlos A.M. (1997). *O amansar das tropas. Linguagem, ideologia e mudança social na instituição militar*. Tese de Doutoramento em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Meneses, Inês (1998). *Espaços públicos, vidas privadas: Identidades Gay em Lisboa*. Tese de Mestrado: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Moita, Maria Gabriela (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico. A homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto; Pereira, Henrique Marques (2001). *A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais*. Lisboa: Tese de Mestrado em Psicologia da Saúde pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada; Santos, Ana Cristina e Fernando Fontes (1999). *Descobrimo o arco-íris. Identidades homossexuais em Portugal*. Dissertação de Licenciatura em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; Santos, Ezequiel Fernando Azevedo dos (2000). *Homofobia interiorizada e qualidade e vida*. Lisboa: Tese de Mestrado em Sexologia pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias.

⁹ Refira-se, no entanto, a recente comunicação de Ana Luísa Amaral no “Colóquio de Estudos GLQ: Culturas, Identidades, Visibilidade” (Lisboa, Instituto Franco-Português, 16 e 17 de Setembro de 2005), intitulada “I cannot touch you now / And this is the oppressors language: lendo *The Price of Salt*, de Patricia Highsmith”, em que a autora refere *The Well of Loneliness*. Cf. http://lisbonfi.hoster912.com/site_pt/coloquio_pt.html, consultado em Novembro 2006.

em três momentos, primeira vaga, segunda e terceira. A primeira vaga corresponde aos meses que se seguem à publicação da obra, incluindo-se recensões, os artigos de opinião pública e o veredicto do julgamento por obscenidade. Após a sua publicação no dia 27 de Julho de 1928, e durante as três semanas seguintes, *The Well of Loneliness* é lido e recenseado como obra literária que é. São catorze as recensões publicadas antes de 19 de Agosto que analisam a obra como tal, e todas elas prezam o valor literário da obra ou apontam os seus defeitos (Doan & Prosser, 2001: 5). Contudo, no dia 19 de Agosto, James Douglas publica no *Sunday Express* o seu polémico artigo “A Book That Must Be Surpressed”, em que exige que a obra seja retirada do mercado livreiro e das bibliotecas por se tratar de um livro que iria corromper a juventude e o público leitor em geral. É a partir desta data que as recensões se centram na discussão desta controvérsia, passando a discussão literária para segundo plano.

A polémica causada por este artigo e o conseqüente julgamento por obscenidade acabam, ironicamente, por divulgar o romance, tornando-o num *best-seller* que continua a vender mesmo após ser proibida a sua distribuição e venda na Grã-Bretanha¹⁰. O julgamento nos Estados Unidos da América em 1929 terá um final diferente, pois o editor Covici Friede será absolvido das acusações de obscenidade após recurso (Baker, 1985: 255; Cline, 1998: 271). A obra só seria reeditada na Grã-Bretanha em 1949 pela Falcon Press (Baker, 1985: 353).

Durante os anos trinta, quarenta, cinquenta e primeira metade da década de sessenta, *The Well of Loneliness* parece remetido ao esquecimento, pelo menos no mundo académico. Doan e Prosser apontam duas razões para a ausência de publicações sobre a obra, uma de cariz material, a obra não estaria disponível no mercado, e outra, relacionada com a estética literária. Com a sua estrutura narrativa convencional e a alegada mistura entre realismo e um romantismo sentimental *The Well of Loneliness* não ia ao encontro da estética do modernismo. É na segunda metade da década de sessenta, em plena época das revoltas estudantis, dos movimentos de libertação, dos movimentos feministas e do nascimento do movimento *Gay* e *Lésbico* (nos anos setenta) que *The Well of Loneliness* ressurge.

¹⁰ O editor, Jonathan Cape, consegue enviar os moldes da primeira impressão para Paris onde *The Well of Loneliness* será editado em língua inglesa pela Pegasus Press. A obra começa a circular nesta espécie de mercado negro (Cline, 1998: 247; Baker, 1985: 228, 231-232).

Segundo Doan e Prosser é o ano de 1968 que marca o início da Segunda Vaga da produção crítica, data da publicação de *Radclyffe Hall: A case of Obscenity?*, de Vera Brittain.

Este momento na interpretação de *The Well of Loneliness* caracteriza-se pela crítica do feminismo lésbico que desaprova a representação masculinizada do lesbianismo presente na personagem principal, Stephen Gordon. Exemplos desta perspectiva crítica são o artigo de Lilian Faderman e Ann Williams, de 1977, “Radclyffe Hall and the Lesbian Image” e o artigo de Blanche Wiesen Cook (1979), “‘Women alone stir my imagination’: Lesbianism and the cultural tradition”. A masculinidade de Stephen iria contra os ideais do feminismo lésbico e a obra seria demasiado frontal na sua representação da relação lésbica (Doan & Prosser, 2001: 15). Doan e Prosser afirmam que, nesta fase da recepção, *The Well of Loneliness* provou ser constitutivo dos ideais da “mulher centrada na mulher” do feminismo lésbico do início dos anos setenta, exactamente por não os conter (2001: 16). A crítica lésbico-feminista admite a existência de limitações decorrentes do momento da escrita do romance, mas não entende essas limitações como pretexto para o desenvolvimento melodramático do mesmo (Doan & Prosser, 2001: 16).

Será Esther Newton, em “The mythic mannish lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman” (1989), a afirmar que Radclyffe Hall apresentara a sexualidade lésbica de modo historicamente exacto. A autora não teria outra opção senão apropriar-se da masculinidade para simbolizar uma sexualidade lésbica. O argumento principal de Newton remete para a necessidade de um afastamento do modelo assexuado da “amizade romântica” de séculos passados, com o intuito de expressar uma identidade explicitamente homossexual e publicamente visível (Newton, 1989: 95). A necessidade de encontrar um código que abrangesse uma nova forma de sexualidade conduziria ao modelo masculinizado da invertida sexual (Newton, 1989: 100).

A interpretação de *The Well of Loneliness* receberá um novo contributo com a introdução de noções foucaultianas de história, nomeadamente no que diz respeito ao modo como a obra amplia ou reverte o discurso sexológico. No seu aproveitamento de noções de Foucault, Sonja Ruehl (1982) e Jean Radford (1986)

permitiram um entendimento da lésbica como uma figura historicamente contingente e específica (Doan & Prosser, 2001: 17). Uma vez que *The Well of Loneliness* foi entendido no seu contexto histórico, podia, agora, ser analisado sob a perspectiva da história da literatura (lésbica).

Segue-se uma tendência de análise centrada no texto, na linguagem e nos recursos estilísticos (Doan & Prosser, 2001: 19). Estudos comparativos entre *The Well of Loneliness* e obras contemporâneas, principalmente da autoria de Virginia Woolf, valorizam estas últimas em detrimento da primeira em termos de valor literário, como acontece em Marcus (1990) e Parkes (1994).

No final dos anos noventa surgem leituras que se distanciam da questão do género e da sexualidade, preferindo explorar a análise de outros aspectos sociais e de identidade presentes na obra – representação de nação, de raça, de classe social, entre outros. Exemplo disso são os ensaios compilados sobre a designação de “Terceira Vaga” em *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. Esta secção inclui ensaios que regressam à análise do discurso da sexologia, que fazem uma leitura da masculinidade feminina da personagem principal, que interpretam a mesma à luz da noção de transsexualidade, ou que se centram em aspectos psicológicos do pós-guerra na sua leitura da sexualidade das personagens. Esta obra deixou de ser um objecto de estudo exclusivo da feminismo lésbico ou dos estudos de género, como se pode verificar pelos estudos mais recentes que conduzem a sua análise rumo aos discursos marginalizados das personagens secundárias e a aspectos considerados secundários, obviamente no contexto internacional anglo-saxónico.

Apesar de existirem estudos que de alguma forma abordam a identidade lésbica no contexto da obra de Radclyffe Hall e relativamente a *The Well of Loneliness*, estes parecem-me concisos, muito específicos e necessariamente datados. Seria interessante voltar a uma análise deste tipo, na forma de uma dissertação mais extensa, que pudesse contribuir para o entendimento da relevância desta obra para a constituição de uma identidade lésbica contemporânea, numa fase em que os Estudos de Género coexistem com a Teoria *Queer*.

Estrutura da tese

Apesar de se tratar de uma obra literária, *The Well of Loneliness* será, no presente estudo, objecto de uma análise cultural, sem incursões pela qualidade literária da mesma. Independentemente da sua classificação em termos literários, este texto interessa enquanto elemento de uma cultura. Saliente-se que o conceito de cultura deverá ser entendido na acepção dos Estudos Culturais Britânicos. Muito sucintamente, podemos referir que esta perspectiva teórica insiste no facto de, ao analisarmos a cultura de uma sociedade, as suas formas textuais e as suas práticas documentais, ser possível reconstituir o comportamento padrão e as constelações de ideias partilhadas por homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas dessa sociedade (Storey, 1998: 39). Neste sentido, *The Well of Loneliness* será entendido como uma prática textual, responsável pela produção de um conjunto de ideias, partilhadas em maior ou menor grau por diferentes comunidades interpretativas que, por sua vez, consomem e/ou modificam os significados associados a este texto.

A análise cultural dos significados gerados nesta obra centrar-se-á na identidade lésbica das personagens Stephen Gordon, Mary Llewelyn e Valérie Seymour, com um breve comentário a outras personagens secundárias. O primeiro capítulo visa abordar os conceitos fundamentais, como identidade, género e sexo, assim como as concepções de identidade (sexual e de género): essencialismo e construcionismo. O segundo e o terceiro capítulos analisam a teoria da inversão sexual como modelo da homossexualidade em *The Well of Loneliness* e a construção da heterossexualidade como norma,¹¹ respectivamente.

A teoria da inversão sexual caracteriza-se por um forte dualismo heteronormativo, inerente às classificações elaboradas para identificar os tipos de inversão. Desde a teoria da “alma masculina presa num corpo feminino”, definida por

¹¹ No contexto de estudos de identidade sexual, o conceito de norma, à semelhança de normalidade ou normatividade, relaciona-se com a norma heterossexual. Sendo as homossexualidades consideradas, em determinados contextos, como formas de uma sexualidade desviante, o desvio estabelece-se com base numa sexualidade considerada norma(l), heterossexual. Esta questão será desenvolvida no terceiro capítulo desta dissertação. Veja-se o estudo de Jonathan Ned Katz, *The invention of heterosexuality* (principalmente os capítulos “The debut of the heterosexual” e “Before heterosexuality”) para uma detalhada explicação da génese da heterossexualidade enquanto conceito e norma (Katz, 1995).

Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895), até à associação de características do sexo oposto aos indivíduos invertidos, que ainda subsiste nos estereótipos actuais do homem *gay* efeminado e da lésbica masculina. Como será demonstrado no segundo capítulo podemos encontrar estes elementos teóricos em *The Well of Loneliness* na sua representação da homossexualidade, feminina e masculina. Existem, porém, elementos subversivos na personagem principal, e mais visivelmente, nas personagens secundárias. Analisaremos o modo como o texto autoriza a emancipação da categoria do homossexual no contexto de uma teoria que estabelece, apesar do esforço inovador dos sexólogos, a heterossexualidade e um rígido dualismo de sexo e género como norma universal.

A heteronormatividade constitui uma presença constante na narrativa de *The Well of Loneliness*, movendo-se as personagens no interior de uma lógica claramente heterossexual. No terceiro capítulo, analisará-se a insistente evocação da heterossexualidade no contexto de uma estratégia argumentativa que apresenta a mesma como norma, permitindo, em simultâneo, a sua desconstrução. Por fim, analisaremos as alternativas à narrativa trágica da invertida congénita, representadas por Valérie Seymour e Mary Llewellyn. A personagem Mary surge com o maior potencial emancipatório, pois permite desconstruir a teoria da inversão sexual, possibilitando uma leitura alternativa de *The Well of Loneliness*, na qual se acentua a diversidade de identidades lésbicas.

Por fim, uma breve nota sobre as referências bibliográficas. Optou-se por um sistema de autor-data, nos termos estabelecidos pela APA (American Psychological Association). A bibliografia integra apenas as obras referidas ao longo desta dissertação, sem separar as obras ficcionais das teóricas.

Capítulo I

Identidade e Representação

In 1956, as a teenager, I began to consider myself a lesbian. Almost as soon as I claimed that identity, being already enamored of books, of course I looked around for literary representations that would help explain me to myself.

(Lilian Faderman)

Este capítulo pretende problematizar os conceitos de representação e de identidade numa reflexão sobre a identidade sexual, nomeadamente, a identidade lésbica, em *The Well of Loneliness*. Partimos do princípio de que a identidade sexual é elementar para a constituição de uma identidade, estando a inteligibilidade do indivíduo dependente da sua identificação com um género bem definido. Centrar-nos-emos na representação enquanto elemento estruturante de uma identidade individual. Tentar-se-á estabelecer em que medida a representação influencia uma realidade social, ou seja, em que medida a representação de um grupo social pode contribuir para a construção da sua identidade como tal. A representação, enquanto discurso,¹² pode limitar a acção e a exploração de significados de uma comunidade, por outro lado, pode forçar os limites estabelecidos, introduzindo novas formas de significado. No caso de *The Well of Loneliness*, deparamo-nos com um discurso que tenta reformular o significado atribuído a uma relação lésbica. Apesar das expressões que se aproximam de um discurso discriminatório e homofóbico, é este mesmo discurso que tenta estabelecer a re-significação de uma sexualidade considerada pecaminosa e grotesca. No seguinte excerto de *The Well of Loneliness*, a personagem Stephen declara o seu amor a Angela e, ao fazê-lo, enuncia um discurso que caracteriza o seu desejo como errado, grotesco, pecaminoso:

You know I love you, with my soul and my body; if it's wrong, grotesque, unholy – have pity. I'll be humble. (...) I'm just a poor, heart-broken freak of a creature who loves you and needs you much more than its life (...).

(Hall, 1928, 1999: 199)¹³

¹² O termo discurso deverá ser entendido na acepção que vai além de um segmento de linguagem oral articulada, consistindo o discurso num conjunto de práticas culturais, produzido num determinado contexto; ou seja, discurso enquanto prática (discursiva) regulada (Cf. Barker, 2000: 174-175). Deste modo, a representação numa obra literária de uma minoria erótica, por exemplo, constitui um discurso (de continuidade ou ruptura) sobre a mesma. Segundo Foucault, discurso é um conjunto de enunciações pertencentes à mesma formação discursiva, existentes em determinado contexto histórico e cultural (Foucault, 1969, 2003: 131).

¹³ As subsequentes referências parentéticas à obra *The Well of Loneliness* correspondem a esta edição.

O sujeito desta enunciação encontra-se claramente dependente de um tipo de discurso que associa uma orientação lésbica à ordem do anómalo, ao mesmo tempo tentando despertar a compaixão pela intensidade da sua paixão.

Em termos de política da identidade, o conceito de identidade será necessariamente ambivalente e problemático, qualquer que seja o aspecto analisado, identidade nacional, de classe, étnica, sexual ou de género. Todos os elementos que constituem a identidade de um indivíduo encontram-se interligados, sendo de extrema dificuldade analisar um deles isoladamente.

Se, por um lado, uma identidade definida¹⁴ abre possibilidades emancipatórias, por outro, implica uma estagnação das categorias associadas. Ou seja, uma identidade pode significar a visibilidade de um determinado grupo, tornando-se possível proceder, por exemplo, à reivindicação social;¹⁵ o problema inerente a este conceito consiste no facto de a identidade simplificar o complexo e cristalizar o fluido. A constituição de uma identidade parece positiva, contudo, há que ter em conta que esta fixa, torna imutáveis determinadas categorias, reduzindo-as a um número limitado de características e opções. Uma concentração excessiva de traços característicos, especialmente negativos, de uma identidade ocorre na formação de um estereótipo (Barker, 2000: 248). O caso do estereótipo corresponde ao extremo da simplificação e da cristalização de uma identidade, pois será difícil libertar determinada figura das características a ela associadas por um estereótipo, e desconstruí-lo será praticamente impossível. O estereótipo, afirma Dyer, invoca um consenso em relação ao entendimento de um grupo social, naturaliza a diferença do mesmo, estabelece limites entre as categorias a que cada um/a pertence (Dyer, 1993: 14-16). Apesar das vantagens do estereótipo enquanto sinónimo de visibilidade social e cultural apontadas por Dyer (1993: 22-24), parece-nos que a extrema redução e a superficialidade de características nele

¹⁴ Entenda-se por identidade definida uma categoria de identidade formada num determinado contexto sociocultural e com designação própria, sendo os indivíduos que assumem pertencer a essa categoria facilmente reconhecíveis.

¹⁵ A visibilidade de uma categoria de identidade possibilitará a reivindicação social por parte dos indivíduos que a constituem. Em oposição, facilmente se discerne uma forma de identidade privilegiada, pelo simples facto de dispensar qualquer tipo de justificação, ou seja, por corresponder à forma silenciosa, sem marca diferencial, como acontece, por exemplo, com os termos “homem” ou “branco”, podendo estes surgir como conceitos universais no discurso dominante (Kitzinger & Wilkinson, 1993: 3).

implicadas supera qualquer efeito positivo do mesmo. No que diz respeito à representação da homossexualidade, deparamo-nos frequentemente com o estereótipo do homem *gay* efeminado e da lésbica masculina. Sem negar a existência de indivíduos que se identificam com determinadas características culturalmente associadas a outro género¹⁶ (e sem limitar esta ocorrência a *gays* e lésbicas), reduzir a um tipo a variedade de expressões de género possíveis poderá anular as vantagens esperadas de uma maior visibilidade em termos de representação cultural.

Identidade sexual e de género

Muito embora existam diversas aceções de género no âmbito dos estudos de género, podemos chegar a um consenso relativamente a uma definição básica, a partir da sua distinção do conceito de sexo. A distinção entre sexo e género teve a sua origem na antropologia, com Margared Mead, que propôs a teoria de que o sexo é biológico, mas que o comportamento sexual consiste numa construção social (Macedo & Amaral, 2005: 87-88). Esta ideia do género como socialmente construído foi inovadora e continua a possibilitar o debate nas mais diversas áreas. Se entendemos o género como uma construção social, a sua desconstrução surge como praticável, o que implica a possibilidade de ocorrer uma mudança nas características associadas a cada género – feminino ou masculino. A suposta inferioridade do género feminino, mantida por um discurso patriarcal, resume-se a uma consequência da sociedade que constrói o género feminino como tal.

Será, pois, possível entender a identidade de género como uma interpretação, simultaneamente social e individual, das características associadas a cada um dos géneros. A identidade de género é determinante para a constituição do indivíduo em si. No momento do nascimento de uma criança, identifica-se o seu sexo mediante o órgão sexual, decorrendo daqui todo um processo de aculturação e socialização caracterizado pelo dualismo feminino / masculino. A constituição da identidade de género decorre desta distinção e sempre em função desta dualidade,

¹⁶ Cf. subcapítulo seguinte: “Identidade sexual e de género.”

conjugada com outros factores que compõem uma identidade individual, como a idade, a nacionalidade, a etnia e a classe social, entre outros.

Torna-se importante esclarecer que a identidade de género deve ser entendida como um processo, um devir. O sujeito é influenciado pelo contexto histórico e social em que se encontra, assim como por cada situação e momento experienciado. Nesse sentido, não devemos falar de um género feminino ou masculino universal, nem numa essência que caracteriza a identidade feminina ou masculina como tal.

A identidade sexual, por sua vez, deve ser entendida como uma construção complexa decorrente da combinação entre as categorias de sexo, género, prática sexual e orientação sexual. Numa matriz heterossexual essencialista, estas categorias associam-se harmoniosamente como causa e consequência num esquema de determinismo (biológico) dualista:

sexo (f) = género (f) = desejo por sexo oposto (m) = orientação heterossexual

sexo (m) = género (m) = desejo por sexo oposto (f) = orientação heterossexual

Ao introduzir o desejo homoerótico, este esquema linear da identidade sexual deixa de fazer sentido, sendo possível negar o determinismo que liga o sexo (biológico) à orientação sexual.

Antes de mais, há que fazer uma distinção entre duas perspectivas teóricas ou concepções de identidade – a essencialista e a construcionista. Na perspectiva do essencialismo, uma identidade corresponde à essência do indivíduo, que existe independentemente do espaço e do tempo. Desta forma, haveria uma essência permanente da feminilidade ou da masculinidade, enfim, de qualquer categoria social (Barker, 2000: 166). Subjacente a esta ideia está a de um determinismo biológico, segundo o qual o sexo biológico determina a nossa identidade sexual, incluindo desejo e orientação sexual, independentemente do contexto cultural. Jennifer Harding define essencialismo da seguinte forma: “‘Essentialism’ entails the belief that sexuality is purely a natural phenomenon, outside of culture and society, made up of fixed and inherent drives, and that nature and these drives dictate our sexual identities [...]” (Harding, 1998: 8-9).

O problema desta perspectiva teórica consiste na valorização de determinadas características, consideradas inatas, correndo-se o risco de, no caso da identidade feminina, as mesmas consolidarem as estruturas da opressão sexista. Por outras palavras, a crença numa feminilidade inata, e o dever de a ela aderirmos, facilita a manutenção da desigualdade entre os sexos, justificada com o argumento do inatismo (Alcoff, 1988, 2004: 102).

Em oposição a esta perspectiva, tem sido afirmado que a identidade é inteiramente cultural, geográfica e historicamente específica, sendo as formas de identidade versáteis e mutáveis de acordo com as conjunturas sociais e culturais (Barker, 2000: 166). Esta teoria pode ser denominada anti-essencialista ou construcionista. O construcionismo implica entender a sexualidade não como a expressão ou a consequência de uma essência inerente, mas como uma configuração de significados culturais, gerados eles próprios no interior de uma matriz de relações sociais (Harding, 1998: 9). Este entendimento da sexualidade e da identidade sexual pode ser considerado o predominante na investigação da sexualidade na área das ciências sociais.¹⁷

Em “Cultural feminism versus post-structuralism: The identity crisis in feminist theory”, Linda Alcoff (1988, 2004) desenvolve uma noção de subjectividade e de identidade de género que possibilita um afastamento do essencialismo sem, no entanto, cair no extremo oposto de negar o sujeito e a faculdade da agência. Propõe o conceito de “positionality”, que permite entender a subjectividade como posicional num contexto e o género como uma categoria fluida, uma mera posição, ocupada mediante um contexto sociocultural (Alcoff, 1988, 2004: 117). Alcoff centra a sua análise no conceito de mulher e no sujeito feminino, e respectivo entendimento teórico quer por parte do feminismo culturalista, quer por parte de um feminismo influenciado pela teoria do pós-estruturalismo francês. O primeiro é criticado por ser tão marcadamente influenciado pelo essencialismo. O

¹⁷ Integrada numa crítica à influência das teorias pós-estruturalistas nos estudos lésbicos, Susan J. Wolfe e Julia Penelope rejeitam o paradigma construcionista, supostamente, por este implicar entender-se a identidade lésbica como uma criação fictícia dos sexólogos do século XIX: “Our decision to edit this anthology presupposes that Lesbian identity *exists*. That is, we grant Lesbians “ontological status,” assuming that, whatever discourse may say about us (Lesbians), we exist, materially, outside of discourse.” (Wolfe & Penelope, 1993: 9; *italico no original*). Ao assumirmos a perspectiva construcionista não pretendemos, de modo algum, negar o estatuto ontológico às lésbicas, pretendemos, sim, afastarmo-nos da noção estática implicada no essencialismo.

inatismo de diferenças de género na personalidade, inerente a esta perspectiva teórica, dificilmente será defensível, refere Alcoff. Mesmo as diferenças supostamente universais podem ser explicadas sem recorrer a uma essência (Alcoff, 1988, 2004: 101). O segundo, o feminismo determinado por princípios do pós-estruturalismo, é criticado por negar ao sujeito a capacidade de reflectir sobre discurso social e de desafiar o seu determinismo:

Applied to the concept of woman, the post-structuralist's view results in what I shall call nominalism: the idea that the category "woman" is a fiction and that feminist efforts must be directed toward dismantling this fiction.

(Alcoff, 1988, 2004: 104)

Linda Alcoff propõe uma teoria de sujeito alternativa que evita ambos, o essencialismo e o nominalismo. Esta alternativa consiste na apropriação, por Alcoff, de uma das propostas do pós-estruturalismo, que a categoria de mulher deve ser teorizada mediante uma exploração da experiência da subjectividade, em detrimento de uma descrição dos atributos correntes, evitando-se, desta forma, o apagamento do sujeito (Alcoff, 1988, 2004: 107). Neste sentido, o género deverá ser entendido como uma categoria posicional, provisória, em devir:

Gender is not a point to start from in the sense of being a given thing but is, instead, a posit or construct, formalizable in a nonarbitrary way through a matrix of habits, practices, and discourses. Further, it is an interpretation of our history within a particular discursive constellation, a history in which we are both subjects of and subjected to social construction.

(Alcoff, 1988, 2004: 114)

Esta noção de identidade permite adicionar a ideia de política de identidade, pois se a identidade consiste num processo em construção, o indivíduo ou o grupo pode seguir uma agenda política, mediante a escolha da sua identidade

enquanto membro de um ou mais grupos (Alcoff, 1988, 2004: 115). A identidade escolhida corresponderá a um ponto de partida para a acção política:

If we combine the concept of identity politics with a conception of the subject as positionality, we can conceive of the subject as nonessentialized and emergent from a historical experience and yet retain our political ability to take gender as an important point of departure.

(Alcoff, 1988, 2004: 116)

Em “Questions of Identity”, Jeffrey Weeks afirma que a identidade sexual consiste numa escolha (Weeks, 1987: 44-47). Um conceito útil à compreensão da identidade como escolha é o da ruptura entre desejo e identidade. Jeffrey Weeks refere esta ruptura, acrescentando uma distinção entre desejo e identidade ou posição de sujeito: “But the point that needs underlining is that *identity* is a choice. It is not *dictated* by internal imperatives.” (Weeks, 1987: 44).¹⁸

Esta possibilidade de escolher passará ocasionalmente pela afirmação de determinada identidade em certos contextos e sua omissão noutros:

The point that requires emphasizing here is that like the gay male identity, the lesbian identity has a political as well as a social and personal implication. That means that there need be no necessary relationship between sexual practice and sexual identity.

(Weeks, 1987: 46-47)

Tomando como exemplo os casos em que indivíduos têm um comportamento sexual orientado para o mesmo género sem, no entanto, ocuparem a posição de sujeito associada a uma identidade homossexual, ou seja, identificando-se com a identidade heterossexual, o argumento de que a identidade consiste numa escolha torna-se plausível. Um outro caso será o do assumir uma identidade

¹⁸ Itálicos no original.

homossexual com objectivos reivindicativos, políticos.¹⁹ Neste caso, a ausência de uma orientação homoerótica não anula a possibilidade de se assumir essa identidade.

Escolha e agência individual

O entendimento da identidade sexual como destino ou como escolha remete para a oposição filosófica entre determinismo (biológico) – a herança genética constringe e torna inevitável o nosso desenvolvimento como pessoas com um conjunto de características – e livre-arbítrio – o sujeito é responsável pelas suas acções e escolhe entre as opções que se apresentam. Torna-se necessário estabelecer em que medida é possível compreender a identidade sexual simultaneamente como construção num contexto social e como uma escolha, implicando um agente livre. Chris Barker refere esta questão, apontando a aparente contradição entre, por um lado, a ideia de identidades e de sujeitos social e culturalmente construídos – produto de práticas discursivas e disciplinadoras – e, por outro lado, conceber pessoas como habilitadas a actuar e a engendrar mudança numa ordem social (Barker, 2000: 179). Se entendermos os indivíduos como estando limitados a determinadas posições de sujeito, sob influência de práticas discursivas que limitam o nosso agir, qualquer noção de livre-arbítrio parece inconcebível.²⁰ Barker apresenta uma solução que consiste em distinguir entre uma concepção, segundo a qual actos são levados a cabo por agentes livres, não determinados, e uma concepção de agência como a capacidade socialmente construída de agir (Barker, 2000: 182). Desta forma, nós agimos apesar de as opções em si serem socialmente determinadas. Não sendo completamente livres, somos, sim, livres de escolher entre um certo número de possibilidades (Barker, 2000:

¹⁹ Consulte “Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva” de Ana Cristina Santos sobre heteroqueers, “heterossexuais que rejeitam activamente os privilégios associados à heteronormatividade” (Santos, 2005: 1). “Em Portugal quem pode ser considerado heteroqueer constitui a minoria dentro da minoria. Ainda assim, regista-se um aumento do número de pessoas que, não obstante a sua auto-percepcionada heterossexualidade, escolhem demonstrar o seu apoio público aos direitos LGBT.” (Santos, 2005: 6).

²⁰ Veja-se a discussão dos conceitos posição de sujeito e prática discursiva na p. 33 e seguintes.

183). Inovação e mudança tornam-se possíveis devido à nossa unicidade enquanto indivíduos inter-discursivos e devido à contradição existente entre os próprios discursos que constituem a sociedade: “Change occurs through rethinking and redescribing, along the material practices which are implicated in them.” (Barker, 2000: 185).

A possibilidade de agência é fundamental para a questão da identidade, na medida em que permite um afastamento da noção de essencialismo e determinismo (biológico), sendo possível a configuração de novas identidades sexuais inteligíveis. Judith Butler refere que a ideia de construção e a de agência não são incompatíveis, pois a construção estabelece o “cenário” da agência, constitui os meios para a sua inteligibilidade cultural: “Construction is not opposed to agency; it is the necessary scene of agency, the very terms in which agency is articulated and becomes culturally intelligible.” (Butler, 1990, 1999: 187). Para chegar a uma resolução do conflito que se estabelece entre as duas concepções de identidade, há que proceder a uma negociação entre o potencial emancipatório e o carácter limitador inerente à identidade.

Em *Gender Trouble*, Judith Butler critica a frequente assunção de parte da teoria feminista quanto à existência de uma identidade, entendida através da categoria mulheres, que constitui o sujeito cujos interesses políticos há que defender (Butler, 1990, 1999: 3). O problema inerente à categoria mulheres, o sujeito do feminismo, consiste no facto de esta categoria ser produzida e restringida pelas próprias estruturas de poder que deveriam possibilitar a sua emancipação (Butler, 1990, 1999: 5). Ao afirmar a existência de uma identidade feminina, universalmente associada a sujeitos do sexo feminino, a diferença sexual e a subordinação tendem a transformar-se em categorias essenciais e naturais e, conseqüentemente, imutáveis. A articulação de uma identidade, limitada aos elementos culturais disponíveis, institui uma definição que impede, à partida, a emergência de novos conceitos de identidade (Butler, 1990, 1999: 21). Mas se uma identidade é indispensável para proceder a acções de reivindicação social e política, como sair deste impasse? Uma alternativa proposta por Butler, que se aproxima da ideia de *positionality* de Alcoff, consiste em recusar o objectivo da unidade, como funda-

mental e necessária, de modo a facilitar a constituição espontânea de unidades provisórias no contexto de ações concretas (Butler, 1990, 1999: 21):

Moreover, when agreed-upon identities or agreed-upon dialogic structures, through which already established identities are communicated, no longer constitute the theme or subject of politics, then identities can come into being and dissolve depending on the concrete practices that constitute them.

(Butler, 1990, 1999: 21-22)

De qualquer modo, entender a identidade como a articulação provisória de significados não será contraditório se tivermos em conta a necessária fragmentação da identidade de um sujeito. A identidade é composta por um conjunto de aspectos que assumem um grau de relevância diferente consoante a situação do momento. Tendo-nos afastado da noção de essência da identidade, podemos entender esta como um processo em constante reconfiguração. Chris Barker define a identidade cultural como um processo em devir:

Cultural identity is seen not as a reflection of a fixed, natural, state of being but as a process of *becoming*. There is no essence of identity to be discovered; rather, cultural identity is continually being produced within the vectors of similarity and difference.

(Barker, 2000: 176-177)

O que permite ao sujeito manter alguma coerência no que diz respeito à sua identidade pode ser entendido como uma paralisação ocasional da identidade em devir, um fechamento arbitrário do significado – “arbitrary closure of meaning” (Barker, 2000: 177). O fechamento constituirá uma suspensão do processo de devir, possibilitando ao sujeito identificar-se com determinada categoria identitária sem se limitar a um significado permanente e estável. No caso das categorias de uma orientação sexual minoritária, esta concepção de identidade

permite reivindicar em nome de um grupo minimamente coeso, ao mesmo tempo proporcionando a flexibilidade necessária para uma possível alteração dos significados estabelecidos.

Representação

Comentar o conceito de identidade sem comentar o de representação revela-se praticamente impossível, dada a profunda relação que se estabelece entre uma identidade e a representação feita da mesma. O processo de representação corresponde a uma constante produção de significados que se articulam, entre outros, com a constituição de uma identidade sexual. No caso da representação literária, em *The Well of Loneliness*, há que ter em conta que a mesma não deve ser entendida como um reflexo da auto-identidade da autora, nem um mero reflexo da realidade social. Deste modo, a obra, a sua leitura e interpretação, a sua recepção crítica, o seu estudo a nível académico, todos estes elementos constituem um “circuito cultural”. Para além do momento em que uma determinada representação cultural é produzida, torna-se relevante mencionar um segundo momento em que a mesma contribuirá para a constituição de identidades, revelando-se, assim, o complexo percurso de influências recíprocas entre representação, consumo, regulação, identidade, produção, denominado por Stuart Hall “The Cultural Circuit” (Hall, 1997: 1). Os significados são construídos, negociados e renegociados ao longo deste circuito, fulcral no estabelecimento de identidade e na marcação de diferenças:

[...] the question of meaning arises in relation to *all* the different moments or practices in our ‘cultural circuit’ – in the construction of identity and the making of difference, in production and consumption, as well as in the regulation of social conduct.

(Hall, 1997: 4)

O esquema de relações recíprocas múltiplas estabelecido por Stuart Hall define as várias etapas implicadas numa prática de representação. A escrita e a publicação de *The Well of Loneliness*, em 1928, corresponde ao momento da prática da “produção”. Mas como momento de um “circuito cultural”, a produção precede, por exemplo, práticas de “identidade” ou “regulação”, enquanto antecede outros momentos de estabelecimento de significado. A identidade sexual e de género da personagem Stephen Gordon tem sido a construção mais influente, no que toca à aproximação ou ao afastamento das/os leitores da experiência desta personagem, e, principalmente, no que diz respeito à produção de leituras críticas da representação da identidade lésbica presente nesta personagem.

No que diz respeito à representação, há que referir que não se trata de um conceito recente, podendo mesmo ser considerado um dos conceitos fundamentais da estética (teoria geral das artes) ou da semiótica (teoria geral dos signos) desde a Antiguidade. Recentemente tornou-se um conceito crucial na área da teoria política como refere W. J. T. Mitchell (Mitchell, 1990: 11). Conceito complexo, remete para diferentes acepções, observando-se uma passagem da ideia de representação como um reflexo da realidade – sendo a representação artística a captação do real – para uma concepção da representação como construída por e constitutiva da cultura e em que se insere.

Stuart Hall distingue as duas concepções na introdução a *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices* (Hall, 1997). Deste modo, de acordo com a concepção convencional, as “coisas” existiriam no mundo natural e material, correspondendo a representação a um processo iniciado após o aparecimento das “coisas” e a constituição dos seus significados (Hall, 1997: 5). Em contraste, surge a concepção de representação decorrente de uma crescente importância da cultura no domínio das humanidades e das ciências sociais – “the cultural turn” – à luz da qual o significado se produz e não se “encontra” (Hall, 1997: 5). Esta concepção poderá denominar-se construcionista. Isto significa que a representação é entendida como um processo constitutivo dos significados, que molda os sujeitos sociais e os eventos históricos, não se limitando a reflecti-los posteriormente. Mitchell refere que a literatura, tal como outras manifestações

estéticas, nunca poderá ser afastada do contexto ideológico²¹ e político no qual ocorre:

It should be clear that representation, even purely “aesthetic” representation of fictional persons and events, can never be completely divorced from political and ideological questions; one might argue, in fact, that representation is precisely the point where these questions are most likely to enter the literary work. If literature is “a representation of life”, then representation is exactly the place where “life”, in all its social and subjective complexity, gets into the literary work.

(Mitchell, 1990: 15)

A concepção construcionista de representação implica a impossibilidade de um acesso directo à realidade circundante. A nossa percepção do mundo passa necessariamente por um conjunto de significados preestabelecidos. Por exemplo, no caso da percepção de elementos da natureza a mesma é configurada pelo conceito de natureza vigente na nossa cultura. Do mesmo modo, determinadas situações sociais são percebidas de acordo com os significados associados às mesmas. No entanto, sendo estes significados culturalmente construídos, existe a possibilidade de se modificar o significado inerente a cada elemento cultural. A representação cultural terá especial relevância associada a esta possibilidade de reconfiguração de significados.

Richard Dyer refere o facto de, apesar de o nosso acesso à realidade ser mediato, a representação ter consequências “reais” na vida de pessoas “reais”. Quer isto dizer, que o modo como certos grupos são representados determina as suas opções de existência numa determinada sociedade (Dyer, 1993: 3). Apesar da

²¹ Não nos referimos ao conceito ideologia na sua acepção marxista; deverá ser entendido como *Weltanschauung*, conjunto de perspectivas e valores que determinam os significados culturais. “An ideology [...] is a complete and self-consistent set of attitudes, moral views, empirical beliefs and even rules of logical discourse and scientific testing.” (Robertson, 1993: 232).

relevância da representação, Dyer não nega a existência do real:

In saying this, however, I give no ground to those who say that there is no reality except representation itself. There are variations in skin colour, there are genital differences, there are different sexual practices – representation is the organization of the perception of these into comprehensibility, a comprehensibility that is always frail, coded, in other words, human.

(Dyer, 1993: 4)

A nossa percepção regula-se, portanto, pelas categorias existentes na nossa sociedade, categorias e classificações estas estabelecidas numa relação de reciprocidade com os modos de representação. A representação possibilita um alargamento dos limites do perceptível, ou seja, em termos de identidade sexual, permite que determinadas identidades, construídas como desviantes, em oposição a uma norma instituída, possam adquirir um novo significado de modo a serem entendidas como uma identidade alternativa.

Em *Gender Trouble*, Judith Butler afirma sublinha a vertente problemática da representação, um conceito problemático que remete para a ideia de uma essência a representar, o que pode limitar, excluir ou distorcer certas categorias. O exemplo apresentado por Butler é o da representação política feminista da identidade da mulher:

On the one hand, *representation* serves as the operative term within a political process that seeks to extend visibility and legitimacy to women as political subjects; on the other hand, representation is the normative function of a language which is said either to reveal or to distort what is assumed to be true about the category of women.

[...]

The domains of political and linguistic “representation” set out in advance the criterion by which subjects themselves are formed, with the result that representation is extended only to what can be acknowledged as a subject. In other words, the qualification for being a subject must be met before representation can be extended.

(Butler, 1990, 1999: 3-4)

Butler refere-se particularmente à representação a nível político, à necessidade de existir um sujeito inteligível ou um grupo homogêneo que possa ser representado. Quanto à representação cultural, por meio de uma obra de ficção, por exemplo, será relevante mencionar que por meio desse processo de representação, e conseqüente consumo por um público leitor, um determinado sujeito se torna inteligível como tal. Em *The Well of Loneliness*, o sujeito invertido adquire inteligibilidade ao ser transformado na personagem principal, na heroína de um romance. A partir de categorias estabelecidas pelo discurso da sexologia, este adquire uma identidade própria e a capacidade de enunciar um discurso adequado a redefinir os significados estabelecidos. Esta ideia da enunciação de um discurso próprio a partir de outro já existente foi teorizada por Foucault, como teremos oportunidade desenvolver mais adiante.

A representação encontra-se estreitamente relacionada com a construção de significados num contexto sociocultural. Quem ou o quê é representado, de que forma e com que propósito são as questões que se colocam numa análise da representação. Em *The Well of Loneliness*, a construção de significados adquire extrema relevância, na medida em que nesta obra surge a representação de uma sexualidade considerada pecaminosa, patológica e desviante no contexto familiar e social em que se insere:

Then Anna began to speak very slowly as though nothing of what she would say must be lost; and that slow, quiet voice was more dreadful than anger: ‘All your life I’ve felt very strangely towards you’, she was saying, ‘I’ve felt a kind of physical repulsion, a desire not to touch or to be

touched by you – a terrible thing for a mother to feel – it has often made me deeply unhappy. I’ve often felt that I was being unjust, unnatural – but now I know that my instinct was right; it is you who are *unnatural*, not I....’

‘Mother – stop!’

‘It is you who are *unnatural*, not I. And this *thing* you are is *a sin against creation*. [...] In that letter you say things that may only be said between man and woman, and coming from you they are vile and filthy words of *corruption – against nature, against God who created nature*. My gorge rises; you have made me feel physically sick –’

(203)²²

A personagem Anna Gordon, mãe de Stephen, enuncia estas palavras que definem a homossexualidade como antinatural, uma anomalia, um pecado contra Deus e a natureza. Será em oposição a este discurso, e a ideia do homossexual que dele decorre, que Stephen afirma o direito de amar e exige que os seus sentimentos sejam considerados legítimos, “normais”. A nível textual, a forma de conferir legitimidade à sexualidade lésbica será a do inatismo. Ao demonstrar que Stephen se integra na natureza, sendo a sua orientação inata e “natural”, a conclusão pretendida consiste no inatismo da homossexualidade, como se pode constatar nos seguintes excertos:

Through the long years of life that followed after, bringing with them their dramas and disillusionings, their joys and sorrows, their fulfilments and frustrations, Stephen was never to forget this summer when she fell quite simply and *naturally* in love, in accordance with the dictates of *nature*.

To her there seemed nothing strange or unholy in the love that she felt for Angela Crosby. To her it seemed an *inevitable* thing, as much *a part of herself as her breathing*; and yet it appeared transcendent of self, and she

²² Meus itálicos.

looked up and onwards towards her love – for the eyes of the young are drawn to the stars, and the spirit of youth is seldom earth-bound.

(145)²³

Justificar o direito à existência, recorrendo a uma concepção essencialista, revela-se problemática no contexto teórico actual. Podemos, no entanto, entender que para confrontar um discurso homofóbico houvesse essa necessidade de insistir em conceitos ligados à normalidade, aos primórdios e à natureza. Definir o conceito natureza não será fácil, sendo um conceito instável, de inúmeras acepções, aplicando-se a espécies individuais ou ao mundo natural como um todo. As diferentes espécies caracterizam-se por uma essência, algo que lhes é natural. O mundo natural rege-se de acordo com um conjunto de leis que definem a norma, o ideal, supostamente de acordo com a própria natureza. Torna-se relevante sublinhar a associação de raiz platónica entre natureza, estética e ética, nomeadamente, natural equivalendo a belo e a bom.²⁴

Tendo em mente esta concepção de natureza, associar a mesma ao amor lésbico surge como uma estratégia cujo objectivo consiste em inverter o argumento homofóbico em favor de uma defesa da homossexualidade. Em *The Well of Loneliness*, o tipo de discurso homofóbico enunciado por Anna Gordon, acima citado, substitui-se por uma defesa dos sentimentos de Stephen por meio de uma terminologia semelhante. O amor entre Stephen e Mary define-se pelo seu carácter primitivo, logo, *natural*, logo normal: “Something *primitive* and *age-old as Nature* herself, did their love appear to Mary and Stephen.” (317).²⁵

Julgo ser de salientar que, apesar da concepção essencialista e do inatismo associado à orientação lésbica de Stephen, a representação de personagens de orientação sexual lésbica ou *gay*, presente em *The Well of Loneliness*, contribuiu para a visibilidade de um grupo social, cuja representação cultural era inexistente.

²³ Meus itálicos.

²⁴ “The sense in which it applies to species quickly links up with ethical and aesthetic ideals: a thing ought to realize its nature; what is natural is what is good for a thing to become; it is natural for humans to be healthy or two-legged, and departure from this is a misfortune or deformity.” (Blackburn, 1996: 256).

²⁵ Meus itálicos.

Se a identidade se constrói numa relação de reciprocidade com o modo de representação, as identidades sexuais e de género constroem-se ao longo de todo o “circuito cultural” de *The Well of Loneliness*. O discurso que define a inversão sexual como pecado, como anomalia ou como patologia intercala-se a nível textual com a expressão subjectiva de uma personagem que reinventa os significados associados à sua subjectividade e à sua identidade sexual, ou seja, tenta inscrever a sua identidade no socialmente inteligível, reclama a normalidade da sua sexualidade:

They no longer felt desolate, hungry outcasts; unloved and unwanted, despised of the world. They were lovers who walked in the vineyard of life, plucking the warm, sweet fruits of that vineyard. Love had lifted them up as on wings of fire, had made them courageous, invincible, enduring.

(320-321)

Assim sendo, podemos afirmar que a obra constrói uma identidade lésbica através da representação da mesma. No momento do “consumo” (recepção da obra), por exemplo, a breve fixação dos significados associados à identidade lésbica entrará, novamente, no processo de significação estabelecido entre representação e identidade. A construção de identidades pode ocorrer como aproximação, ou afastamento da(s) identidade(s) elaborada(s) neste discurso ficcional. O mais importante será a apresentação de um conjunto de alternativas no que diz respeito à identidade sexual. Jennifer Harding remete para esta relação entre o supostamente real e o mundo das possibilidades. Afirma que a representação consiste na produção e na regulação de um universo de possibilidades. A designação “real” deverá ser entendida como um mecanismo que confere o privilégio e a marca de autoridade a certas enunciações e que os nega a outros (Harding, 1998: 54). Quer isto dizer que a representação de personagens de orientação *gay* ou lésbica, num contexto predominantemente heteronormativo, permite que a homossexualidade adquira visibilidade cultural e, conseqüentemente, surja a oportunidade de operar modificações nos significados associados à mesma.

O discurso ‘reversivo’ de Foucault

Os conceitos incontornáveis de posição de sujeito, discurso “reversivo”, formação e prática discursiva, formulados por Michel Foucault permitem reflectir sobre a representação da identidade lésbica, apesar de Foucault ter desenvolvido a sua teoria sem a acuidade requerida face à diferença entre homossexualidade feminina e masculina. Não obstante, a sua obra *História da sexualidade I. A vontade de saber* (Foucault, 1976, 1994) constitui um dos textos mais úteis e interessantes que teremos oportunidade de comentar. Nela, formula a ideia de um discurso “reversivo”²⁶ do indivíduo homossexual. Para um entendimento pleno do conceito de posição de sujeito e da consequente formação de um discurso reversivo, será necessário esclarecer a noção de discurso, tal como formulada por Foucault na obra *The archaeology of knowledge* (Foucault, 1969, 2003).

O conceito de sujeito de Michel Foucault passa necessariamente pela concepção de posição de sujeito. Uma prática discursiva possibilita o surgimento de um saber, podendo ocorrer uma ou várias posição de sujeito (Foucault, 1969, 2003: 122). Se para Foucault a subjectividade corresponde à produção discursiva, esta deverá ser entendida como a produção de enunciações possíveis numa determinada formação discursiva:

This group of elements, formed in a regular manner by a discursive practice; and which are indispensable to the constitution of a science, although they are not necessarily destined to give rise to one, can be called *knowledge*. Knowledge is that of which one can speak in a discursive practice [...] knowledge is also the space in which the subject may take up a position and speak of the objects with which he deals in his discourse [...] knowledge is also the field of coordination and subordination of

²⁶ Na tradução de Pedro Tamen discurso «em troca» (Foucault, 1976, 1994: 104). Nesta dissertação, optou-se por esta tradução, possivelmente mais aprazível devido à tradução inglesa – “*reverse discourse*” – que se tornou mais familiar. No original francês, *Histoire de la sexualité. I. La Volonté de savoir*, publicado pela Gallimard, consta “un discours «en retour»”.

statements in which concepts appear, and are defined, applied and transformed [...].

(Foucault, 1969, 2003: 201)²⁷

As posições de sujeito devem, assim, ser entendidas como um ponto de partida do qual um discurso inteligível pode ser enunciado e que possibilitará a constituição de uma identidade (sexual). Isto significa entender a posição de sujeito não apenas na sua vertente coerciva, como a posição que implica uma subjugação às suas regras (Barker, 2000: 252), mas entender a posição de sujeito como a oportunidade, de outra forma negada, de enunciar um discurso com significado. A identidade deve ser entendida como um mecanismo através do qual grupos ou indivíduos conseguem “falar por si” enquanto pessoas numa posição desfavorecida face a relações de poder opressivas (Harding, 1998: 50). Apesar de, possivelmente, as identidades disponíveis terem sido construídas como subalternas ou marginais, há que entender que a noção de discurso reversivo desenvolvida por Michel Foucault, nos permitirá entender essa reformulação de significados associados a uma determinada identidade sexual.

Na sua obra, *História da sexualidade I. A vontade de saber*, ou *The will to knowledge. The history of sexuality* (1976, 1999),²⁸ Foucault formula um argumento que rejeita a hipótese repressiva do sexo. Rejeita a hipótese de que o século XVII inaugura a idade de repressão, que viria a corresponder, na época Vitoriana, à repressão dos discursos sobre sexo (Foucault, 1976, 1999: 17). Defende, pelo contrário, que ocorreu um incitamento à formulação de discursos sobre o sexo:

Rather than the uniform concern to hide sex, rather than a general prudishness of language, what distinguishes these last three centuries is the variety, the wide dispersion of devices that were invented for speaking about it, for having it be spoken about, for inducing it to speak of itself, for listening, recording, transcribing, and redistributing what is said about it:

²⁷ Itálicos no original.

²⁸ Embora traduzida para o português, optámos citar a tradução inglesa desta obra de modo a uniformizar as citações de Michel Foucault.

around sex, a whole network of varying, specific, and coercive transpositions into discourse. Rather than a massive censorship, beginning with the verbal proprieties imposed by the Age of Reason, what was involved was a regulated and polymorphous incitement to discourse.

(Foucault, 1976, 1999: 34)

Os discursos sobre sexo proliferam na área da pedagogia, da medicina e da psiquiatria. A diversidade sexual foi extensamente tratada por um discurso emergente no século XIX – o discurso da ciência:

[...] a great archive of the pleasures of sex was gradually constituted. [...] Western societies thus began to keep an indefinite record of these people's pleasures. They [Krafft-Ebing, Havelock Ellis, ...] made up a herbal of them and established a system of classification. They described their everyday deficiencies as well as their oddities or exasperations.

(Foucault, 1976, 1999: 63-64)

O dispositivo responsável pela produção de discursos sobre o sexo – a *scientia sexualis* – possibilitou o aparecimento da «sexualidade» – que apareceu como verdade do sexo e dos seus prazeres (Foucault, 1976, 1999: 68). Isto significa que a sexualidade, segundo Foucault deve ser entendida como discurso. Um discurso que se tornou possível pelo estabelecimento de um novo campo de poder-saber legítimo (Foucault, 1976, 1999: 98).

Ao nível individual, um incitamento institucionalizado à prática discursiva da confissão da verdade (sobre o sexo) – que passará de religiosa a médico-científica – que pode ser entendida como um processo de individualização do poder (Foucault, 1976, 1999: 58-59). A “verdade sobre o sexo” será, pois, entendida como a verdade sobre a singularidade do indivíduo enquanto tal (Foucault, 1976, 1999: 77-78), a definição da identidade individual passará pela sexualidade.

Um dos momentos mais relevantes desta obra consiste na diferenciação entre o indivíduo que pratica o *acto* da sodomia e o *indivíduo* homossexual. A

diferença fundamental consiste entre um *acto* (ocasional) e uma *espécie* de indivíduo. O discurso sobre as perversidades permitiu a posição de sujeito do indivíduo homossexual, e consequentemente, o discurso reversivo:

There is no question that the appearance in nineteenth-century psychiatry, jurisprudence, and literature of a whole series of discourses on the species and subspecies of homosexuality, inversion, pederasty, and “psychic hermaphroditism” made possible a strong advance of social controls into this area of “perversity”; but it also made possible the formation of a “reverse” discourse: homosexuality began to speak in its own behalf, to demand that its legitimacy or “naturalness” be acknowledged, often in the same vocabulary, using the same categories by which it was medically disqualified.

(Foucault, 1976, 1999: 101)

A proliferação de discursos científicos sobre as “perversidades” do sexo referido por Foucault pode ser entendido como a origem da sexologia. O modelo médico do homossexual substituiu gradual, embora não completamente o modelo religioso do pecado sexual. A ciência apoderou-se da verdade sobre o sexo.

A sexologia adquiriu a autoridade de uma ciência, o seu discurso entende-se como a verdade. Segundo Jeffrey Weeks, o problema decorre do facto de a sexologia não se limitar a descrever sendo, por vezes, profundamente prescritiva, estabelecendo o que pode ser considerado normal (Weeks, 1987: 36). No que diz respeito à identidade, a sexologia pode surgir como uma imposição, obscurecendo a diversidade sexual através do mito do destino sexual (Weeks, 1987: 37). Por outro lado, não devemos esquecer que as categorias disponibilizadas permitiram o entendimento do indivíduo homossexual e consequente constituição de uma identidade própria, passível de autodefinição e actos de resistência (Weeks, 1981: 105-108), como consta no excerto acima citado da obra de Foucault.

Michel Foucault refere a constituição de um discurso reversivo que, aproveitando a proliferação de discursos sobre a perversidade no século XIX, se cons-

titui por meio das categorias estabelecidas pela psiquiatria, jurisprudência e literatura, reclamando a sua legitimidade (Foucault, 1976, 1999: 101).

Através da enunciação de discursos o sujeito poderá estabelecer-se como tal, apesar de a mesma ser limitada pelas práticas discursivas existentes e pelas posições de sujeito disponíveis. Chris Barker define o conceito de posição de sujeito da seguinte forma:

[...] discourse (as regulated ways of speaking/practice) enables speaking persons subject positions from which to make sense of the world while ‘subjecting’ speakers to those discourses. A subject position is that perspective or set of regulated discursive meanings from which discourse makes sense. To speak is to take up a pre-existing subject position and to be subjected to the regulatory power of that discourse.

(Barker, 2000: 174-175)

Apesar do reconhecido interesse teórico dos conceitos elaborados por Michel Foucault, principalmente do conceito de posição de sujeito, não poderemos deixar de referir que em termos da sua funcionalidade para os estudos lésbicos o seu contributo terá de ser reavaliado.²⁹ À semelhança do suposto carácter emancipatório das teorias da inversão sexual, a possibilidade de um discurso reversivo por parte do indivíduo homossexual corresponde a uma análise centrada na homossexualidade masculina. Adiado esta discussão para o segundo capítulo, limitamo-nos a recordar que, ao contrário da homossexualidade masculina, o lesbianismo não era considerado um crime na Grã-Bretanha; o que significa que a passagem do conceito de *crime* para o de *patologia* não constituiu nenhuma vantagem para o entendimento da identidade lésbica: “Female homosexual behaviour

²⁹ Susan J. Wolfe e Julia Penelope desenvolvem uma elaborada crítica à “história da sexualidade” de Foucault, que terá omitido uma análise do lesbianismo: “As his discussions make clear, Foucault focused on *male* homosexuality because it suited him to do so. [...] There were, in fact, Lesbians who joined gay men in the “reverse discourse” that Foucault mentioned, but their relation to the pronouncements of the sexologists and their role in the “reverse discourse” were problematic precisely because they were women.” (Wolfe & Penelope, 1993: 17; itálicos no original). Cf. “Sexual identity/Textual politics” In Wolfe, S. J. & Penelope, J. (Eds.). (1993). *Sexual practice, Textual theory. Lesbian cultural criticism*. Cambridge MA: Blackwell, 1-24.

was never illegal in Britain, though there were attempts to make it so in 1921, so the sexologists' contribution cannot be seen as positive in that way.” (Jeffreys, 1985, 1997: 106). Atribuir demasiado valor à teoria da homossexualidade desenvolvida pela sexologia poderá dissimular significados anteriormente atribuídos ao homoerotismo feminino. Em *The Well of Loneliness*, a teoria da inversão sexual ocupa o centro da representação lésbica, apesar da existência de outras formas de identidade, presente nas personagens secundárias.

Judith Butler: Género como Performatividade

Introduzida com o objectivo de disputar a fórmula “biologia é destino”, a distinção entre sexo e género serve o argumento de que, independentemente da intangibilidade biológica associada ao sexo, o género é culturalmente construído, e consequentemente flexível e alterável (Butler, : 9). Judith Butler foi responsável pela ruptura com este entendimento de sexo / género, disputando a ideia de que o sexo é puramente biológico, e de que o corpo de sexo feminino constitui a essência da identidade da mulher. Em *Gender Trouble* (1990, 1999), nega uma das principais teses estabelecidas pelos estudos de género. Butler defende que a distinção entre um sexo biologicamente determinado e um género social, discursivo, consiste numa distinção artificial, sendo o “sexo” à partida socialmente construído:

If the immutable character of sex is contested, perhaps this construct called “sex” is as culturally constructed as gender; indeed, perhaps it was always already gender, with the consequence that the distinction between sex and gender turns out to be no distinction at all.

(Butler, 1990, 1999: 10-11)

Segundo Butler, a fórmula “o sexo está para a natureza, como o género está para a cultura” é errónea, pois o género consiste no meio discursivo / cultural no qual se estabelece e produz a noção de um sexo natural como elemento pré-discursivo, anterior à cultura, como uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura actua (Butler, 1990, 1999: 11). Se o género deixa de ser entendido como a construção cultural possível (efeito) a partir de um determinado sexo biológico (causa), se o género deixa de ser a consequência para ser a causa, coloca-se o problema da consequência do género. Usando o esquema de uma relação de causalidade, pode dizer-se que o género corresponde, em simultâneo, à causa e ao efeito. O género constitui-se por si, não expressa um “facto” biológico; a identidade de género constitui-se *performativamente* através do que parece ser a sua expressão:

Gender is the repeated stylization of the body, a set of repeated acts within a highly rigid regulatory frame that congeal over time to produce the appearance of substance, of a natural sort of being.

(Butler, 1990, 1999: 43-44)

A repetição das práticas constituintes de género regulam-se pelo binário heterossexual, limitando a inteligibilidade de um indivíduo aos parâmetros do masculino ou do feminino.

Inteligibilidade do sujeito

Se a capacidade de agir implica a inteligibilidade enquanto sujeito, surge o problema do indivíduo não reconhecido como tal devido à sua ininteligibilidade de género. As categorias de sexo e de género encontram-se configuradas de acordo com uma matriz dualista e heterossexual – masculino e feminino. Não são toleradas ambiguidades, exige-se uma clara definição entre sexos e características

de género. Os responsáveis pela supervisão ou policiamento de género não são apenas os detentores do discurso médico-científico, estas acções operam-se voluntariamente no seio da sociedade civil.³⁰ Judith Butler refere as intervenções realizadas em bebés que nascem com corpos apresentando anomalias de género (Butler, 1990, 1999: 193). Isto indica uma preocupação compulsiva com a manutenção da normalidade, caracterizada pela clara diferenciação sexual entre masculino e feminino, e pelo comportamento heterossexual.³¹ Judith Halberstam lamenta a intransigência da sociedade quanto à manifestação de qualquer ambiguidade: “Ambiguous gender, when and where it does appear, is inevitably transformed into deviance, thirdness, or a blurred version of either male or female.” (Halberstam, 2004: 948).

As categorias que se regem pela oposição binária masculino / feminino são constringedoras e coercivas. No que diz respeito à identidade individual, podem impedir um sujeito de o ser de forma inteligível, por não se enquadrar em nenhum dos dois conjuntos de características de género inteligível: “‘Intelligible’ genders are those which in some sense institute and maintain relations of coherence and continuity among sex, gender, sexual practice, and desire.” (Butler, 1990, 1999: 23). Butler refere o facto de ser impossível entender o conceito de identidade independentemente da identidade de género, pois esta corresponde a um pré-requisito para a inteligibilidade como sujeito:

It would be wrong to think that the discussion of “identity” ought to proceed prior to a discussion of gender identity for the simple reason that

³⁰ Como exemplo do policiamento no seio da sociedade civil podemos referir o episódio narrado por Judith Halberstam. Devido à sua aparência masculina, a autora é recorrentemente abordada por seguranças, do aeroporto neste caso, por frequentar a casa de banho das senhoras. Lamenta o facto de as mulheres com uma aparência ambígua quanto ao seu género tenham que se confrontar com estas situações, sendo obrigadas a apresentar provas do seu género feminino (um tom de voz mais agudo, por exemplo), para justificar a sua presença na casa de banho supostamente errada (Halberstam, 2004: 947-949).

³¹ Judith Butler recomenda o sítio da The Intersex Society of North America (ISNA), <http://www.isna.org/>, para um esclarecimento sobre intersexualidade e cirurgia correctiva. Esta sociedade oferece informação sobre as alternativas a este tipo de cirurgia numa tentativa de contrariar a tendência da cirurgia pediátrica de “criar” um órgão reprodutor inteligível de acordo com o binário feminino e masculino, eliminando qualquer ambiguidade de sexo (biológico).

“persons” only become intelligible through becoming gendered in conformity with recognizable standards of gender intelligibility.

(Butler, 1990, 1999: 22)

Stephen Gordon apresenta uma identidade de género ininteligível no seio da sua comunidade, que valoriza a conformidade com os padrões de género, sexo e sexualidade estabelecidos. A sua diferença manifesta-se na incapacidade de encenar um género inteligível, feminino e heterossexual. Os seus interesses aproximam-se das características culturalmente associadas ao género masculino, embora a sua forma de encenar o género masculino seja igualmente ininteligível. No contexto de uma sociedade heteronormativa, Stephen será um sujeito ambíguo, discordante com qualquer um dos papéis de género estabelecidos. A sua interpretação de feminilidade afasta-se da norma, sendo entendida como masculinidade, a única alternativa disponível. Ao longo do percurso desta personagem, a masculinidade feminina torna-se num conceito perceptível, associando-se à orientação lésbica de Stephen, enquadrando-se perfeitamente no modelo da teoria da inversão sexual, como iremos demonstrar no próximo capítulo.

Capítulo II

A Teoria da Inversão Sexual

I thought that after talking to me he would decide that I was normal and leave me alone. But I was beginning to understand something about normality. Normality wasn't normal. It couldn't be. If normality were normal, everybody could leave it alone. They could sit back and let normality manifest itself. But people – and especially doctors – had doubts about normality. They weren't sure normality was up to the job. And so they felt inclined to give it a boost.

(Jeffrey Eugenides)

As sucessivas críticas a *The Well of Loneliness* derivam principalmente da insistência da autora na teoria da inversão sexual. Independentemente do intuito emancipatório da nova ciência da sexologia, o discurso desta constrói a homossexualidade como degenerescência nervosa ou condição patológica. Radclyffe Hall estava familiarizada com as teorias de vários autores que se dedicaram ao estudo e à classificação da chamada inversão sexual, tendo mesmo adoptado a denominação dos sexólogos para a sua sexualidade. Neste capítulo, comentaremos os autores mais relevantes para compreender a representação da identidade lésbica em *The Well of Loneliness*, nomeadamente, Karl Heinrich Ulrichs, Richard von Krafft-Ebing, Edward Carpenter e Henry Havelock Ellis. Analisando as personagens desta obra, iremos demonstrar em que medida estas são construídas em sintonia com as/os invertidas/os descritas/os nos vários estudos referidos. Resta averiguar se a construção das personagens enquanto invertidas possibilita a articulação de um discurso reversivo, tal como definido por Michel Foucault.

O discurso da sexologia

Na sua obra *The will to knowledge. The history of sexuality: I*, Michel Foucault refere que não devemos imaginar o mundo do discurso partilhado entre o discurso aceite e o discurso excluído, ou o discurso dominante e o dominado; devemos, sim, entender o mesmo como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem funcionar em estratégias diversas (Foucault, 1976, 1999: 100). Se entendermos o emergir do discurso da sexologia de acordo com a reflexão de Foucault, percebemos como o mesmo foi possível devido a factores favoráveis ao estudo da sexualidade no contexto dos discursos predominantes:

If sexuality was constituted as an area of investigation, this was only because relations of power had established it as a possible object; and conversely, if power was able to take it as a target, this was because

techniques of knowledge and procedures of discourse were capable of investing it.

(Foucault, 1976, 1999: 98)

Se o discurso religioso, que define a prática de actos homossexuais como pecado e vício, constituiu o discurso predominante sobre a homossexualidade até às últimas décadas do século XIX, não podemos, no entanto, conceber uma transição completa e definitiva deste para um discurso considerado mais tolerante que define a homossexualidade como uma condição biológica inata, embora patológica, cuja responsabilidade não pode ser imputada ao indivíduo. O discurso médico sobre a homossexualidade terá substituído gradualmente o religioso na complexa dinâmica de elementos discursivos da psiquiatria, da jurisprudência e da literatura. Face ao surgimento de discursos alternativos que contestam a concepção da homossexualidade como pecado, o discurso religioso torna-se obsoleto, embora o seu ressurgimento seja provável e de facto ocorre pontualmente ainda nos nossos dias.

Michel Foucault aponta para uma data específica³² – a da publicação de um artigo de Westphal sobre “as sensações sexuais contrárias” – para o surgimento do homossexual enquanto indivíduo (Foucault, 1976, 1999: 43). A partir do momento em que sexólogos como Westphal se dedicam ao estudo destas “sensações sexuais contrárias”, constrói-se uma figura com determinadas características, físicas e psicológicas. Se até finais do século XIX a prática de actos homossexuais era considerada um comportamento condenável enquanto vício, pecado, ou perversão do apetite sexual, a partir do momento em que o foco recai sobre o indivíduo, em detrimento do acto, constitui-se uma identidade sexual específica. Esta identidade sexual passa a corresponder a um indivíduo com determinadas caracte-

³² Michel Foucault, tal como Havelock Ellis (Ellis, 1901, 1921: 65), refere o ano de 1870, ao contrário de outros autores consultados, que remetem para o ano de 1869 (Greenberg, 1997: 187; Faderman, 1985: 239).

rísticas:

The nineteenth-century homosexual became a personage, a past, a case history, and a childhood, in addition to being a type of life, a life form, and a morphology, with an indiscreet anatomy and possibly a mysterious physiology.

(Foucault, 1976, 1999: 43)

No seu ensaio “From Sexual Inversion to Homosexuality: Medicine and the Changing Conceptualization of Female Deviance”, George Chauncey (1982) analisa a evolução de conceitos no seio do modelo médico da homossexualidade com base num conjunto de estudos publicados nos Estados Unidos da América entre 1880 e 1930. Demonstra, entre outros, que nesse período a aceção de sexualidade feminina evoluiu e que a inversão sexual enquanto fenómeno conceptual abrangia um vasto conjunto de identidades sexuais, ao contrário do conceito actual de homossexualidade, que apenas denota o sexo da pessoa que constitui o objecto do desejo (Chauncey, 1982: 119). Chauncey pretende com o seu estudo contestar a ideia de uma repentina e completa substituição de um modelo por outro e a conseqüente constituição de identidades, ideia que entende ser frequentemente sugerida por críticos na área da história da (homo)sexualidade:

But it would be wrong to assume, I think, that doctors created and defined the identities of “inverts” and “homosexuals” at the turn of the century, that people uncritically internalized the new medical models, or even that homosexuality emerged as a fully defined category in the medical discourse itself in the 1870s.

(Chauncey, 1982: 115)

Ao concordarmos com esta afirmação, há dois aspectos a referir. O primeiro consiste no nascimento da homossexualidade referido por Foucault, que obviamente nunca poderá ser entendido com o imediatismo implicado. Isto por-

que o chamado modelo médico da homossexualidade corresponde a um conjunto de teorias que se aproximam quanto ao objectivo fundamental de contrariar a noção de pecado e crime, mas que, no entanto, divergem relativamente aos detalhes teóricos. O segundo aspecto prende-se com a heterogeneidade do modelo, perceptível na breve descrição teórica dos sexólogos incluída neste capítulo. A própria Radclyffe Hall pode ser referida como um exemplo do aproveitamento muito personalizado das teorias disponíveis na construção da sua identidade sexual, sendo admirável a miscelânea de teorias de sexologia apresentada em *The Well of Loneliness* onde, para mais, se justapõe a um discurso religioso subvertido que serve de argumento para a aceitação da/o invertida/o pelo seu Criador.

Carl von Westphal terá sido o primeiro a conferir ao estudo da inversão sexual uma base supostamente científica. David Greenberg (1997: 187) e Lilian Faderman (1985) referem o ano de 1869 como ano de publicação do estudo de Westphal, “Die Konträre Sexualempfindung”,³³ o primeiro a identificar uma pessoa como “invertida congénita”³⁴ (Faderman, 1985: 239). Foi o início de um processo que implicaria a descriminalização de um acto – a sodomia – e a simultânea criação de um tipo de indivíduo – a/o invertida/o congénita/o.

A descriminalização consiste num dos objectivos principais da ciência emancipadora em formação, a sexologia, que cedo se dedicou às questões legais da sexualidade, no sentido de definir a inversão sexual como patologia em detrimento da ideia de vício, de pecado e, principalmente, de crime a ela associadas até então. Ulrichs pode ser considerado o primeiro activista pela legalização do amor homossexual, mas os seus panfletos nunca ascenderam ao estatuto de estudos

³³ Carl von Westphal, “Die Konträre Sexualempfindung”, *Archiven für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*, Vol. II (1869), pp. 73-108 (Faderman, 1985: 452).

³⁴ A expressão “sentimento sexual contrário” foi substituída pelo conceito inversão sexual, traduzido do italiano: “In 1871, an anonymous review of Westphal’s essay in the London *Journal of Mental Science* first translated the German *contrary sexual feeling* into English as ‘inverted sexual proclivity.’ That urge inverted the proper, procreative ‘sexual proclivity’ of men and women.

In 1878, an article in an Italian medical review, by a Dr. Tamassia, first used the phrase ‘inversione sessuale’. Translated into English, ‘sexual inversion’ became a second prominent contender in the fin de siècle aberration-labeling sweepstakes.

In 1897, the medically trained Havelock Ellis first used ‘sexual inversion’ in a publicly printed English work.” (Katz, 1995: 54-53).

Quanto à expressão portuguesa, podemos observar o a sua utilização num estudo do Dr. Asdrúbal António D’Aguiar datado de 1926, “Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa. Contribuição para o estudo da inversão sexual” (Aguiar: 1926).

científicos. Krafft-Ebing, com a reconhecida autoridade no seio da comunidade médico-científica alemã, apela à necessidade de uma reforma legal – devidamente informada pelos avanços científicos na área da sexualidade, contendo a sua obra, *Psychopathia Sexualis*, um capítulo dedicado aos crimes sexuais (Knauer, 2000: 417). Carpenter, por sua vez, não como cientista, mas enquanto ensaísta, preocupado com questões sociais no geral, e com os direitos dos homossexuais em particular, apela à tolerância da sociedade. Afirma que as leis que proibam actos homossexuais são obsoletas, acentuando as vantagens decorrentes da integração dos indivíduos homossexuais na tessitura social. Finalmente, Havelock Ellis, que integra um volume sobre inversão sexual num conjunto de volumes de “estudos sobre a psicologia do sexo”, afasta-se da noção de patologia, embora não se dedique extensivamente a questões de reforma legal.

Os estudos em questão correspondem ao nascimento de uma nova especialidade médica. Joseph Bristow afirma que foi a partir da década de 1890 que sexualidade começou a ser associada a tipos de pessoas e a formas de atracção erótica (Bristow, 1997: 4). Aliás, as palavras heterossexualidade e homossexualidade terão sido utilizadas, pela primeira vez, na língua inglesa, em 1892, na tradução de *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing (Bristow, 1997: 4),³⁵ já existindo no léxico científico alemão a palavra homossexualidade, introduzida por Karoly Maria Kertbeny (Cascais, 2004: 23):

Com efeito, e ao contrário do que geralmente se diz e se acredita, o termo homossexualidade parece ter sido forjado com o intento de servir a uma ciência emancipatória antes mesmo que a própria ciência *mainstream* dele se apropriasse com aquilo que Michel Foucault denominou a sua vontade de saber [...]. E tão rapidamente a ciência *mainstream* se apropriou do termo que longamente pôde prevalecer a tese contrária, segundo a qual o termo é criação sua. Por outro lado, não deixa de haver verdade na ideia de que a entidade do homossexual é obra da ciência moderna. A percepção da ambiguidade intrínseca a essa ciência, que tanto pôde servir o controle

³⁵ Sobre a genealogia dos termos inversão sexual, homossexualidade e heterossexualidade consulte *The invention of heterosexuality* de Jonathan Ned Katz (1995).

como a emancipação, foi porém muito tardia, de tal modo que se pôde manter desde os tempos heróicos de Ulrichs, pervadindo a (homo)sexologia de Richard Kraft-Ebbing (sic) [...] de Edward Carpenter [...], de Henry Havelock Ellis [...] e Magnus Hirschfeld [...].

(Cascais, 2004: 23)

Enquanto os textos de John Addington Symonds³⁶ e de Edward Carpenter podem ser entendidos como servindo principalmente a emancipação, já na obra de Krafft-Ebing e Havelock Ellis, com o discurso marcadamente médico, a ambiguidade intrínseca a esta ciência da sexologia está bem patente. Aparentemente emancipatório, com o seu propósito de reformar a legislação, o tratado de Krafft-Ebing confere-lhe o poder de estabelecer normas para a identificação de uma patologia. A sexologia integra um discurso científico regulador das sexualidades desviantes, dissimulando-se a sua autoridade através do manifesto interesse, não necessariamente hipócrita, pelo indivíduo analisado. Joseph Bristow menciona que a sexologia deixou à sociedade moderna um legado contraditório. Por um lado, possibilitou um debate mais sério e aberto sobre sexo a todos os níveis da sociedade, promovendo um aconselhamento sobre problemas sexuais, quer em termos emocionais, quer em termos físicos. Por outro, a sexologia mostrou-se preocupantemente indiferente à contingência histórica do método científico aplicado em determinar as práticas sexuais adequadas e impróprias ou em definir desvio e normatividade (Bristow, 1997: 15).

Knauer afirma que o modelo médico-científico da inversão sexual, apesar de aparentemente favorável à emancipação, terá sido contestado desde a sua génese, permanecendo controverso, nunca tendo sido adoptado como o discurso dominante sobre a homossexualidade, mesmo entre os de “sentimentos sexuais contrários” (Knauer, 2000: 412). Refira-se que muitas das mulheres do grupo de Radclyffe Hall não se identificavam com este modelo essencialista de lesbianismo. Numa recensão crítica a *The Well of Loneliness*, para o jornal *Time and*

³⁶ “In 1883 he published, privately in a limited edition, *A Problem in Greek Ethics*, almost certainly the first serious British work on homosexuality. This did not emerge from medicine, which in Britain largely ignored deviations of desire except in their forensic aspects or as manifestations of insanity.” (Hall, 2000: 34).

Tide, de 10 de Agosto de 1928, Vera Brittain demonstrou esse seu desagrado pelo insistente decalque dos modelos de inversão congênita, realizado por Hall nesta obra.

Na recensão, integrada na antologia *Palatable Poison* (Doan & Prosser, 2001), Brittain questiona até que ponto as características da personagem Stephen Gordon correspondem a indícios de uma condição congênita, criticando a rígida distinção entre as características de gênero femininas e masculinas levada a cabo ao longo da obra: “This confusion between what is “male” or “female” and what is merely human in our complex makeup, persists throughout the book.” (Doan & Prosser, 2001: 60). Quanto à insistência de Hall nas preferências supostamente masculinas da jovem Stephen, Brittain declara simplesmente que aquelas parecem ser as de qualquer rapariga vigorosa, com mais vitalidade e inteligência que as suas colegas (Doan & Prosser, 2001: 60).

Outro alvo de severas críticas por parte das suas contemporâneas foi a opção de Radclyffe Hall, porventura inspirada nos estudos de caso dos sexólogos, de ampliar o elemento trágico da experiência dos homossexuais nomeadamente, na sua representação da vida nocturna da comunidade homossexual parisiense,³⁷ patente na seguinte definição e desenvolvido ao longo de um capítulo inteiro (Chapter 48): “That spring they made their first real acquaintance with the garish and tragic night life of Paris that lies open to such people as Stephen Gordon.” (384).

Com o intuito ubíquo de apelar à tolerância³⁸ para com os invertidos, Hall acabaria por representar, de uma forma considerada excessiva por muitos dos seus contemporâneos, o sofrimento, a discriminação social e as suas consequências a nível individual. Esther Newton apoia a escolha de Hall, afirmando que, apesar de uma classe média alta inglesa e francesa poder evitar as contrariedades decorren-

³⁷ “Hall’s portrayal of the Paris homosexual community had deeply disturbed many of her friends. The Parisian counterparts to her depressing fictional bars – the Ideal Bar, Le Narcisse and Alec’s Bar – were by no means the only homosexual communities in Paris. [...] Barney’s group were singularly less interested in writing propaganda pieces about tolerance for inverts than in fostering the growth of a positive identity and sense of community amongst lesbians themselves.” (Cline, 1998: 273-274).

³⁸ Cf. Introdução.

tes da sua orientação sexual, de certo haveria indivíduos impossibilitados de o fazer:

Lesbian feminists condemn it for presenting lesbians as different from women in general. But *The Well* has continued to have meaning to lesbians because it confronts the stigma of lesbianism – as most lesbians have had to live it. Maybe Natalie Barney, with her fortune and her cast-iron ego, or married Virginia Woolf, were able to transcend the patriarchy, but most lesbians have had to face being called, or at least feeling like, freaks.

(Newton, 1989: 90)

Radclyffe Hall escolheu a teoria médica da inversão congénita como principal fonte para o seu romance, apesar de haver múltiplas perspectivas alternativas sobre o lesbianismo. A perspectiva essencialista desta teoria coincide com os argumentos que Hall haveria de querer popularizar na sua defesa do direito à existência dos homossexuais. O seu objectivo consistia num apelo à tolerância, dirigido à sociedade heterossexista,³⁹ ao mesmo tempo que pretendia apoiar os invertidos solitários em todo o mundo. A vertente emancipatória contida no discurso da sexologia deverá ter aliciado Hall, que procurou o consentimento de Havelock Ellis para o seu romance, pois pretendia-o cientificamente exacto na sua representação ficcional.

Torna-se relevante apontar que a preocupação dos sexólogos em regulamentar a área das patologias sexuais no sentido de as descriminalizar, se insere no estabelecimento de uma teoria da inversão sexual masculina. O comentário à homossexualidade feminina surge à margem, em concisos capítulos finais ou notas de fim de página, predominando evidências da ignorância dos autores relativamente à mesma. A constante invisibilidade do homoerotismo feminino, ou sua

³⁹ Conceito recente no nosso vocabulário, heterossexismo pode ser definido como o conjunto de valores que entende a heterossexualidade como superior, sendo a prática sexual mais “natural” ou consistindo no relacionamento “ideal” (Carneiro & Menezes, 2004: 15), tendo como consequência a invisibilidade da homossexualidade. Bonnie Zimmerman define heterossexismo como “the set of values and structures that assumes heterosexuality to be the only natural form of sexual and emotional expression” (Zimmerman, 1993: 34).

diminuta importância ao longo da história, viria a contribuir para a sua relativa impunidade. As práticas sexuais entre duas mulheres conseguiram eximir-se à criminalização, em parte, devido ao conceito dominante de acto sexual.⁴⁰ Na ausência de penetração por um órgão sexual masculino, o acto sexual era considerado simplesmente impossível.⁴¹ Outro factor, responsável pela impunidade, decorre da suposta letargia sexual feminina da classe média oitocentista. Lilian Faderman demonstra como até às últimas décadas do século XIX predominava o ideal da mulher pura, assexuada e sem apetite sexual. O ideal associado à mulher da classe média correspondia à essência do ser feminino. Faderman refere um caso de duas mulheres inglesas que, acusadas de comportamento indecente, ripostam com um processo por calúnia. Independentemente do tipo de relacionamento destas duas mulheres, a ideologia⁴² predominante concebia a sexualidade feminina de acordo com a passividade e a subalternidade associadas ao género feminino, ou seja, inexistente excepto na presença do elemento masculino. Esta concepção de sexualidade feminina surge como uma vantagem no caso de uma denúncia por conduta indecente, sendo-lhes possível processar os autores da calúnia:

In the male view, it was incredible that women such as Woods and Pirie could be capable of blatant sexual exhibitionism, since they did not even possess a sexual appetite; a sexual act without a male initiator, one which required autonomous drive, would be unthinkable. The eighteenth century

⁴⁰ Jonathan Katz refere: “The early-nineteenth-century middle-class fixation on penis-vagina coitus implied that numerous pleasurable acts *not* involving the “penetration” of this specific female part by this specific male part were *not* thought of as prohibited, or even as “sexual.” (Katz, 1995: 47; itálicos no original).

⁴¹ Lilian Faderman demonstra que esta definição de acto sexual prevaleceu em vários momentos históricos (1985: 24, 32, 36). A título de exemplo, citamos o seguinte excerto – “Yet because love without a penis was an impossibility to sixteenth-century England, women were allowed to demonstrate the most sensual behavior toward one another without suffering the stigma associated with such behavior in more recent times.” (Faderman, 1985: 32).

⁴² Cf. n. 21, p. 27.

believed a good woman was sexually dormant, and the nineteenth century promulgated that idea with a vengeance.

(Faderman, 1985: 153-154)

Esta relativa impunidade do lesbianismo decorre das concepções predominantes de género.⁴³ No caso da época referida, a Europa dos séculos XVIII e XIX, de forma muito sucinta e generalizada, o género feminino poderia caracterizar-se pela dependência emocional e socio-económica, dos pais enquanto solteira, e do marido, após o casamento. O género feminino corresponderia a uma posição subalterna e passiva. Neste contexto ideológico, com os seus papéis de género rigidamente estabelecidos, qualquer comportamento de género desviante desta norma – ambição, desejo por independência, iniciativa a nível sexual, por parte do género feminino – seria alvo de uma inevitável represália. George Chauncey refere que o manifesto interesse dos profissionais de medicina por questões de desvios sexuais indica uma significativa mudança relativamente à aceção da sexualidade feminina e que cada rumo desta pesquisa corresponde a uma resposta a determinadas variantes ou desafios ao sistema de sexo / género⁴⁴ vitoriano. Ou seja, os estudos de sexologia definiam a prioridade de acordo com as transformações sociais indesejadas:

While the changing focus of medical inquiry into sexual deviance reflected a broad shift in conceptualization, each stage in that inquiry can be analyzed as a response to particular changes in and challenges to the Victorian sex / gender system such as the women's movement, the

⁴³ Refira-se, a propósito, o muito citado episódio apócrifo que narra a incredulidade da rainha Vitória de Inglaterra relativamente à existência de práticas lésbicas, evitando-se a emenda de uma lei que iria incluir a homossexualidade feminina nas práticas obscenas e indecentes legalmente puníveis. Lesley Hall identifica a rainha como metonímia da relutância vitoriana em conceber autonomia sexual em mulheres. (Hall, 2000: 39).

⁴⁴ Chauncey aproveita o conceito de “sex / gender system” introduzido por Gayle Rubin. O sistema de sexo / género remete para os vários sistemas sociais responsáveis pela estruturação da sexualidade, do género e da procriação (Chauncey, 1982: 116).

growing visibility of urban gay male subcultures, and the changing gender structure of the economy.

(Chauncey, 1982: 116)

Contudo, mesmo numa fase anterior ao estudo da inversão sexual da mulher, num contexto ideológico que associa a passividade à sexualidade feminina, Lilian Faderman demonstra que a impunidade cessa a partir do momento em que a mulher rejeita o papel feminino instituído (1985: 48). Ou seja, se uma das mulheres tentasse reclamar para si os privilégios exclusivamente masculinos, o processo não decorreria da mesma forma (Faderman, 1985: 47). Denúncias por travestismo ou pelo uso de acessórios sexuais que permitissem a penetração, por exemplo, poderiam conduzir a penas severas (Faderman, 1985: 54). Apesar das exceções referidas, podemos afirmar que a reforma legislativa não traria nenhum proveito extraordinário às mulheres lésbicas, muito pelo contrário, pois a medicalização do lesbianismo não corresponde a um mal menor, como no caso da homossexualidade masculina. A relativa impunidade e o consentimento social de afectos entre mulheres seria substituído pela ideia do lesbianismo como um comportamento impróprio e sexualmente desviante. Mesmo se a impunidade impede a visibilidade do lesbianismo, há que ponderar em que medida uma visibilidade marcada pelos rótulos do anormal, do desviante e da degenerescência terá contribuído para o estabelecimento de uma comunidade e identidade lésbicas. O argumento em defesa do discurso científico da sexologia como meio de facilitar um discurso reversivo faz mais sentido quando aplicado à homossexualidade masculina.

Os pioneiros

Entre os pioneiros da sexologia do século XIX, encontra-se Karl Heinrich Ulrichs (1825-1895), responsável por uma detalhada tipologia dos desvios sexuais, elaborada nos seus panfletos, publicados nos anos sessenta e setenta do

século XIX (Bristow, 1997: 20). Sem crédito por parte da comunidade médico-científica alemã, Ulrichs todavia empenhou-se em justificar a naturalidade de relações sexuais entre homens (Bristow, 1997: 20). A terminologia deriva de uma obra de Platão, *Simpósio*, ou *O Banquete*. Atribuiu ao amor homossexual a designação de “uranismo”. O indivíduo que deseja alguém do mesmo sexo é um “Urning”, no caso do sexo masculino e uma “Urningin” no caso do sexo feminino. Estabelece-se, assim, o terceiro sexo, nem homem, nem mulher, e como o sexo biológico não corresponde ao “género da mente”, há uma inversão (Bristow, 1997: 21-22). Esta inversão seria de natureza congénita (Bristow, 1997: 21). Ulrichs tornar-se-ia num ponto de referência para os investigadores posteriores, como, por exemplo, Krafft-Ebing (Bristow, 1997: 20). Ao defender que os “Urnings” detêm corpos masculinos, enquanto que a sua disposição geral, incluindo desejo sexual, é feminina, Ulrichs estabelece os fundamentos de uma concepção de homossexualidade – sendo esta caracterizada pela inversão das características de género – responsável por grande parte dos preconceitos relativamente aos homossexuais:⁴⁵

Contrary to its aims, this idea would have a lasting and damaging influence on twentieth-century prejudices against homosexuals. For it set the trend for imagining that lesbians and gay men were ‘inverts’. One of the myths that has circulated most widely about lesbians and gay men is that both sexual identities involve the inversion of assumed gender norms – so that the butch lesbian and the effeminate gay man have often been the recognizable stereotypes that serve to caricature and thus condemn styles of homosexual dissidence.

(Bristow, 1997: 21-22)

⁴⁵ Em oposição a este argumento, Greenberg (1997) defende que, mesmo antes do século XIX, nomeadamente, no início do século XVIII, terá havido registos de uma feminilidade masculina, homens – “mollies” – que se congregavam em tabernas, onde se transvestiam e imitavam mulheres (Greenberg, 1997: 186): “Some historians have suggested that the notion of homosexuals being effeminate, or of lesbians being masculine, was an invention of European physicians of the late nineteenth century. The historical evidence clearly refutes this contention. Gender transformation was not invented by doctors in the late nineteenth century; for men it developed indigenously within the sodomitical subcultures that formed in early modern European and nineteenth-century American cities.” (Greenberg, 1997: 187).

As categorias de Ulrichs tentam abranger todos os tipos e subtipos de variantes sexuais, numa tentativa de encontrar uma linguagem adequada para o fenómeno em análise (Bristow, 1997: 23). Nota-se, no entanto, a incapacidade de se afastar da dualidade de sexos. Neste sentido, todos os seus tipos se regem pelo princípio da diferença sexual, que corresponde ao princípio da atracção entre os opostos, feminino e masculino (Bristow, 1997: 24).

Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), médico psiquiatra de Viena, dedicou-se ao estudo de todo o tipo de desvios sexuais. A sua obra *Psychopathia sexualis* – cuja primeira publicação em 1886⁴⁶ foi sendo revista e ampliada (Bristow, 1997: 19) – acentua o elemento patológico supostamente presente nestes desvios sexuais. À semelhança de Ulrichs, desenvolve um esquema taxonómico de tipos sexuais. É fundamental entender que as teorias da inversão sexual não tiveram um intuito essencialmente descritivo. As classificações serviam o propósito de diagnosticar o tipo de anomalia sexual e conseqüente tratamento, preventivo ou punitivo: “[...] the sexologists asserted that the truths they discovered should be used to inform (or even control) legal and other decisions concerning the regulation of sexuality.” (Knauer, 2000: 413).

Krafft-Ebing analisa a inversão sexual enquanto uma das múltiplas perversões sexuais existentes no ser humano. A inversão sexual corresponde a um instinto sexual contrário, ou seja, oposto ao que caracteriza o sexo a que o indivíduo pertence. Knauer explica que, para Krafft-Ebing, a inversão congénita seria o efeito de degenerescência, enquanto a inversão adquirida teria influências externas: “Krafft-Ebing considered congenital inversion to be ‘a functional sign of degeneracy’ and speculated that acquired inversion also was due to a ‘predisposition’ that ‘requires the influence of accidental exciting causes to rouse it from its slumber’.” (Knauer, 2000: 414-415). Krafft-Ebing identificou quatro níveis crescentes de inversão, partindo do que poderíamos designar por bissexualidade, em que a suposta anomalia não se exterioriza, até uma homossexualidade

⁴⁶ Para uma cronologia das diversas edições alemãs e traduções para o inglês, consulte: <http://www.datenschlag.org/bisam/literaturverzeichnis/key/k.html#Kra86> (consultado Novembro 2006).

reconhecível pelo estigma dos invertidos, sobretudo pelas características do género oposto.

Edward Carpenter (1844-1929), ensaísta inglês e apologista dos direitos dos homossexuais, contribuiu para o estabelecimento do conceito de “terceiro sexo”. Na sua obra, *The Intermediate Sex: A Study of Some Transitional Types of Men and Women*, cuja primeira edição data de 1908, apela à necessidade de se reconhecer como legítimos determinados tipos sexuais, conferindo-lhes o seu devido lugar no esquema social (Carpenter, 1912: 15). Entre os pólos masculino e feminino, reconhece uma área intermédia em que se situam indivíduos cujas características combinam, de forma harmoniosa, elementos femininos e masculinos (Carpenter, 1912: 17). Apesar de admitir que o grupo constitui, na altura, um problema que deverá ser amplamente discutido (1912: 25-26), Carpenter afasta-se da ideia de patologia e de aberração (1912: 23-25), acentuando as vantagens destes indivíduos enquanto intérpretes sociais, ou seja, elos entre homens e mulheres (1912: 18). Os indivíduos pertencentes ao “terceiro sexo” poderiam contribuir para o desenvolvimento da sociedade em geral e deveriam ser aceites enquanto elementos úteis – “it becomes a duty for society not only to understand them but to help them to understand themselves.” (Carpenter, 1912: 24).

Na sua caracterização do “sexo intermédio”, Carpenter refere ainda que, em termos físicos, nada os poderá distinguir de mulheres e homens considerados normais (1912: 27), enquanto, relativamente a características psicológicas, admite existir neles um “temperamento especial” (1912: 26). Ao enumerar as características gerais do “tipo intermédio”, associa a cada um dos elementos traços psicológicos geralmente associados ao sexo oposto. Deste modo, o homem do tipo intermédio seria dócil, com tendência a ser evasivo, tímido e vaidoso, enquanto a mulher do tipo intermédio corresponderia ao oposto – activa, ardente, ousada, verdadeira, com tendência a ser brusca e rude. A mulher do tipo intermédio teria um raciocínio mais lógico, científico e preciso do que é comum na mulher dita normal (1912: 27):

So marked indeed are these general characteristics that sometimes by means of them (though not an infallible guide) the nature of the boy or girl

can be detected in childhood, before full development has taken place; and needless to say it may often be very important to be able to do this.

(Carpenter, 1912: 27)

À semelhança dos sexólogos, nomeadamente Krafft-Ebing, Carpenter distingue entre inversão inata, ou congénita (“these born lovers of their own kind”), e um tipo de comportamento que deriva de mera curiosidade erótica ou do facto de o indivíduo ser privado de satisfazer o apetite sexual de forma normal (heterossexual), conduzindo a práticas homossexuais (Carpenter, 1912: 55).⁴⁷ Carpenter diferencia apenas dois grupos dentro do sexo “intermédio”, o tipo mais “extremo e exagerado” e o tipo “mais normal e perfeito” (1912: 29). Assim, distingue a mulher “homogénica” considerada mais normal e perfeita – que constitui o espécime mais saudável – do espécime mais extremo da mulher invertida:

[...] as the extreme type of the homogenic female, we have a rather markedly aggressive person, of strong passions, masculine manners and movements, practical in the conduct of life, sensuous rather than sentimental in love, often untidy, and *outré* in attire; her figure muscular, her voice rather low in pitch; her dwelling-room decorated with sporting-scenes, pistols, etc., and not without a suspicion of the fragrant weed in the atmosphere [...].

(Carpenter, 1912: 30-31)

Edward Carpenter refuta o carácter mórbido e a noção de degenerescência e patologia associados à inversão sexual. Refere outros estudos na área da sexologia que teriam contribuído para um gradual afastamento desta aceção (Carpenter, 1912: 54-55). Lamenta o facto de autores como Krafft-Ebing, continuem a sustentar a existência de algum tipo de neurose ligada à inversão. Carpenter sugere que se interpretem os possíveis distúrbios psicológicos dos invertidos, enquanto

⁴⁷ “[...] that class of persons [...] who out of mere carnal curiosity or extravagance of desire, or from the dearth of opportunities for more normal satisfaction (as in schools, barracks, etc.) adopt some homosexual practices.” (Carpenter, 1912: 55).

consequência do estigma social associado à inversão e não como causa da mesma. O estigma social relacionado com esta orientação sexual é nefasto, impossibilitando um saudável desenvolvimento dos afectos do “terceiro sexo” (1912: 62). Sustenta a ideia do congénito, portanto, natural e saudável, para o indivíduo invertido:

[...] the feeling is, as said, so deeply rooted and twined with the mental and emotional life that the person concerned has difficulty in imagining himself affected otherwise than he is; and that to him at least his love appears healthy and natural, and indeed a necessary part of his individuality.

(Carpenter, 1912: 56)

Carpenter comenta ainda que, no que diz respeito à legislação, será despropositada qualquer tentativa de regular o que diz respeito a actos privados e voluntários entre pessoas adultas (1912: 79). Refere as vantagens que podem decorrer de uniões entre pessoas do mesmo sexo, nomeadamente na área do desenvolvimento educacional, social e humano, cujo contributo poderá superar o que é esperado de um casamento convencional (heterossexual), cujo dever principal consiste na reprodução (1912: 81-82). Carpenter delega responsabilidades na área da educação e do progresso social aos homossexuais, que não devem ser exigidas aos indivíduos imersos em deveres conjugais. Ao enaltecer as suas qualidades a nível artístico e cultural, pretende conferir ao homossexual o respeito e o reconhecimento social (Carpenter, 1912: 15).

O próprio autor enuncia um discurso reversivo, pois confere um valor positivo à diferença sexual e às características inerentes estabelecidas através do discurso científico. Constrói a ideia de um homossexual moralmente superior, com o dom extraordinário da perspectiva dupla (do homem e da mulher), nomeado para exercer um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade:

Anyhow, with their extraordinary gift for, and experience in, affairs of the heart – from the double point of view, both of the man and of the woman – it is not difficult to see that these people have a special work to do as reconcilers and interpreters of the two sexes to each other.

(Carpenter, 1912: 14)

Henry Havelock Ellis (1859-1939), discípulo de Krafft-Ebing, terá sido a principal autoridade relativamente ao tema da inversão sexual em Inglaterra. Além disso, foi o que mais directamente influenciou Radclyffe Hall, que chegou a contactá-lo na altura em que escrevia *The Well of Loneliness* e entregou-lhe um manuscrito da obra com o intuito de conquistar o seu assentimento e um curto prefácio à obra. Havelock Ellis começou a trabalhar em *Studies in the Psychology of Sex* em 1893, que resultaria numa obra de vários volumes sobre diversas vertentes da sexualidade humana. O primeiro volume, *Sexual Inversion*⁴⁸ – cuja primeira edição, em 1896, foi em alemão, sob o título *Das Konträre Geschlechtsgefühl* –, acabaria por corresponder ao segundo volume desta colecção, numa segunda edição inglesa. Seguiram-se sucessivas edições, alteradas de acordo com as perspectivas em mudança do autor. Desta forma, Havelock Ellis substituiu os termos “inversão simples” – que inclui os indivíduos que se sentem atraídos apenas por elementos do mesmo sexo – e “hermafroditismo psicosexual” – que designa a atracção por ambos os sexos – pelos conceitos actuais, recentes na altura, homossexualidade e bissexualidade:

The simplest of all the earlier classifications [...] merely seeks to distinguish between those who, not being exclusively attracted to the opposite sex, are exclusively attracted to the same sex, and those who are attracted to both sexes. The first are the homosexual, whether or not the attraction springs from genuine inversion. The second are the bisexual [...].

There would thus seem to be a broad and simple grouping of all sexually

⁴⁸ John Addington Symonds fora o colaborador inicial. Viria a falecer repentinamente em 1893, poucos meses após início do projecto. Ellis terminaria a obra *Sexual Inversion*, apesar de esta ser publicada apenas em seu nome, devido à oposição de familiares de Symonds, relutantes em ver associado o seu nome, postumamente, a uma temática tão controversa.

functioning persons into three comprehensive divisions: the heterosexual, the bisexual, and the homosexual.

(Ellis, 1901, 1921: 87-88)

Ao longo da obra o termo mais usado continua a ser inversão sexual, apesar de o conceito homossexualidade ser utilizado esporadicamente. Quanto à expressão heterossexualidade, apesar de surgir neste parágrafo, Ellis continua a recorrer aos termos normal e normalidade como forma de distinguir entre um comportamento considerado normal e outro considerado desviante. Rejeita a ideia, desenvolvida por Ulrichs, de uma “alma feminina num corpo masculino”, ou vice-versa:

Ulrichs explained the matter by saying that in sexual inverts a male body coexists with a female soul: *anima muliebris in corpore virili inclusa*. [...] This is, however, not an explanation. It merely crystallizes into an epigram the superficial impression of the matter.

(Ellis, 1901, 1921: 310)

A teoria da homossexualidade que propunha existir uma essência, ou alma, masculina dentro de um corpo feminino, ou vice-versa, defendida por Ulrichs, torna-se obsoleta no contexto da reflexão de Ellis. O autor remete a origem desta suposta anomalia para uma bissexualidade orgânica latente em cada um dos sexos (1901, 1921: 310). Numa fase inicial do desenvolvimento dos sexos, poderá haver o desenvolvimento de uma predisposição para a homossexualidade; ou seja, uma modificação do organismo que torna o mesmo propenso a sentir atracção sexual por alguém do mesmo sexo (Ellis, 1901, 1921: 317). A inversão sexual define-se como uma anomalia congénita: “Sexual inversion, therefore, remains a congenital anomaly, to be classed with other congenital abnormalities which have psychic concomitants. At the very least such congenital abnormality usually exists as a predisposition to inversion.” (1901, 1921: 322). De qualquer modo, de acordo com Ellis, esta variante, apesar de ser considerada uma anomalia-

lia, não é patológica (1901, 1921: 318). Quanto à ideia de degenerescência, proposta por Krafft-Ebing, Ellis nega a sua utilidade (1901, 1921: 320); apesar dos indícios de inversão sexual serem facilmente identificados nos indivíduos em causa, o invertido exemplar, segundo Ellis, não é mórbido:

The average invert, moving in ordinary society, is a person of average general health, though very frequently with hereditary relationships that are markedly neurotic. He is usually the subject of a congenital predisposing abnormality, or complexus of minor abnormalities, making it difficult or impossible for him to feel sexual attraction to the opposite sex, and easy to feel sexual attraction to his own sex.

(Ellis, 1901, 1921: 324)

Ellis concentra-se nos factores que influenciam o indivíduo na sua escolha de objecto sexual, que podem levá-lo a descobrir a tendência para a inversão, nomeadamente, a influência de terceiros na infância ou juventude, a sedução e a desilusão amorosa (heterossexual):

[...] but they require a favourable organic predisposition to act on, while there are a large number of cases in which no exciting cause at all can be found, but in which, from earliest childhood, the subject's interest seems to be turned on his own sex, and continues to be so turned throughout life.

(Ellis, 1901, 1921: 324)

Havelock Ellis admite que casos de relacionamentos afectivos entre pessoas do mesmo sexo abundam nas escolas; nega, no entanto, tratar-se incondicionalmente de inversão sexual. Isto porque distingue, tal como Krafft-Ebing e Carpenter, entre o indivíduo congenitamente predisposto para a inversão sexual e o indivíduo que se envolve ocasionalmente – durante a adolescência, nos colégios, por exemplo – com alguém do mesmo sexo: “This is a spurious kind of

homosexuality, the often precocious play of the normal instinct.” (Ellis, 1901, 1921: 216).

Ellis refere um estudo, realizado em Itália, que demonstra que os afectos entre raparigas nos colégios são de tal forma frequentes que supostamente assumem a forma de uma epidemia – “These girlish devotions, on the borderland between friendship and sexual passion [...] though they vary in intensity and character to some extent, from time to time and from place to place, sometimes assum[e] an epidemic form.” (Ellis, 1901, 1921: 218). Concordamos com Lilian Faderman, o sexólogo simplesmente não reconhece que a frequência e a naturalidade do desejo homoerótico seria suficiente para se tornar uma norma (Faderman, 1985: 242; 246-247).

Ellis remete o afecto homoerótico para o casual, em vez de aceitar a diversidade de objectos sexuais, embora admita que muitas destas relações acabam por ser permanentes, principalmente se forem iniciadas após a vida na escola (Ellis, 1901, 1921: 219). Apesar da frequência, o autor sente a necessidade de confrontar cada comportamento considerado desviante com a norma heterossexual. Desta forma, as mais variadas manifestações de afecto e desejo reúnem-se sob o rótulo de desvio à norma, tornando-se pertinente da parte do autor averiguar a causa determinante do desvio.

Havelock Ellis distingue entre a “inversão activa” ou “real” e a “inversão falsa”, ou seja, entre a mulher invertida activa – “The actively inverted woman” – e a falsa invertida ou invertida passiva – “[a] class in which homosexuality, while fairly distinct, is only slightly marked, is formed by the women to whom the actively inverted woman is most attracted.” (Ellis, 1901, 1921: 222). Segue-se uma minuciosa caracterização de ambos os tipos, destacando-se os traços masculinos da invertida activa:

The actively inverted woman usually differs from the woman of the class just mentioned in one fairly essential character: a more or less distinct trace of masculinity. [...] The inverted woman’s masculine element may, in the least degree, consist only in the fact that she makes advances to the woman to whom she is attracted and treats all men in a cool, direct manner

which may not exclude comradeship, but which excludes every sexual relationship, whether of passion or merely of coquetry.

(Ellis, 1901, 1921: 222-223)

Outras duas características distintivas, associadas ao sexo masculino, consistem num invulgar crescimento de pêlo no corpo da invertida e músculos demasiado bem definidos para um corpo feminino (Ellis, 1901, 1921: 255).

As características mencionadas correspondem à verdadeira invertida, facilmente identificável por estes sinais, físicos e psicológicos, um corpo musculado, uma voz masculina, um interesse por actividades consideradas, do ponto de vista cultural, do âmbito exclusivamente masculino, em suma, particularidades que não serão atractivas para os homens – “the inverted woman is not usually attractive to men.” (Ellis, 1901, 1921: 257).

O “tipo de mulher pelo qual a invertida se sente atraída” coloca um problema teórico a Ellis, que consiste na sua feminilidade – “they are always womanly” (1901, 1921: 222). Na tentativa de as diferenciar da mulher chamada normal, Ellis elabora um conjunto de traços distintivos aleatórios que, apesar de não lhe conferirem uma aparência masculina, também lhe negam uma feminilidade convencional – “Their faces may be plain or ill-made, but not seldom they possess good figures” (222); “of strongly affectionate nature” (222); “not very robust and well-developed, physically or nervously, and who are not well-adapted for child-bearing, but who still possess many excellent qualities, and they are always womanly.” (222). Para mais, na ausência de uma causa congénita, Ellis associa as suas tendências homossexuais à simples inexistência de pretendentes masculinos:

One may, perhaps, say that they are the pick of the women whom the average man would pass by. No doubt, this is often the reason why they are open to homosexual advances, but I do not think it is the sole reason.

(Ellis, 1901, 1921: 222)

O capítulo de *Sexual Inversion* dedicado ao estudo da inversão na mulher, pode ser considerado bastante extenso, atendendo ao diminuto material disponível e ao facto de Ellis reconhecer que pouco se sabe sobre a inversão sexual em mulheres, que não deixa, no entanto, de comentar (Ellis, 1901, 1921: 203). Afirmar que consiste num fenómeno comum, citando exemplos de figuras históricas e personagens de romances franceses – “It must also be said that in literature homosexuality in women has furnished a much more frequent motive to the artist than homosexuality in men. [...] Many poets and novelists, especially in France, might be cited in evidence.” (Ellis, 1901, 1921: 198-199). Comentar enredos e personagens ficcionais, num suposto tratado científico, no mesmo capítulo em que refere os estudos de caso de inversão sexual feminina, leva-nos a questionar o rigor das conclusões apresentadas. Faderman defende que Havelock Ellis se deixou influenciar por ideias preestabelecidas sobre o lesbianismo, nomeadamente, pela variante criativa do lesbianismo, elaborada nos romances de autores masculinos:

Ellis’s theories regarding love between women were influenced not only by what he saw, or thought he saw, in English life, but also by what he read in French fiction and what he discussed with its creators. Those literary images, which became incorporated in Ellis’s views and in the views of many who regarded his work as “medically” accurate and reliable, were based on a reaction by male French writers to some dramatic signs of female independence, as well as those writers’ fascination with exoticism and their express desire to shock the stiff, prudish bourgeoisie.

(Faderman, 1985: 254)

De um comentário às várias obras literárias que integram personagens apresentadas como invertidas, Ellis passa abruptamente à seguinte observação: “It is moreover, noteworthy that a remarkably large proportion of the cases in which homosexuality has led to crimes of violence, or otherwise come under medicolegal observation, has been among women.” (Ellis, 1901, 1921: 200-201).

Para além de associar a inversão sexual em mulheres à criminalidade, ainda refere que há uma tendência para o suicídio (1901, 1921: 202). Supostamente será o conjunto das suas emoções tipicamente femininas, uma impulsividade infantil e a sua energia masculina que as torna vulneráveis aos crimes passionais (1901, 1921: 201). Ellis refere o caso de uma invertida, Alice Mitchell, que terá brutalmente assassinado a sua companheira. O que mais surpreende é que Ellis a caracteriza como uma típica invertida: “There is no reason to suppose that she was insane at the time of the murder. She was a typical invert of a very pronounced kind.” (Ellis, 1901, 1921: 201).

Mais adiante, reconhece que baseia toda a sua reflexão sobre os casos femininos em dados insuficientes, o que não o coíbe de estabelecer uma norma relativamente à anatomia sexual feminina, de modo a poder demonstrar a suposta anomalia nos genitais das mulheres invertidas:

As regards to the sexual organs it seems possible, so far as my observations go, to speak more definitely of inverted women than of inverted men. In *all three* of the cases concerning whom I have precise information [...] there is more or less arrested development and infantilism. [...] These observations, *though few*, are significant, and they accord with those of other observers.

(Ellis, 1901, 1921: 256)⁴⁹

Quer isto dizer que Havelock Ellis estabelece uma norma para o desenvolvimento dos genitais femininos com base em *apenas três* observações directas. Numa nota, explica que os outros estudos referidos se baseiam num conjunto de dez mulheres, observadas por vários sexólogos, número que não permite estabelecer qualquer norma. A diminuta fiabilidade do seu estudo torna-se preocupante se recordarmos que Ellis e Krafft-Ebing constituíram, pelo menos até à segunda década do século XX, os autores de referência, em Inglaterra, em termos de estudos sobre a sexualidade, como refere Faderman (Faderman, 1985: 314).

⁴⁹ Meus itálicos.

Na necessidade de apresentar conclusões relativamente às características da mulher invertida, Havelock Ellis incorre no erro de sugerir modelos de comportamento algo forçados. Incapaz de entender determinadas circunstâncias na vida das invertidas como consequências das pressões sociais sofridas, associa as mesmas à própria homossexualidade. Outro ponto controverso revela-se ao afirmar que os/as invertidos/as geralmente não se atraem mutuamente, ou seja, mesmo entre duas pessoas do mesmo sexo haverá a necessidade de uma diferença sexual. Este reparo de Ellis demonstra que se rege pela ideia da atracção entre opostos, da dualidade feminino e masculino, mesmo no contexto da homossexualidade:

In inverted women some degree of masculinity or boyishness is equally prevalent, and is not usually found in the women to whom they are attracted. Even in inversion the need for a certain sexual opposition – the longing for something which the lover himself does not possess – still prevails.

(Ellis, 1901, 1921: 288)

À semelhança de Krafft-Ebing, Havelock Ellis desenvolveu a categoria da verdadeira inversão sexual, distinguível da falsa inversão e da inversão ocasional. Os dois últimos casos seriam facilmente detectáveis, pois se, à mulher em questão, fosse concedida a possibilidade de um relacionamento heterossexual, o seu instinto sexual anormal seria “curado” (Faderman, 1985: 241). Lilian Faderman explica como um caso estudado por Ellis, o da condessa Sarolta V. – educada pelo seu pai como se fosse um rapaz, uma travesti em adulta e que casou com outra mulher assumindo a papel de homem – serviu para estabelecer a categoria da verdadeira invertida:

Ellis emphasized that Sarolta “recognized the morbidity of her sexual inclinations”, i.e., her love for other women. And he concluded by reiterating the expert opinion on her case that her “incriminated actions”

were “due to her marked and irresistible sexual impulse.” Through this incredible case, which he specifically called “typical,” Ellis established the mystique of the “true lesbian,” a mystique which was subsequently accepted by many lesbians themselves who then became transvestites and “butches” because such behavior demonstrated *ipso facto* that they were the genuine article, that they must be taken seriously and not forced into heterosexual patterns.

(Faderman, 1985: 245)

Faderman parece sugerir que a figura da lésbica masculina foi introduzida pelos sexólogos do final do século XIX, ao apresentarem casos pontuais como típicos, levando, desta forma, as mulheres a desenvolver características associadas ao género masculino, como única forma de exprimirem a sua orientação sexual. Interessa averiguar se a figura da lésbica masculina terá sido um mito, um estereótipo instituído pelas teorias dos sexólogos, ou uma forma comum de determinadas mulheres exprimirem a sua sexualidade, independentemente da influência dos estudos de sexologia e da época. Não nos propomos averiguar a existência de mulheres masculinas ou de homens efeminados; o que se problematiza é o facto de os sexólogos terem simplificado uma multiplicidade de formas de desejo sexual a um estereótipo persistente. Esther Newton desenvolve esta problemática no seu ensaio “The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman” (Newton, 1989: 90).

O argumento principal de Newton remete para a necessidade, sentida por elementos de uma segunda geração de “New Women,”⁵⁰ de um afastamento do modelo assexuado da “amizade romântica” de séculos passados, com o intuito de expressar uma identidade explicitamente homossexual e publicamente visível (Newton, 1989: 95). A tentativa de encontrar um código que abrangesse uma nova

⁵⁰ A “New Woman” surgiu como um ideal feminino emancipatório em finais do século XIX, na Europa e na América do Norte. Consistia numa reacção ao limitado papel reservado à mulher durante a época vitoriana. A “New Woman” representa uma maior liberdade, a contestação aos papéis de género tradicionais, a autonomia e a individualidade femininas.

forma de sexualidade conduziria ao modelo masculinizado da invertida sexual:

How could the New Woman lay claim to her full sexuality? For bourgeois women, there was no developed female sexual discourse; there were only male discourses – pornographic, literary, and medical – about female sexuality. To become avowedly sexual, the New Woman had to enter the male world, either as a heterosexual on male terms [...] or as a lesbian in male body drag (the mannish lesbian/congenital invert).

(Newton, 1989: 100)

O discurso da inversão sexual fornece o vocabulário necessário para uma identidade homossexual feminina, apesar de ser um discurso formulado por homens. Assim sendo, Radclyffe Hall apropria-se de um discurso médico-científico masculino, transformando-o num discurso literário feminino e homoerótico. Este aproveitamento em si pode ser entendido como um exemplo de discurso reversivo de Foucault.

Uma das primeiras análises foucaultianas de *The Well of Loneliness* foi a de Sonja Ruehl, “Inverts and Experts: Radclyffe Hall and the Lesbian Identity”, em que comenta a forma como Radclyffe Hall, ao articular o seu discurso a partir da categoria da invertida desenvolvida por Ellis, possibilita a metamorfose da categoria (Ruehl, 1982: 18):

What Hall does in her novel is to highlight what is only implicit in his [Ellis’s] theorising: the ‘sterility’ of lesbian relationships, described with images of barrenness and unfruitful wombs, to evoke sympathy for the unsurmountable grief of the ‘true invert’. [...] But *The Well of Loneliness* is not simply an exemplification of Ellis’s views in literary form, nor just more persuasive because able to deploy the rhetoric of fiction.

(Ruehl, 1982: 21)

Sonja Ruehl defende que esta obra constitui o princípio de um discurso reversivo, tendo possibilitado a outros indivíduos articularem conceitos e definições de homossexualidade, inclusivamente através do movimento *gay* e lésbico contemporâneo (Ruehl, 1982: 21). Quanto à estratégia de Hall de adoptar uma teoria que atribui ao indivíduo um determinado rótulo – invertido – Ruehl refere que, precisamente por esta categoria segregar as lésbicas como um grupo de pessoas à parte, foi possível criar as bases para uma futura solidariedade em termos políticos (1982: 27). Hall tomou como direito seu articular um discurso sobre inversão sexual enquanto elemento dessa categoria, em vez do especialista – “she herself was an invert, not an expert” (Ruehl, 1982: 27).

Apesar de ser possível encontrar na narrativa de Stephen Gordon algum potencial emancipatório no sentido de um discurso reversivo, o estigma da invertida implicado no discurso da sexologia prejudica a construção de uma identidade lésbica emancipatória.

Um romance sobre a inversão

Quando Radclyffe Hall decidiu escrever um romance dedicado ao tema da inversão sexual, as leituras escolhidas foram os estudos destes primeiros sexólogos – Ulrichs, Ellis, Krafft-Ebing, Hirschfeld e Carpenter (Cline, 1998: 227; Souhami, 1998: 155). Radclyffe Hall incumbiu-se do cargo de porta-voz de um grupo. O seu discurso, no entanto, dirige-se à sociedade heteronormativa no geral. A autora assume o papel do indivíduo homossexual moralmente superior, encarregada de educar a sociedade, aproximando-se da função que Edward Carpenter atribui ao “sexo intermédio”.

Interessa averiguar em que medida Hall se identificava com as teorias apresentadas e como as incorporou em *The Well of Loneliness*. A possibilidade de um discurso reversivo decorre de pelo menos três aspectos inerentes ao aproveitamento de Hall da teoria da inversão sexual, designadamente, o argumento do determinismo biológico – que, entendido como uma fase transitória, ligada ao

contexto da época, permite o afastamento dos conceitos de pecado, culpa e crime; a visão utópica⁵¹ de Carpenter, que atribui um papel central à figura da/o invertida/o no que respeita o progresso da sociedade; e, por fim, o percurso da protagonista na sua tentativa de articular uma identidade sexual adequada. Para além destes elementos, *The Well of Loneliness* surge com potencial emancipatório devido à protagonista Stephen, figura feminina invulgar passível das mais variadas leituras, independentemente da sua definição como invertida.

Michael Baker afirma que Radclyffe Hall estaria determinada a acreditar nos estudos de sexologia, apesar da fragilidade teórica e das diminutas provas apresentadas, como acontece com Havelock Ellis (Baker, 1985: 217). Sally Cline, pelo contrário, sugere que Hall terá feito uma leitura crítica, ao contrário do que se costuma pensar. Terá aplicado Krafft-Ebing e Ellis pelo conceito de inversão congénita, em conjunto com a ideia de “terceiro sexo” de Hirschfeld e Carpenter por coincidir com os seus propósitos literários (Cline, 1997: 42). Diana Souhami concorda com esta ideia, afirmando que, da leitura de *Studies in the Psychology of Sex*, de Havelock Ellis, de *A Manual of Sexual Science* de Magnus Hirschfeld e de *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, Radclyffe Hall retirou os fragmentos que lhe convinham para elaborar uma teoria muito própria de lesbianismo:

Radclyffe Hall took the bits that suited her, mixed them with Catholicism, spiritualism and her own ideas on endocrinology and came up with a theory of lesbianism about as empirically reliable as the paternity of Jesus Christ or Mabel Batten’s whereabouts on sphere three.

(Souhami, 1997: 155)

⁵¹ Utopia consiste num mundo imaginário, quer seja uma ilha paradisíaca, um vale isolado, um planeta, um qualquer retiro do desconforto terreno e, de modo geral, o seu propósito consiste no desenvolvimento ou aperfeiçoamento humano e social: “[...] the general purpose of these dream worlds is didactic: human betterment or the amelioration of society’s short-sightedness, mismanagement, idiosyncrasies, and faults.” (Snodgrass, 1995: 523). A visão utópica de Carpenter não se limita a uma integração do indivíduo invertido na sociedade que o marginaliza, Carpenter reserva ao/à invertido/a um papel central no devir humano, já que as características supostamente distintas das/os mesmas/os se adequam a funções didáticas e comunicativas preciosas para a sociedade heterossexual.

Para Radclyffe Hall, a teoria da inversão congénita constitui o argumento perfeito a favor da naturalidade da homossexualidade. A hereditariedade absolvía o indivíduo do “crime” sexual associado anteriormente às práticas homossexuais, devendo a inversão ser considerada parte integrante da identidade sexual do mesmo. Apesar de constituir uma anomalia, poderia ser considerada natural e biologicamente determinada e, não havendo qualquer tipo de cura, este tipo de pessoas deveria merecer o respeito social. A nível pessoal, Hall poderia associar a sua preferência por uma indumentária masculina, o seu interesse por equitação e caça, até mesmo o seu humor instável, a uma teoria “científica”, conferindo legitimidade e uma maior consistência à sua identidade sexual:

Radclyffe Hall [...] saw in Krafft-Ebing’s disciples enough flexibility to argue that while same-sex love was hereditary, its victims might nevertheless be productive citizens. She seized on the congenitalists’ theories because (before the days of advanced plastic surgery) they alone dismissed all efforts to change the direction of the invert’s love interest. They sanctioned her rejection of insipid feminine behavior together with her preference for “masculine” pursuits: She was, after all, a man trapped in a woman’s body.

(Faderman, 1985: 317)

Se Radclyffe Hall tomou conhecimento da obra de Sigmund Freud será difícil de saber; apenas numa das suas biografias se refere que o ignorou (Baker, 1985: 218). Possível será afirmar que a mera referência à hipótese de uma cura para a inversão, tê-lo-ia excluído do conjunto de estudos por ela aprovados. No seu estudo, *Three Essays on the Theory of Sexuality*, Sigmund Freud (1859-1939), mais precisamente no primeiro ensaio, “The Sexual Aberrations”, comenta as teorias correntes sobre inversão sexual, partindo da ideia de possíveis desvios relativamente ao objecto sexual e ao fim sexual (Freud, 1925, 1973: 136). Quando o objecto do desejo sexual consiste num elemento do mesmo sexo, estamos perante o “sentimento sexual contrário”, sendo o indivíduo um invertido (Freud:

136). Freud especifica três variantes da inversão sexual: o invertido absoluto, o invertido anfigénio, ou hermafrodita psicosssexual, e o invertido ocasional (Freud, 1925, 1973: 136-137).

Apesar de rejeitar a ideia de degenerescência nervosa (Freud, 1925: 138-139), Freud apresenta sérias dúvidas no que diz respeito à hereditariedade. A possibilidade de uma cura através de sugestão hipnótica leva Freud a concluir não se tratar de uma condição inata – “Inversion can be removed by hypnotic suggestion, which would be astonishing in an innate characteristic.” (139-140). Ou seja, recusa um conceito fundamental para a retórica de Radclyffe Hall. Como causas da inversão rejeita o inatismo e a degenerescência e aponta para um distúrbio no desenvolvimento do instinto sexual. A presença de uma tendência bissexual substitui a inversão inata, sendo a homossexualidade resultado de um processo evolutivo anômalo do instinto sexual (Freud, 1925, 1973: 143-144).

Ao sugerir um tratamento hipnótico como curar a inversão sexual, a teoria freudiana torna-se incompatível com a defesa dos direitos dos invertidos proposta por Radclyffe Hall, ideia que Lilian Faderman corrobora. Para Radclyffe Hall a inversão de forma alguma poderia ser entendida como imoral ou como patologia curável:

Hall believed that her novel would provide lesbians with a moral and medical defense against a society which viewed same-sex love as immoral or curable. If a female argued that she *chose* to center her life on another female, she laid herself open to accusations of immorality, she willfully flew in the face of the conventions of her day. If she accepted the psychoanalytical theory that something had happened to her in childhood to cause her aberration, she had no excuse not to seek a cure which would undo the trauma and set her straight.

(Faderman, 1985: 317-318)⁵²

⁵² Itálicos no original.

Neste sentido, Radclyffe Hall transformou o discurso médico-científico num argumento a favor do direito à existência plena das/os invertidas/os. O romance surge como o meio perfeito para chegar a um grande número de leitores. Apesar de constituir um aproveitamento particular das teorias dos sexólogos, com alguma retórica religiosa à mistura, *The Well of Loneliness* resulta como discurso reversivo ao apropriar um discurso médico especializado (e masculino), tornando-o acessível a um público ávido por uma definição mais positiva da sua sexualidade. Para mais, a obra integra uma variedade de personagens e de discursos sobre a sexualidade, possibilitando as mais variadas leituras, incluindo de Stephen Gordon.

Judith Halberstam apresenta uma leitura alternativa de Stephen Gordon no seu ensaio “‘A writer of misfits’: ‘John’ Radclyffe Hall and the discourse of inversion” (2001), no qual aponta para a necessidade de se reconhecer e aceitar uma masculinidade feminina. Segundo Halberstam a inversão sexual enquanto teoria da homossexualidade parece inadequada na sua tentativa de explicar os mais variados comportamentos desviantes em termos de um sistema de género binário cujos termos masculino e feminino dependem da estabilidade do binário homossexual / heterossexual:

Medical experts, in other words, tried to force multiple expressions of sexual and gender deviance into a very narrow range of categories and they tried to explain a huge array of physicalities in relation to the binary system of sexual difference that they were absolutely committed to bolstering and preserving.

(Halberstam, 2001: 146-147)

Para entender o conceito de masculinidade feminina de Halberstam será necessário aceitar que o conceito de invertida não corresponde a um sinónimo de lésbica, descrevendo o primeiro uma categoria biológica de mulheres em dissonância com a sua anatomia (Halberstam, 2001: 146). Categorias muito diversas foram reunidas sob o conceito de inversão sexual, desde lésbicas e homens

homossexuais a indivíduos com sintomas de disforia de género, ou seja, transsexuais, usando os conceitos actuais. Tem havido alguma disputa relativamente à classificação da obra *The Well of Loneliness* como narrativa lésbica ou transsexual,⁵³ que Halberstam contorna pelo simples facto de não haver meio de distinguir entre as duas categorias na década de 1920, ambas inseridas na teoria da inversão sexual (Halberstam, 2001: 148). O que interessa a Halberstam não é resolver esta disputa, pois pretende conferir legitimidade a uma masculinidade feminina independente do desejo de ser homem:

Inversion and masculinity and same sex desire meant many different things to many different women in the 1920s in Europe. [...] Some women may have seriously wanted to change their sex, others, we must conclude, were less intent upon the notion of sex change and more interested in sexual tolerance for masculine women.

(Halberstam, 2001: 148)

A única problemática da leitura transsexual apresentada por Jay Prosser consiste no conseqüente apagamento da identidade da lésbica *butch*. Caso a inadequação a um género feminino seja exclusivamente interpretado como desejo de mudar de sexo, a legitimidade da identidade de género *butch* será posta em causa. A própria subversão inerente à masculinidade feminina da lésbica *butch* poderá anular-se perante a transsexualidade de Stephen Gordon, súpula da lésbica masculina.

Se no contexto de uma cultura heteronormativa, a masculinidade feminina é inevitavelmente entendida como patológica, devido à incapacidade do sujeito de se adequar ao papel de género estabelecido, no contexto lésbico, a masculinidade feminina poderá ser entendida como uma deslealdade ao compromisso com o

⁵³ Jay Prosser analisa a personagem Stephen para demonstrar como a sua narrativa se adequa às expressões de inadequação características de indivíduos transsexuais. Prosser, J. (2001). 'Some primitive thing conceived in a turbulent age of transition': The transsexual emerging from *The Well of Loneliness*. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 129-144.

feminino, ideia presente nas críticas à caracterização de Stephen Gordon, por ser uma mulher que se identifica com o género masculino. Judith Halberstam pretende tornar inteligível um sujeito marcado pela ambiguidade de género, tornar a masculinidade feminina reconhecível e legítima.

Stephen, a Invertida, a *Butch*

No contexto da crítica literária lésbica e nos estudos lésbicos, no geral, a personagem Stephen Gordon assumiu o estatuto de um símbolo. Stephen significa a lésbica mártir, a lésbica masculinizada ou a figura *butch*. Stephen é a imagem da invertida congénita dos sexólogos do século XIX, apresentando todos os sintomas desta patologia. Para muitas teóricas do lésbico-feminismo, e em contraste com a leitura apresentada por Judith Halberstam, Stephen consiste numa representação negativa da figura lésbica, por manter ou mesmo reforçar o estereótipo da lésbica com características associadas ao género masculino. Segundo esta análise da personagem, parece pouco provável haver a possibilidade de surgir um discurso reversivo em *The Well of Loneliness*. Em contrapartida, e independentemente das críticas que se possam dirigir à afinidade de Hall com as teorias de inversão, há que reconhecer que se tratou de uma estratégia necessária. Newton, preza a audácia de Radclyffe Hall em transformar a desprezada figura da lésbica masculina na heroína de um romance. Stephen constitui uma personagem ambígua na medida em que reúne os ideais feministas de uma determinada geração e os estigmas da trágica figura da invertida congénita. O seu percurso de vida constitui um paradigma possível da mulher emancipada, ao mesmo tempo que constitui a disputa de um sujeito que tenta definir a sua identidade sexual contra a concepção dominante: “Hall’s creation, Stephen Gordon, is a double symbol, standing for the New Woman’s painful position between traditional political and social categories and for the lesbian struggle to define and assert an identity.” (Newton, 1989: 98).

O corpo andrógino de Stephen Gordon – um corpo feminino com características supostamente masculinas – assume uma ambivalência simbólica. Se, por

um lado, representa a mulher emancipada do pós-Primeira Guerra na sua resistência aos estereótipos de género instituídos, por outro, ilustra a sexualidade ambígua da mulher invertida:

Her body is not and cannot be male; yet it is not traditionally female. Between genders and thus illegitimate, it represents Every New Woman, stifled after World War I by a changed political climate and reinforced gender stereotypes. But Hall also uses a body between genders to symbolize the “inverted” sexuality Stephen can neither disavow nor satisfy.

(Newton, 1989: 98)

Evitando uma leitura centrada nos estigmas da invertida congénita, Stephen poderá ressurgir como uma personagem feminina emancipatória. Tal como referia Vera Brittain em 1928, qualquer mulher com o objectivo de exceder os limites impostos ao género feminino pela sociedade, poderia identificar-se com a rebeldia da jovem Stephen (Doan & Prosser, 2001). A própria obra o permite, como se constata através da ridicularização da personagem Violet Antrim, símbolo do estereótipo extremado do género feminino, em contraste com Stephen. Semelhante leitura continua a fazer sentido actualmente, podendo os inconfundíveis indícios de uma anomalia sexual, a inversão, ser entendidos como rebeldia contra o limitado papel reservado para o género feminino.

Stephen pode ser considerada uma protagonista feminista, no sentido em que o seu percurso advoga a igualdade de oportunidades para homens e mulheres (na educação e na vida profissional), para além de a sua forma de exprimir o género feminino significar uma revolta contra as normas sociais e os rígidos papéis de género. Stephen Gordon rejeita o estereótipo de passividade associado às figuras literárias femininas da tradição romanesca. A passividade, a submissão, a dependência económica e afectiva não constituem, de facto, as características marcantes desta protagonista. Independentemente da sua sexualidade, o percurso da personagem corresponde a uma alternativa ao papel feminino tradicional.

Na sua infância prefere brincadeiras activas, imagina-se um aventureiro, o jovem capitão Nelson, vestindo-se a rigor, e despreza brincar com bonecas – “she had always despised the idiotic creatures” (17). Tal preferência pode ser interpretada como uma precoce determinação em ser livre. Na sua vontade de imitar Nelson, revela-se a procura de um modelo capaz de lhe trazer poder, aventura e liberdade, características mais simples de encontrar numa figura masculina. No capítulo “To be a boy”, na obra *The new girl*, Sally Mitchell desenvolve um interessante estudo sobre a infância e adolescência de raparigas da viragem do século (entre os anos setenta de oitocentos e a primeira década de novecentos), revelando a preferência por brincadeiras e actividades tradicionalmente reservadas aos rapazes, assim como o desejo de serem rapazes: “Dreams of boyhood are hardly unique to the period. Given the cultural valuation of male as better and the visible privileges granted to boys, many girls have envied their brothers.” (Mitchell, 1995: 103).

Ao sentir-se inclinada a preferir brincadeiras reservadas aos rapazes e a rejeitar o vestuário feminino, Stephen Gordon acentua a artificialidade das normas instituídas, ou seja, enquanto personagem poderá servir o argumento do construcionismo social do género. A sua infância equivale à de qualquer criança criativa, saudável e activa. O manifesto interesse por desporto – equitação, caçadas, esgrima – é incentivado pelo pai, para além de estas actividades se integrarem no tradicional modo de vida da aristocracia inglesa. O seu estilo de vida reflecte-se no corpo atlético – elegante, musculado, de ombros largos, características estas que deveriam denotar uma “alma masculina encurralada num corpo de mulher”, mas que se nos apresentam como o ideal de beleza de décadas posteriores, como refere Diana Souhami – “She is tall, poised, purposeful, physically and mentally splendid, the fitness ideal of a later decade. She fences, lifts weights, wins horseriding trophies.” (Souhami, 1997: 156). Quanto à sua educação, tem a oportunidade de prosseguir os seus estudos para além do que seria costume para uma rapariga. Aperfeiçoa os seus conhecimentos em diversas áreas, demonstrando um especial talento para a criação literária. Em suma, Stephen Gordon representa uma mulher independente, com estabilidade económica, que tem a oportunidade de

desenvolver as suas capacidades intelectuais e artísticas, tornando-se uma escritora de sucesso.

Independentemente da ambiguidade inerente a esta personagem, pretendemos averiguar em que medida a teoria da inversão sexual implicada em *The Well of Loneliness* pode favorecer um discurso reversivo do lesbianismo. Nesta obra, Radclyffe Hall decidiu construir uma protagonista em concordância com a teoria da inversão congénita. Para ser explícita relativamente à temática escolhida, Hall inseriu duas referências textuais à teoria da inversão sexual, nomeadamente o nome dos autores Ulrichs e Krafft-Ebing. Para além destas referências, integradas na própria narrativa, Radclyffe Hall resolveu anexar um comentário que certificasse o rigor científico e a significância da obra em termos psicológicos e sociais, na sua apresentação de “um particular aspecto da vida sexual”. Hall entregou um manuscrito da obra a Havelock Ellis solicitando um comentário do sexólogo. Inicialmente relutante, Ellis acabaria por ceder, confrontado com a insistência da autora.

No entanto Hall não se limita ao modelo de invertido de Ellis, sendo este apenas uma fase no processo de evolução de Stephen Gordon. De facto, podemos entender *The Well of Loneliness* como um *Bildungsroman*, um romance de formação, no qual uma protagonista procura definir a sua identidade sexual. Jean Radford (1986) e Laura Doan (2001) sugerem esta leitura. Segundo Radford, para além de um *Künstlerroman*, a história do progresso de uma artista, podemos entender este romance como a história de uma mulher cuja diferença sexual é negociada num contexto familiar e social de uma cultura patriarcal (Radford, 1986: 102). Laura Doan, por sua vez, afirma que Hall apresenta a formação de Stephen em ciência sexual como uma espécie de “pilgrim’s progress”, ou seja, partindo de um modelo teórico datado para um autoconhecimento mais positivo da sexualidade:

Hall represents Stephen’s education in sexual science as a kind of pilgrim’s progress (from the outmoded pronouncements of early sexological theory toward a more positive self-understanding): no sooner has Stephen’s exposure to the likes of Krafft-Ebing resulted in a dramatic

bout of breast beating than she is interrupted by her tutor Miss Puddleton (Puddle), who neutralizes the damaging linkage of homosexuality with morbidity.

(Doan, 2001: 168)

Aproveitando esta ideia de Laura Doan, propomo-nos ler *The Well of Loneliness* de acordo com esta ideia de progresso rumo a um entendimento mais positivo da homossexualidade, constituindo-se, deste modo, um discurso reversivo.

Sabemos que o pai de Stephen, Philip Gordon, leu Ulrichs e Krafft-Ebing. A primeira referência surge no segundo capítulo, onde o pai de Stephen, empenhado em entender a condição da filha, se dedica à leitura de uma obra de Ulrichs – “The author was a German, Karl Heinrich Ulrichs, and reading, Sir Philip’s eyes would grow puzzled; then groping for a pencil he would make little notes all along the immaculate margins.” (23). Como comentado anteriormente, Ulrichs representa a teoria da homossexualidade cuja noção de “alma masculina num corpo feminino” influencia a construção da personagem Stephen. O género de Stephen é o feminino; há, no entanto, uma “essência” masculina que colide com a suposta feminilidade da personagem, manifestando-se este desajustamento no relacionamento com o seu corpo. Stephen parece não se adaptar ao seu corpo – “a certain crude lack of grace in her movements” (11); a indumentária feminina parece inadequada – “He [Sir Philip] would notice [...] that indefinable quality in Stephen that made her look wrong in the clothes she was wearing” (23); o seu corpo manifesta características assumidamente masculinas – “her over-broad shoulders” (22); “hard, boyish forearms [...] the strong line of the jaw, the square, massive brow” (49). Nesta fase o sujeito ignora a sua diferença sexual, cabendo ao seu pai a tarefa de diagnosticar a patologia – “But at times he would study his daughter gravely [...] watch the curious suggestion of strength in her movements [...]” (22).

Philip Gordon tem acesso ao conhecimento científico cuja autoridade estabelece uma definição para mulheres como Stephen; o pai representa a figura do sexólogo que se permite estudar e definir determinado sujeito. O episódio em que

a jovem Stephen surpreende Collins – a criada por quem está apaixonada – com um homem e que, num ataque de ira e ciúme, atira a este um vaso, serve como confirmação do diagnóstico do pai: “And now I’m going to treat you like a boy, and a boy must always be brave, remember.” (25).⁵⁴ Esta decisão deriva da influência das suas leituras e associa Stephen ao género masculino, confirmando-se a caracterização estabelecida pelos sexólogos. Na personagem Stephen convergem, deste modo, as duas teorias de identidade sexual, a essencialista e a construcionista. A primeira, explica a diferença sexual com base numa essência masculina, responsável pela sua atracção por mulheres e pelas suas características masculinas. A segunda, remete para a influência do pai – a sua expectativa relativamente a um filho varão e a sua decisão de educar Stephen como um rapaz – o facto de Stephen se identificar com o género masculino.

Quanto à segunda referência textual, a Krafft-Ebing, esta surge no vigésimo sétimo capítulo, onde, após a morte de seu pai, Stephen decide apropriar-se de alguns dos seus livros. Numa das prateleiras mais recônditas, depara-se com um volume da autoria de Krafft-Ebing. A leitura deste texto, provavelmente *Psychopathia Sexualis*, corresponde ao momento em que a personagem se reconhece nos estudos clínicos enumerados por Krafft-Ebing:

Then she noticed that on a shelf near the bottom was a row of books standing behind the others; [...] Krafft-Ebing – she had never heard of that author before. All the same she opened the battered old book, then she looked more closely, for there on its margins were notes in her father’s small, scholarly hand and she saw that her own name appeared in those notes – She began to read, sitting down rather abruptly. For long time she

⁵⁴ Refira-se a ideia da profecia paternal de Pierre Bourdieu: “The imperative utterance of paternal prophecy is both a forecast of science, which sends the future into the past, and a prediction of wisdom which gives to that still unreal future the sanction of experience and of the absolute conformism that it implies. [...] The words of the father have a magical effect of constitution, creative naming, because they speak directly to the body, which, as Freud pointed out, takes metaphors literally [...]” (Bourdieu, 2001: 70-71). O pai detém a autoridade do diagnóstico e, tal como os sexólogos, decide que Stephen deverá ser tratada como um rapaz, pela sua incapacidade de se adequar ao padrão do género feminino.

read; then went back to the book-case and got out another of those volumes, and another....

(207)

Este momento não deverá ser considerado o da descoberta da sua sexualidade, pois esta coincidiu, na sua infância com o entusiasmo por Collins, vindo a confirmar-se com a paixão sentida por Angela Crosby na sua adolescência – “Stephen was never to forget this summer when she fell quite simply in love, in accordance with the dictates of her nature.” (145). O momento da leitura dos tratados de sexologia corresponde à descoberta da definição médico-científica da sua (homo)sexualidade – “thousands of miserable, unwanted people, who have no right to love, no right to compassion because they’re maimed, hideously maimed and ugly” (207).

Confrontada com a sua sexualidade, cuja diferença reconhece, vê-se privada de uma definição apropriada, uma identidade sexual, e questiona – “Why am I as I am – and what am I?” (152). As únicas respostas resumem-se ao discurso do pecado, enunciado pela sua mãe – “And this thing you are is a sin against creation.” (203) e ao discurso médico de Krafft-Ebing. O último permite à personagem construir um sentido de identidade sexual, embora associada à teoria da degenerescência.

Krafft-Ebing e a sua teoria da degenerescência servem de ponto de partida de um processo de autoconhecimento, são o primeiro elemento de uma identidade sexual em devir. O indivíduo poderá construir-se de forma progressivamente mais positiva, nomeadamente, assumindo uma forma de identidade sexual semelhante ao do “sexo intermédio” de Carpenter. De facto, imediatamente após a descoberta dos escritos de Krafft-Ebing, o discurso da sua preceptora, Puddle, contraria a definição encontrada, através de um discurso comparável ao de Carpenter:

‘You’ve got work to do – come and do it! Why, just because you are what you are, you may actually find that you’ve got an advantage. You may write with a curious double insight – write both men and women from a

personal knowledge. Nothing's completely misplaced or wasted, I'm sure of that – and we're all part of nature. Some day the world will recognize this, but meanwhile there's plenty of work that's waiting. For the sake of all the others who are like you, but less gifted perhaps, many of them, it's up to you to have the courage to make good, and I'm here to help you do it, Stephen.'

(208)

A morte do seu pai representa o fim da fase na qual Stephen se resume a um mero objecto de estudo dos sexólogos, por via da seu pai. Privada do conhecimento sobre a sua sexualidade, Stephen confronta-se com um desejo (homoerótico) inominável. Os livros encontrados, anos após a morte do pai, remetem para esse passado, permitem nomear o desejo e iniciar o seu processo de autodefinição.

No ensaio “‘The outcast of one age is the hero of another’: Radclyffe Hall, Edward Carpenter and the Intermediate Sex”, Laura Doan (2001) afirma que a influência de Edward Carpenter em *The Well of Loneliness* tem sido descurada pela crítica. Segundo Doan, o capítulo da descoberta de Krafft-Ebing, embora integre posições divergentes relativamente à homossexualidade, termina precisamente com um discurso (supracitado) que remete para as teorias de Carpenter (Doan, 2001: 166). A autora interpreta o romance com base na utopia evolucionista deste autor, contra a leitura habitual do final (supostamente trágico) do romance.

Desta forma, o final da narrativa corresponde a uma mensagem de esperança, de uma transição de Stephen da categoria de “proscrita” a heroína, cumprindo-se, assim, o seu destino biológico enquanto elemento do “tipo intermédio” (Doan, 2001: 166). Doan classifica Stephen como o tipo mais extremo do “tipo intermédio”, enquanto entende Mary e Martin como pertencendo ao espécime mais normal do “tipo intermédio”. Desta forma, ao contribuir para a união destes, Stephen tem em mente um bem maior – “In severing the cord that binds the extreme to the normal intermediate, and in launching Mary toward Martin's ‘incalculable bounty’, Stephen surpasses the ‘ordinary love’ to assume the more heroic and awesome task of enabler.” (Doan, 2001: 172). O final do romance pro-

picia o cumprimento do destino de Stephen Gordon como representante de todas/os invertidas/os, cujo direito à existência será reclamado por meio da literatura. Assume o cargo de porta-voz – “And now there was only one voice, one demand; her own voice into which those millions had entered.” (447). Este destino já tinha sido anunciado por Puddle (208)⁵⁵ e por Adolphe Blanc. O discurso de Adolphe anuncia a missão de Stephen, revelar a verdade sobre a condição dos invertidos, uma tarefa análoga ao objectivo da própria Radclyffe Hall ao escrever *The Well of Loneliness* – “I am glad that you have come to this place, because those who have courage have also a duty.” (395). Em suma, segundo Doan, o destino de Stephen vai além de um relacionamento harmonioso com Mary, aliás, impossível de conciliar com a missão messiânica que lhe cabe concluir.

A leitura anterior destaca o potencial emancipatório de *The Well of Loneliness*, presente na figura de Stephen e na sua demanda de uma identidade, componentes de um possível discurso reversivo. No entanto, e apesar da diversidade de perspectivas contidas nesta obra, as interpretações mais frequentes, centram-se nos elementos da tragédia da invertida congénita, que apela à necessidade de integração dos invertidos, ou seja, o sofrimento das personagens, a discriminação e a miséria inerentes à vida do homossexual.

A polémica associada à figura de Stephen Gordon decorre de uma determinada interpretação da teoria da inversão sexual, nomeadamente, a que entende a invertida como um homem em corpo de mulher. Entender Stephen Gordon, e as outras figuras invertidas, como contendo uma essência masculina, impossibilita a constituição de uma identidade lésbica emancipatória, pois neste contexto teórico os elementos acima apontados serão interpretados como características “naturais” do sexo masculino. Os seus interesses e as suas expectativas são masculinos, impróprios para uma mulher, explicáveis somente pelo facto de haver algo de diferente nela. Os sexólogos associaram a masculinidade e as aspirações feministas – tradicionalmente masculinas – ao lesbianismo (Newton, 1989: 335). A obra integra referências à inversão, aos sintomas desta patologia e a dois autores que se dedicaram aos estudo da inversão congénita. O que constitui uma personagem feminina emancipada, um possível modelo para mulheres em busca de autonomia,

⁵⁵ Cf. p. 81-82.

transforma-se no símbolo de uma patologia. Para Lilian Faderman, a associação entre feminismo e “anomalia sexual” serve os interesses da sociedade patriarcal, contribuindo para a passividade das mulheres, receosas da injuriosa designação. Demonstra como denúncias de práticas lésbicas faziam cessar determinadas tentativas de a mulher se emancipar:

The appeal to guilt was one method of keeping woman in her place. Another, which was observed to some extent in the nineteenth century, became a full-fledged tactic in the twentieth century: Women who did not wish to stay in their place were depicted as masculine, therefore abnormal, i.e., lesbian. The link between feminism and “sexual abnormality” was made not only in America and England but in Germany and France as well.

(Faderman, 1985: 335)

Já comentámos as características atribuídas pelos respectivos autores aos indivíduos invertidos, e o modo como distinguem entre a inversão congénita e a adquirida. A taxonomia da teoria da inversão sexual tem como ponto central a ideia da anatomia particular da invertida (Knauer, 2000: 413), existindo a possibilidade de identificar a inversão por meio de elementos supostamente atípicos. Neste romance, esta ideia foi amplamente explorada por Hall, pois a diferença sexual de Stephen manifesta-se na fisionomia desde a sua nascença. Stephen é um bebé invulgar – “a narrow-hipped, wide-shouldered little tadpole of a baby” (9); uma criança que estranhamente se assemelha ao seu pai – “a caricature of Sir Philip [...] a blemished, unworthy, maimed reproduction” (11). Stephen Gordon apresenta os sintomas de uma doença nervosa, de uma misteriosa condição congénita que se manifesta a nível psicológico em termos de um temperamento incontrolável – “she would give way at times to sudden fits of hot temper” (10). O conceito de inversão congénita explorado por Hall implica que haja uma personalidade específica, típica do indivíduo invertido. Esta define-se por uma degenerescência nervosa patológica, presente nos seguintes excertos – “the intuition

of those who stand mid-way between the sexes, is so ruthless, so poignant, so accurate, so deadly” (81); “the terrible nerves of the invert, nerves that are always lying in wait” (154); “yet terribly alive because of those nerves that tortured her luckless body.” (195); “[a]nd then too, their nerves were not at all weak, their pulses beat placidly through the worst air raids, for bombs do not trouble the nerves of the invert” (275).

Para acentuar o elemento trágico em *The Well of Loneliness*, Radclyffe Hall introduziu o sentimento de exclusão da invertida inadaptada, descrevendo a sua diferença essencial em termos físicos e psicológicos. A invertida mórbida, atormentada com a sua condição nervosa degenerada terá sido adaptada da obra de Krafft-Ebing (pois este analisa mais exaustivamente os invertidos masculinos). O seu apelo coincide com o de Radclyffe Hall, ambos se centram no sofrimento dos invertidos apelando à piedade. Krafft-Ebing pretende definir um conjunto de sintomas passíveis de indicar uma patologia congénita que pudesse descriminalizar um comportamento homossexual:

The majority of urnings are in a painful situation [...] public sentiment which stigmatizes their acts [...] Before them lies mental despair – even insanity and suicide – at the very least, nervous disease; behind them, shame, loss of position, etc. It cannot be doubted that, under these circumstances, states of necessity and compulsion may be created by the unfortunate natural disposition and constitution. Society and the law should understand these facts. The former must pity, and not despise, such unfortunates; the latter must cease to punish them – at least, while they remain within the limits which are set for the activity of their sexual instinct.

(Knauer, 2000: 417-418)

Se, por um lado, a figura feminina masculinizada, a típica invertida congénita, seria uma maneira explícita de significar uma orientação sexual alternativa, por outro, há que reconhecer que Radclyffe Hall ampliou o drama associado ao

estigma da invertida. Principalmente, se tomarmos como termo comparativo a sua própria experiência ou a da sua comunidade que, ao contrário do que é afirmado por Lovat Dickson,⁵⁶ não se encontra retratada em *The Well of Loneliness*. Apesar de ser possível encontrar elementos autobiográficos na obra, os momentos mais melodramáticos não se incluem nesses. Os seus biógrafos corroboram esta ideia. Michael Baker afirma que, ao preocupar-se com o cientificamente exacto na sua representação literária, Hall entra em contradição com a sua própria vivência. Como exemplo, refira-se a ansiedade gerada em torno da presumida esterilidade da invertida, da incapacidade de Stephen e Mary conceberem uma criança, uma das causas do seu afastamento. Baker sugere que esse não seria motivo de transtorno para o Hall e Una Troubridge⁵⁷ (Baker, 1985: 219-220). Diana Souhami acentua este paradoxo, entre o estilo de vida de Radclyffe Hall e o percurso da protagonista de *The Well of Loneliness*, no seguinte excerto:

It is doubtful whether Radclyffe Hall and Una, Natalie Barney, Romaine Brooks, Winnaretta Singer, Toupie Lowther, Colette, Evelyn Irons, Gabrielle Enthoven, Teddie Gerrard, Tallulah Bankhead and the rest, with their fine houses, stylish lovers, inherited incomes, sparkling careers and villas in the sun, were among the most persecuted and misunderstood people in the world. Nor did they need an apologist for their affairs, loves and sexual escapades.

(Souhami, 1998: 167)

A comunidade parisiense representada em *The Well of Loneliness* claramente não representa a comunidade de Radclyffe Hall. Os nomes acima referidos constituem uma elite social e artística de mulheres sem qualquer sentimento de

⁵⁶ Na sua biografia da autora, Lovat Dickson faz uma leitura biográfica de *The Well of Loneliness* (Dickson, 1975: 134-139) – “When John decided to write a novel with sexual inversion as the theme, she could draw only on her own experience.” (Dickson, 1975: 134).

⁵⁷ “There is no indication that John and Una were acutely affected by their inability to have children – perhaps because Una had her own child. [...] It is a good example of the way in which John’s concern to be ‘scientifically’ accurate about her subject ran counter to the reality of her own personal experience.” (Baker, 1985: 219).

vergonha relativamente à sua orientação sexual, apesar de valorizarem uma relativa discrição. Comparado com este grupo de mulheres, as personagens da referida comunidade homossexual parisiense, exceptuando Valérie Seymour, apresentam-se-nos de forma bastante trágica.

Enquanto Stephen Gordon tem a possibilidade de conferir um novo significado à sua identidade sexual, terminando a sua narrativa numa fase que cumpre o seu destino, na acepção de Carpenter e na leitura de Laura Doan, as outras personagens em *The Well of Loneliness* limitam-se a ilustrar a nível textual as características da típica invertida dos sexólogos, masculina, miserável, deprimida, alcoólica e com tendências suicidas.⁵⁸ A “miserável pandilha de Pat” (393), como é caracterizado este grupo de mulheres, constituem exemplos textuais das invertidas dos sexólogos: Pat distingue-se pela sua anatomia supostamente masculina – “her ankles were too strong and too heavy for those of a female” (353); Margaret Roland é denunciada pela sua voz – “One might have said a quite a womanly woman, unless the trained ear had been rendered suspicious by her voice which had something peculiar about it. It was a boy’s voice on the verge of breaking.” (355); Jamie sofre de depressões frequentes (364) e suicida-se (409); Wanda abusa do álcool (386).

Todas estas características acentuam a diferença sexual, um dos conceitos centrais da teoria da inversão, sendo-lhes negada uma aparência feminina convencional. Ao mínimo indício de incompatibilidade entre um corpo de mulher e o conjunto de características femininas padrão, estabelece-se o desvio, a patologia sexual.

Sendo Stephen a personagem principal, a sua caracterização propicia uma mais detalhada análise dos paralelos entre a obra e a teoria da inversão sexual. Na construção de Stephen Gordon, Radclyffe Hall segue o modelo estabelecido pelos estudos de caso de Ellis, nomeadamente, no que se refere à infância da personagem, ao seu talento literário⁵⁹ e à sua preferência por um certo tipo de mulheres. A

⁵⁸ Nas palavras de Havelock Ellis: “Homosexual relations are also a cause of suicide among women.” (Ellis, 1901, 1921: 202).

⁵⁹ Sendo Radclyffe Hall escritora, tal como outras lésbicas do seu grupo de amigos, esta escolha parece apropriada. Não deixa, no entanto, de ser curioso o facto de Havelock Ellis mencionar a tendência especial dos invertidos para as artes, em particular para a literatura: “There are, however,

infância constitui uma fase especialmente relevante para o diagnóstico da suposta patologia, merecendo o desvio do padrão de comportamento de gênero instituído especial atenção dos sexólogos. Uma criança que recusa as brincadeiras socialmente associadas ao seu gênero será, no contexto da teoria da inversão sexual, uma possível invertida.

Nos testemunhos citados por Havelock Ellis, a preferência por divertimentos associados ao gênero masculino constitui um indício de inversão congênita.⁶⁰ Como referido anteriormente, Stephen despreza as suas bonecas, o estereótipo do brinquedo feminino que limita a actividade a um espaço doméstico, associado à família e à maternidade – “and getting out her dolls [she] would begin to torment them. She had always despised the idiotic creatures which, however, arrived with each Christmas and birthday.” (17) – e prefere fantasiar no papel emancipatório de um herói masculino:

She, Stephen, now longed to be William Tell, or Nelson, or the whole Charge of Balaclava [...].

And Stephen would say gravely: ‘Yes, of course I’m a boy. I’m young Nelson, and I’m saying: “What is fear?” you know, Collins – I must be a boy, ’cause I feel exactly like one, I feel like young Nelson in the picture upstairs.’

(16)

Qualquer leitura monodimensional de *The Well of Loneliness*, centrada na teoria da inversão sexual, exclui a diversidade de perspectivas integradas nesta obra. Para além das interpretações focalizadas na protagonista, como a leitura de

certain avocations to which inverts seem especially called. One of the chief of these is literature. [...] Here, indeed, inverts seem to find the highest degree of success and reputation.” (Ellis, 1901, 1921: 293).

⁶⁰ Havelock Ellis refere uma Miss H.: “She never cared to play with dolls, and in her games always took the part of a man.” (Ellis, 1901, 1921: 224); e uma Miss M.: “As a child she did not care for dolls or for pretty clothes, and often wondered why other children found so much pleasure in them.” (Ellis, 1901, 1921: 226). Tais atitudes parecem ter influenciado a construção da infância de uma Miss Stephen Gordon.

Jay Prosser, que analisa a obra como uma das primeiras narrativas de um sujeito transsexual,⁶¹ ou a análise da masculinidade feminina de Stephen Gordon de Judith Halbestam (2001), a obra integra exemplos de discurso reversivo de outras personagens.

As duas personagens masculinas, Jonathan Brockett e Adolphe Blanc, destacam-se pelo seu contributo para o desenvolvimento de Stephen. Brockett, o dramaturgo efeminado, física e psicologicamente marcado pelas características atribuídas ao invertido congénito, reconhece em Stephen um ser semelhante. Aconselha-a afastar-se de Inglaterra, visitar Paris, conhecer o salão de Valérie Seymour. Em Paris, apresenta Stephen a uma herança cultural, representante da continuidade do homoerotismo feminino, na figura de Marie Antoinette e de Madame Lamballe:⁶²

But most skilfully of all did he recreate for her the image of the luckless queen who came after; as though for some reason this unhappy woman must appeal in a personal way to Stephen. [...]

Brockett said, very low, so that Puddle should not hear him: ‘Those two would often come here at sunset. Sometimes they were rowed along the canal in the sunset – can’t you imagine it, Stephen? They must have felt pretty miserable, poor souls; sick to death of the subterfuge and pretences. Don’t you ever get tired of that sort of thing? My God, I do!’

(240-241)

⁶¹ Cf. “‘Some primitive thing conceived in a turbulent age of transition’: The transsexual emerging from *The Well of Loneliness*” (Prosser, 2001).

⁶² Independentemente da veracidade dos rumores sobre a homossexualidade da rainha Maria Antonieta, esta tornou-se um símbolo do homoerotismo feminino, recorrente na literatura de ou sobre lésbicas. Terry Castle refere: “The most compelling evidence for Marie Antoinette’s cult figure status, I would like to suggest by way of coda, is to be found in the lesbian literary cultural tradition itself – especially in works of fiction written by and about lesbians in the first decades of the twentieth century. The homosexuality of Marie Antoinette is in fact a kind of communal topic in lesbian writing of the early twentieth century: a shared underground motif or commonplace.” (Castle, 1993: 140-141).

Brockett corresponde ao vínculo entre um (des)conhecimento da sexualidade de Stephen, cuja única referência é construída pelas obras dos sexólogos, e a possibilidade de se integrar numa comunidade que constrói para si um significado mais positivo da sexualidade lésbica.

Adolphe Blanc, por sua vez, representa o cepticismo relativamente à autoridade dos sexólogos, alheios à verdadeira situação dos invertidos. Vítima das tentativas de cura da homossexualidade, Adolphe apela à expressão da subjectividade das/os invertidas/os:

Ah, but they [the inverts] will not read medical books; what do such people care for the doctors? And what doctor can know the entire truth? [...] They are good, these doctors – some of them very good; they work hard trying to solve our problems, but half the time they must work in the dark – the whole truth is known only to the normal invert. The doctors cannot make the ignorant think, cannot hope to bring home the sufferings of millions; only one of ourselves can some day do that....

(395)

Para além de relativizar a autoridade científica dos sexólogos, esta intervenção remete mais uma vez para a responsabilidade de Stephen, enquanto escritora, de dar a conhecer ao mundo a realidade dos invertidos, os aspectos positivos e os mais negativos, ao contrário dos médicos cujos escritos se limitam à análise dos indivíduos incapazes de resistir às circunstâncias envolvidas na diferença sexual – “Many times they meet only the neurasthenics, those of us whom life has proved too bitter.” (395). No entanto, a tentativa de solucionar o suposto comportamento sexual desviante torna-se inútil face à recusa do tratamento. Quer isto dizer que, havendo da parte da/o invertida/o um sólido sentimento de identidade sexual, e conseqüente recusa da definição de patologia, o significado do discurso médico pode ser alterado. Adolphe constitui um exemplo do modo como *The Well of Loneliness*, aparentemente consistente com a teoria da inversão sexual, integra um discurso reversivo que rejeita uma definição com base nos seus princípios.

Saliente-se a heterogeneidade dos discursos de *The Well of Loneliness* sobre a homossexualidade e de representações de identidade sexual. Recordando o intuito, anteriormente citado, de Radclyffe Hall de escrever um romance não apenas dirigido a outros homossexuais, – “To bring normal men and women of good will to a fuller and more tolerant understanding of the inverted.” (Souhami, 1998: 151) – propomos que este romance seja entendido na sua fundamental duplicidade.

Um primeiro tipo de discurso favorece o argumento a favor da tolerância, no sentido de uma súplica pela simpatia e compreensão da sociedade heterossexual. Neste incluiríamos a narrativa de Stephen Gordon enquanto invertida martirizada pela sua diferença sexual, tal como o conjunto de personagens sujeitadas às mais adversas situações devido à sua diferença sexual. Aparentemente predominante, porque centrado na protagonista do romance, esta representação da existência dos/as invertidos/as subverte-se perante uma leitura focalizada nas margens. Um segundo tipo de discurso, dirigido aos próprios homossexuais, permite a articulação de um discurso reversivo, contrariando a definição médica usando o mesmo vocabulário. Como vimos, Radclyffe Hall apropria-se de um discurso médico masculino, transformando-o num discurso literário feminino e homoerótico, aproveitando diversos aspectos inerentes à teoria da inversão sexual, designadamente, o argumento do determinismo biológico e a visão utópica de Carpenter que atribui um papel central à figura do invertido na sociedade. A autora conjuga estes elementos numa narrativa que apresenta o percurso de Stephen Gordon na sua tentativa de articular uma identidade sexual própria, uma identidade em devir.

Mesmo Stephen Gordon, considerada o arquétipo da invertida sexual, permite vislumbrar elementos para um discurso reversivo. No entanto, tencionamos evidenciar que, nas margens da sua narrativa, se estabelecem as verdadeiras alternativas ao modelo da inversão sexual, nomeadamente nas personagens secundárias Mary Llewellyn e Valérie Seymour cuja análise informará a reflexão do próximo capítulo.

Capítulo III

A Construção da Heterossexualidade como Norma

*In her they instinctively sensed an outlaw, and theirs was the task of
policing nature.*

(Radclyffe Hall)

Heterosexuality is always already there within all mental categories.

(Monique Wittig)

A heterossexualidade como norma institucionalizada

Os termos heterossexualidade e homossexualidade partilham o mesmo percurso genealógico, tendo surgido no léxico jurídico e médico alemão com uma diferença de onze anos na primeira utilização oficial. O termo heterossexualidade terá sido introduzido por Karl Maria Kertbeny numa publicação em defesa da homossexualidade em 1869.⁶³ Quanto à primeira utilização em língua inglesa, podemos apontar para 1892,⁶⁴ numa tradução inglesa de Krafft-Ebing, sendo o termo registado oficialmente num dicionário médico em 1901. Sendo a sexualidade uma construção histórica, os termos hetero e homossexualidade devem ser entendidos como termos relacionais, definidos por oposição conceptual, de acordo com a significação decorrente de cada momento histórico. A introdução de um criou a necessidade do outro, o surgimento da identidade homossexual estabeleceu a identidade heterossexual. Uma pesquisa relativamente à constituição da identidade heterossexual a nível histórico encontra-se fora do âmbito dos objectivos propostos nesta tese; interessa, porém, indagar o processo que garante a manutenção da heterossexualidade como sexualidade normativa.

Segundo Jonathan Katz, na sua obra *The invention of heterosexuality*, a génese da heterossexualidade como norma coincidiu, na América, com a ascensão da classe média: “The making of the middle class and the invention of heterosexuality went hand in hand.” (Katz, 1995: 41). Entre 1820 e 1850, período analisado por Katz, localiza uma sociedade não regulada pela heterossexualidade. A classe média estaria absorvida em diferenciar-se de uma classe alta supostamente decadente e das camadas mais baixas, supostamente lascivas. A integridade sexual

⁶³ “Kertbeny first publicly used his new term *homosexuality* in the fall of 1869, in an anonymous leaflet against the adoption of the “unnatural fornication” law throughout a united Germany. The public proclamation of the homosexual’s existence preceded the public unveiling of the heterosexual. The first public use of Kertbeny’s word *heterosexual* occurred in Germany in 1880, in a published defense of homosexuality, in a book by a zoologist on *The Discovery of the Soul*. *Heterosexual* next made four public appearances in 1889, all in the fourth German edition of Krafft-Ebing’s *Psychopathia Sexualis*. (Katz, 1995: 53-54; itálicos no original).

⁶⁴ “The *Supplement* to the OED records that both words heterosexuality and homosexuality first entered the English language in an 1892 translation of the well-known study, *Psychopathia Sexualis*, by the Austrian sex researcher, Richard von Krafft-Ebing (1840-1902).” (Bristow, 1997: 4).

terá sido afirmada como uma das suas principais características distintivas (Katz, 1995: 40-41). A sua ascensão como classe terá consolidado a valorização do amor heterossexual, monogâmico e procriador, em oposição ao amor idealizado ou à volúpia sexualmente indiferenciada.

A principal conclusão deste autor consiste na inexistência da distinção homossexual / heterossexual anteriormente à chamada invenção da heterossexualidade:

Because the early-nineteenth-century middle-class mind was not commonly focused on dreams of legitimate different-sex pleasures, neither was it haunted by nightmares of perverted same-sex satisfactions. The sexual pervert did not emerge as an obsession of society's new-born, fledgling normal sexuals until the nineteenth century's last decades. Though the early-nineteenth century middle-class might be worried by erotic thoughts unhitched from love, this group was not yet preoccupied by an ideal of an essential, normal, different-sex sexuality.

(Katz, 1995: 46)

O heterossexual e o homossexual não surgiram subitamente em 1892, correspondendo, efectivamente, toda a segunda metade do século XIX à sua construção. A categoria erótica denominada heterossexual surge associada aos prazeres privados (entre parceiros de sexo oposto) de uma classe média cujos valores e interesses facilmente se iriam propagar:

[...] the late-nineteenth-century middle class needed to name and justify the private erotic practices that were growing more prevalent, and more open, by century's end. That class's special interest would find expression in the proclamation of a universal heterosexuality. The invention of heterosexuality publicly named, scientifically normalized, and ethically justified the middle-class practice of different-sex pleasure.

(Katz, 1995: 50-51)

Um dos principais contributos para a instituição da heterossexualidade como categoria erótica consistiu, curiosamente, na teorização ou na defesa do amor homossexual (Katz, 1995: 51). Em consequência da diferenciação entre as categorias homossexual / heterossexual, este binómio iria inaugurar uma tradição centenária que problematiza a primeira, associada ao anómalo, e assume a segunda como a normalidade (Katz, 1995: 55).

Institucionalizada a prática da investigação sobre a sexualidade considerada anómala, haverá a necessidade de se estabelecerem limites exactos entre os desejos e as práticas alegadamente normais e as desviantes: “[...] indeed, much of the work on homosexuality has *implicit* implications for heterosexuality, as the constructed ‘norm’ from which homosexuality is the constructed ‘deviant’, ‘alternative’ or ‘variation’.” (Kitzinger & Wilkinson, 1996: 139; itálico no original). A norma no domínio da sexualidade constitui-se de acordo com os parâmetros da cultura dominante, nomeadamente, de acordo com uma sexualidade praticada no espaço de uma relação conjugal, monogâmica e reprodutiva; esta torna-se a sexualidade hegemónica.

Ora, segundo a definição de Raymond Williams, a hegemonia consiste num conjunto de práticas e expectativas, num modo de vida (Williams, 1994: 596), numa interacção dos seus elementos necessários: forças sociais, políticas e culturais (Williams, 1994: 595). Hegemonia é sempre um processo que necessita de ser renovado, recriado, defendido e modificado (Williams, 1994: 598). Ao entendermos a heterossexualidade como sexualidade hegemónica de acordo com a concepção de Williams, devemos entendê-la enquanto sexualidade produzida pela cultura dominante, constitutiva da norma e do próprio desvio, ou seja, constitutiva das próprias formas de contracultura:

It can be persuasively argued that all or nearly all initiatives and contributions, even when they take on manifestly alternative or oppositional forms, are in practice tied to the hegemonic: that the dominant culture, so to say, at once produces and limits its own forms of counter-culture.

(Williams, 1994: 599)

Um relacionamento heterossexual, monogâmico e reprodutivo servirá os interesses de uma cultura dominante, incumbida de manter a sua hegemonia, garantindo simultaneamente os desvios à norma autorizados. Segundo Williams, a hegemonia não pode ser considerada total ou exclusiva (Williams, 1994: 599), exactamente por permitir determinadas formas alternativas. No caso da sexualidade, o discurso médico-científico identificou um comportamento desviante que haveria de examinar, classificando os indivíduos como homossexuais de acordo com um sistema taxonómico próprio. A sexualidade hegemónica impõe-se como a categoria do normal, do natural, sendo indispensável delimitar rigorosamente a norma do anómalo. No quadro conceptual da sexologia, qualquer teoria sobre o comportamento sexual desviante resulta, portanto, numa confirmação da norma heterossexual.

Na sua análise das relações de poder entre o masculino e o feminino em *Masculine Domination*, Pierre Bourdieu remete para a particularidade do dominante, a qual consiste na capacidade de definir as próprias concepções como universais: “The particularity of the dominant is that they are in a position to ensure that their particular way of being is recognized as universal.” (Bourdieu, 2001: 62). A heterossexualidade corresponde a uma construção imposta como paradigma de toda a prática sexual considerada normal: “[...] heterosexuality itself being socially constructed and socially constituted as the universal standard of any ‘normal’ sexual practice, i.e. one that has been rescued from the ignominy of the ‘unnatural.’” (Bourdieu, 2001: 84).

Facilmente se discerne uma forma de identidade privilegiada ou hegemónica, pelo simples facto de dispensar qualquer tipo de justificação, ou seja, por corresponder à forma silenciosa, sem marca diferencial, como acontece com os termos “homem” ou “branco”, podendo estes surgir como conceitos universais no discurso dominante. A heterossexualidade instituída como norma(lidade) equivale a uma identidade menos teorizada:

‘Default’ identities like these, which constitute the ‘normal, natural way to be’ (‘white’, ‘ablebodied’, ‘male’, etc.) are always less well theorised, less

articulated, less self-conscious, than are oppositional or oppressed identities; lack of reflexiveness is the privilege of power.

(Kitzinger & Wilkinson, 1996: 148)

O conjunto de normas que disciplinam a sexualidade de acordo com a concepção instituída denomina-se normatividade heterossexual ou heteronormatividade. Segundo Butler, uma norma consiste numa medida padrão comum, reproduzida como tal: “The norm is a measurement and a means of producing a common standard, to become an instance of the norm is not fully to exhaust the norm, but, rather, to become subjected to an abstraction of commonality.” (Butler, 2004: 50). A normalização da heterossexualidade equivale a um processo de significação que privilegia a representação da heterossexualidade numa determinada cultura, presente no discurso jurídico, no discurso científico – da sexologia, da psicologia, da biologia, entre outros – e no discurso das artes, da publicidade, etc. O discurso heteronormativo subsiste através de instituições reguladoras e difusoras da normalidade heterossexual, nomeadamente, a família, “a escola”, a Igreja. A presença destes agentes reguladores da (hetero)sexualidade pode verificar-se ao longo da narrativa de *The Well of Loneliness*.

Uma cultura heteronormativa fomenta uma rígida distinção entre sexos, géneros e orientação sexual com base na oposição entre o feminino e o masculino. Relativamente ao sexo, não admite qualquer ambiguidade do órgão sexual, recorrendo, por exemplo, à correcção cirúrgica de crianças nascidas com um sexo anatomicamente indefinido (Butler, 2004: 53). O estatuto de sujeito inteligível implica, efectivamente, a ausência de qualquer indefinição no sexo. Da mesma forma, a heteronormatividade envolve a constante insistência na diferenciação entre os géneros, não admitindo nenhuma configuração ambígua, para além de especificar as características de género associadas ao feminino e ao masculino, assentes numa concepção essencialista do mesmo.

A heterossexualidade perpetua-se como a única expressão do desejo aprovada e o inerente binarismo essencialista reduz as múltiplas possibilidades de sexo, de género e de desejo a um modelo de ilusória coerência, determinando o sexo anatómico o género e este, por sua vez, o desejo. A aparente coerência hete-

rossexual mantém-se através de um constante policiamento, atento a manifestações de comportamento desviante. A construção, artificial e forçada, desta coerência denuncia-se pelo simples facto de uma expressão de desejo alegadamente natural, normal, essencial, necessitar de tal aparato normativo:

A persistência e generalidade desta tarefa de estabilização, por um lado, e a necessidade de reajustamentos constantes, por outro, mostra bem que o que está em jogo não é nenhum invariante a-histórico. Mostra ainda a oscilação entre uma confiança extrema na fortaleza do edifício e o pânico do seu desmoronamento anunciador de novos movimentos de rigidificação das normas.

(Levy, 2004: 206)

No ensaio “Compulsory heterosexuality and lesbian existence”, Adrienne Rich (1980) desenvolve o conceito de “heterossexualidade compulsiva” com o objectivo de denunciar o conjunto de práticas culturais que restringem o desejo a uma única opção, o desejo pelo sexo oposto. Segundo Rich, a heterossexualidade institucionalizada comporta sérios inconvenientes para o género situado numa posição de subalternidade no actual esquema de relações de poder, nomeadamente o feminino, e o apagamento de alternativas à relação heterossexual prejudica as mulheres independentemente da sua orientação sexual. A sua crítica dirige-se, em parte, à comunidade académica feminista que, ao ignorar a existência lésbica nas investigações desenvolvidas, assume uma postura anti-lésbica e anti-feminista prejudicial ao objectivo da crítica feminista – permitir às mulheres no geral a obtenção de mais poder nos mais diversos campos (Rich, 1980: 203).

Para Rich, a heterossexualidade foi institucionalizada com o intuito de servir os interesses masculinos: “Some of the forms by which male power manifests itself are more easily recognizable as enforcing heterosexuality on women than others.” (Rich, 1980: 209). Enumera alguns dos aspectos dignos de atenção numa

análise da história das mulheres, aspectos estes associados à instituição da heterossexualidade:

Historians need to ask at every point how heterosexuality as institution has been organized and maintained through the female wage scale, the enforcement of middle-class women's "leisure," the glamorization of so-called sexual liberation, the withholding of education from women, the imagery of "high art" and popular culture, the mystification of the "personal" sphere, and much else.

(Rich, 1980: 223)

Rich afirma que a heterossexualidade poderia não constituir a primeira opção da mulher em termos de relacionamentos afectivos, no caso de existir essa escolha. O constante apagamento da existência lésbica da história e a catalogação do lesbianismo como patologia poderá denunciar o receio associado à possibilidade de a heterossexualidade não constituir a preferência:

The assumption that "most women are innately heterosexual" stands as a theoretical and political stumbling block for feminism. It remains a tenable assumption partly because lesbian existence has been written out of history or catalogued under disease, partly because it has been treated as exceptional rather than intrinsic, partly because to acknowledge that for women heterosexuality may not be a "preference" at all but something that has had to be imposed, managed, organized, propagandized, and maintained by force is an immense step to take if you consider yourself freely and "innately" heterosexual.

(Rich, 1980: 216)

De facto, será simples de exemplificar o modo como a heterossexualidade tem de ser imposta por coerção ou subtilmente idealizada como única alternativa. Se, por um lado, os casamentos forçados ou combinados por mero interesse

económico expõem a verdadeira função da relação heterossexual, por outro, a sublimação do amor heterossexual contida nas mais variadas formas culturais – na literatura (incluindo a infantil), no cinema, na publicidade – viabiliza a heterossexualidade compulsiva, construindo a promessa e a expectativa de uma relação heterossexual ideal (Rich, 1980: 213).

Jane Ussher (1997) analisa o modo como a narrativa do amor heterossexual idealizado, metamorfoseada de acordo com a idade dos consumidores culturais, propicia a inércia feminina através da promessa da chegada do príncipe perfeito.⁶⁵ Os contos de fadas, tais como a Bela Adormecida, a Cinderela e a Rapunzel; os romances sentimentais dirigidos a um público leitor constituído principalmente por mulheres; as revistas juvenis ou chamadas femininas; os filmes da grande indústria de Hollywood; os anúncios publicitários; todas estas práticas culturais contêm a mensagem: a necessidade de suportar todas as privações, de manter uma conduta honrada, e de aguardar pacientemente a recompensa prometida, o príncipe no seu corcel branco, o idílio heterossexual:

The lessons start early, with fairy tales – the eternal childhood favourites that seem so innocuous that we rarely question their benign intent [...]. It doesn't take a crystal ball to read the themes that run through these fairy tales: Beautiful but cruelly treated young woman longs for rescue and salvation, yet endures hardship and misery whilst dreaming her impossible dreams. [...]

Eventually, her patience, passivity and tolerance are rewarded – not with untold revenge on her tormentors, but with the attentions and love of a

⁶⁵ Denis de Rougemont, em *O amor e o ocidente* (1939, 1968), analisa a ideia do amor-paixão e do casamento no Ocidente com base no mito europeu do adultério do romance de Tristão e Isolda. Observa a existência da glorificação da paixão, perpetuada através das práticas culturais: “Mas o entusiasmo que mostramos pelo romance e pelo filme nascido do romance, o erotismo idealizado difundido em toda a nossa cultura, na nossa educação, nas imagens que são o ornamento de nossas vidas, e, finalmente, a necessidade de evasão exasperada pelo tédio mecânico, tudo em nós e à nossa volta glorifica a tal ponto a paixão que acabamos por ver nela uma promessa de vida mais viva, uma força que transfigura, qualquer coisa que estaria para além da felicidade e do sofrimento, uma ardente bem-aventurança.” (1939, 1968: 13-14). Cabe a nós notar aquilo que o autor não especifica, tratar-se do amor heterossexual.

man. These are the rituals of courtly love, transformed into children's fiction.

(Ussher, 1997: 7-8)

A representação cultural do idílio heterossexual, reiterada exaustivamente sob as mais variadas formas, permite moldar os sonhos e as expectativas das jovens leitoras ou pode proporcionar uma fuga ao quotidiano menos idílico de mulheres de todas as idades. A ideia de uma sexualidade supostamente natural e normal associa-se à heterossexualidade, ao mesmo tempo que as manifestas tendências desviantes se catalogam como anomalias patológicas. Caso o conjunto de forças sociais, políticas e culturais seja entendido como ineficaz no contexto da pretendida coesão binária heterossexual, a coerção efectiva e directa é exercida (através de leis reguladoras dos comportamentos sexuais desviantes).

A normatividade heterossexual na teoria da inversão sexual

Como já foi comentado no capítulo anterior, o discurso aparentemente emancipatório da sexologia integra a ambiguidade decorrente do seu contexto ideológico. Apesar do seu estatuto de ciência, a sexologia, tal como a jurisprudência, são inevitavelmente influenciadas pelas concepções dominantes de sexo e de género. Embora inovadoras, as teorias da sexologia da passagem do século XIX para o século XX não questionam a norma estabelecida, fortalecendo a mesma na caracterização dos respectivos desvios: “The law frames heterosexual intercourse as normal and legal; science positions it as ‘natural’.” (Ussher, 1997: 246). A ambiguidade intrínseca, inerente à sexologia anteriormente referida, consiste no facto de ter possibilitado a articulação de uma identidade homossexual, ao mesmo tempo que permitiu ao discurso da ciência apropriar-se do direito de categorizar e controlar uma sexualidade considerada desviante, relativamente à norma heterossexual. Jane Ussher remete para essa ambiguidade entre a autoridade para regular

e as oportunidades de resistir, presentes quer no discurso jurídico, quer no discurso da sexologia:

Equally, the boundaries of ‘normal’ sexuality established in scientific and legal theory are those of heterosexuality; all that deviates or detracts from this is at risk of categorization and control. [...]

Yet whilst science and law may be prime sites for the regulation of ‘sex’, they are also prime sites for resistance.

(Ussher, 1997: 208)

O discurso médico-científico da sexologia estabelece uma categoria de sexualidade normal, concordante com a concepção essencialista de género, expresso através das características de género femininas e as masculinas. Na obra de Krafft-Ebing e de Havelock Ellis, a categoria de normal corresponde à heterossexualidade, contraposta à ideia de anomalia da inversão sexual ou homossexualidade. No caso de Krafft-Ebing expressões como “[a]nomalies of the sexual functions” (Krafft-Ebing, 1886, 2006: 17); “psychic anomaly” (21); “abnormal manifestation” (21); “her perverse, homosexual existence” (86); “anomaly” (172) estabelecem o conceito de *anómalo*. Mediante a possibilidade de cura, nomeadamente, o regresso à sexualidade *normal* heterossexual, a homossexualidade constitui-se como patologia.⁶⁶

⁶⁶ A possibilidade de curar uma patologia sexual está implicada nos seguintes excertos: “[...] this patient, after two years of treatment in an asylum, was entirely *freed* from her neurosis and sexual inversion, and discharger *cured*.” (Krafft-Ebing, 1886, 2006: 121; meus itálicos); “[...] her sensual desires had turned into the *normal* paths.” (176; meus itálicos); “[...] an experienced colleague succeeded in a few months to free this patient by means of hydro- and suggestive treatment, from her homosexual *affliction*.” (185; meus itálicos).

No caso da obra de Havelock Ellis (1901, 1921), apesar de a ideia de cura ser rejeitada, as expressões usadas estabelecem a mesma oposição entre o *normal* e o *anómalo*:

If it is to act on a fairly *normal* nature the *perverted* suggestion must be very powerful or iterated, and even then its influence will probably only be temporary, disappearing in the presence of the *normal stimulus*.

(1901, 1921: 270-271)⁶⁷

Inversion is an *aberration* from the *usual* course of nature.

(1901, 1921: 355)⁶⁸

Os excertos seleccionados denotam a ideia de uma norma, intrínseca à natureza, no geral, e à sexualidade humana, em particular. Curiosamente, os indícios que anunciam uma sexualidade anómala incluem a transgressão do comportamento de género. Por outras palavras, na ausência de coerência entre sexo anatómico e comportamento de género, o diagnóstico aponta para inversão sexual.

A importância de um papel de género bem definido demonstra-se pela constante referência à infância nos estudos de caso, numa tentativa de situar o aparecimento do comportamento de género desviante nas brincadeiras predilectas. A afirmação mais repetida, expressão do desagrado relativamente a bonecas e/ou à indumentária considerada feminina, sugere que as características masculinas se manifestam desde a infância – “As a child she did not care for dolls or for pretty clothes [...]” (Ellis, 1901, 1921: 226). Esta característica, a preferência por brincadeiras “de rapazes” assume o valor de um sinal inconfundível de inversão sexual congénita (à semelhança da infância de Stephen Gordon).

Finalmente, os princípios activo e passivo, inerentes à oposição binária masculino / feminino, respectivamente, e associados à concepção heterossexual de

⁶⁷ Meus itálicos.

⁶⁸ Meus itálicos.

um relacionamento, são aproveitados na teoria da inversão sexual para articular a ideia de desejo entre duas pessoas do mesmo sexo. Na presença de uma suposta igualdade, liberta das relações de poder entre o masculino e o feminino, o sexólogo associa esta mesma oposição sexual a um casal de duas pessoas do mesmo sexo, decalcando o modelo conjugal heterossexual.

As componentes da teoria da inversão sexual comentadas – a clara oposição entre a categoria de normal e de anómalo; a insistência no binarismo essencialista, presente na descrição das supostas características do género feminino ou do masculino; e o aproveitamento das ideias associadas à heterossexualidade representam as concepções do sistema de sexo / género instituído, conferindo-lhes a autenticidade que advém de uma teoria científica, dificultando a desconstrução da normatividade heterossexual, como afirma Teresa Levy:

O recurso à autoridade da ciência tem uma enorme influência na crença que este edifício é estável, consistente e portanto que os seus objectos, esquemas descritivos e explicativos são fiáveis.

(Levy, 2004: 207)

Este tipo de teorias da homossexualidade poderá reforçar a heteronormatividade, pelo simples facto de apreender a heterossexualidade como norma indiscutível e por construir o indivíduo invertido de acordo com o mesmo sistema binário essencialista auxiliar da normalidade heterossexual:

It is the dominance of phallogentric heterosexual ideologies that dictate the narrow boundaries of sexual behaviour or desire for (and between) women and men which results in the obsession (and fear) of ‘homosexuality’ and ‘homosexual sex’.

(Ussher, 1997: 244-245)

A heteronormatividade no discurso de *The Well of Loneliness*

Sendo *The Well of Loneliness* um romance sobre o amor entre mulheres, o facto de podermos encontrar um discurso heteronormativo explícito pode causar alguma estranheza ao leitor. Se a heterossexualidade surge como norma, se a relação heterossexual corresponde ao ideal inatingível, em que medida se advoga o direito à liberdade⁶⁹ dos invertidos?

A aparente contradição resulta, principalmente, do facto de a personagem Stephen Gordon se aproximar dos ideais da classe aristocrática inglesa a que Radclyffe Hall pertence, incluindo uma valorização da masculinidade, por vezes misógina. Stephen Gordon aproxima-se da figura do *gentleman*⁷⁰ na sua identificação com a masculinidade hegemónica inglesa. Privada de um modelo padrão feminino com que se possa identificar (a passividade, ausência de curiosidade intelectual e dependência relativamente ao marido, excluem Anna Gordon como figura emancipatória), Stephen adopta as características de género tradicionalmente masculinas que, para além de coincidirem com os seus interesses pessoais, se ajustam à sua interpretação do amor homoerótico. Ou seja, poderá assumir o papel “masculino” de protectora relativamente à mulher amada: já com Collins expressara o desejo de suportar as suas dores em vez dela; no seu encontro com Angela Crossby salva o seu cão; responsabiliza-se pelo sustento de Mary Llewellyn em sua casa.

A segunda justificação possível estará associada a uma estratégia narrativa que pretende tornar este romance o mais “legível” possível para um público leitor fundamentalmente heterossexual. De acordo com esta estratégia, a personagem principal seria uma figura heróica, moralmente irrepreensível, capaz de apresentar

⁶⁹ O termo liberdade deverá ser entendido enquanto liberdade civil ou social do indivíduo, associando-se a uma esfera de acção no qual o indivíduo deve poder contar com a completa ausência de interferência da sociedade. Cf. John Stuart Mill (1859, 2003), *On Liberty*.

⁷⁰ Gilmore define a ideia do *gentleman* no seguinte excerto; sublinhe-se a qualidade moral inerente ao conceito: “[...] the man of noble birth, or of good family, was a gentleman by right (this is what the word ‘gentle’ in its original sense means), as was the Church of England clergyman, the army officer, the member of Parliament. But between these and other time-honoured ranks, and those who aspired to the status, lay the universal assumption that gentlemanliness was important and that its importance transcended rank because it was a moral and not just a social category.” (Gilmore, 1981: 3).

a problemática da inversão sexual à classe média alta, criando alguma afinidade entre a protagonista e o público. Daí haver quem considere a personagem Stephen Gordon uma lésbica conservadora, facilmente integrada no discurso convencional sobre lesbianismo, correspondendo ao estereótipo da lésbica masculina divulgado pelos sexólogos:

But how disturbing was Stephen's action? The lesbian who stood out from the crowd in the 1920s and 1930s because of her masculine attire fit neatly into the established popular discourse about what *all* lesbians wore. [...] Thus, Hall helped construct an image of the lesbian that could be contextualized within popular heterosexual ideology.

(Inness, 1997: 21)⁷¹

Se, por um lado, Hall garante a visibilidade das suas personagens enquanto lésbicas – Stephen com a sua indumentária masculina dificilmente se livra do escrutínio público – por outro, consolida a diferença estabelecida no imaginário da ideologia popular heterossexual. A ideia de uma diferença entre a mulher lésbica e a heterossexual conduz ao apagamento da identidade lésbica de uma personagem como Mary Llewellyn que, apesar do desejo homoerótico textualmente explícito, facilmente será lida como a mulher heterossexual seduzida pela verdadeira lésbica. Daí a necessidade de sublinhar a agência individual e sexual desta personagem.

A presença do discurso heteronormativo nesta obra, pode ser atribuída ao ideal a que Stephen Gordon aspira nos seus relacionamentos afectivos, nomeadamente, a relação conjugal dos Gordons. Este ideal integra um marcado sentido de pertença de classe (Morton, a propriedade dos Gordons surge como elemento fundamental), assim como, a necessidade de reprodução, garantia da transmissão do

⁷¹ Itálicos no original.

patrimônio e da sucessão da linhagem:

All she would know was that seeing her parents together in this mood, would fill her with longings for something that she wanted yet could not define – a something that would make her as happy as they were. And this something would always be mixed up with Morton [...].

(33)

Para a jovem Stephen, o casamento dos seus pais será sempre um ponto de referência, símbolo da perfeição, de segurança e de estabilidade emocional; o farol que a orienta no seu percurso pela vida: “[...] it had stood for the symbol of perfect fulfilment [...]. This love had been glowing like a great friendly beacon, a thing that was steadfast and very reassuring.” (82).

A família patriarcal (heterossexual) institucionalizada consiste num dos principais agentes de regulação heteronormativa. A criança depreende da socialização no contexto familiar as configurações de género e de sexualidade que assumirá como a norma. Face às concepções de feminilidade e de masculinidade disponíveis, Stephen compreende a sua própria diferença. Sua mãe, Lady Anna, representa o modelo padrão do género feminino instituído, ou seja, uma feminilidade compatível com as normas vigentes – “the archetype of the very perfect woman, whom creating God has found good.” (7). Será impossível para Stephen identificar-se com esta interpretação de género feminino, caracterizado pela beleza, pela castidade, pela subserviência em relação ao marido e pela ausência de curiosidade intelectual. A concepção de feminilidade presente em Anna centra-se no casamento como objectivo último da existência da mulher, como consta no excerto abaixo transcrito. Quanto à educação, exprime as suas dúvidas, tomando a preceptora, Miss Puddleton, como exemplo de uma existência feminina incompleta e sem sentido:

Why shouldn't Stephen marry? She wished her to marry. [...] No woman was ever complete without marriage [...] Next year he [Philip] was going

to sent Stephen to Oxford. Anna scoffed: ‘Yes, indeed, he might well look at Puddle! She was what came of this higher education – a lonely, unfulfilled, middle-aged spinster. Anna didn’t want that kind of life for her daughter.

(109)

A heteronormatividade constitui uma presença constante na vida de Stephen, cuja homossexualidade a impede de poder corresponder às expectativas colectivas inerentes ao discurso de sua mãe e da sua comunidade. A ideologia que constrói a heterossexualidade como norma, como a única sexualidade possível e admissível, é responsável pelos repetidos actos de exclusão e ostracismo sofridos por Stephen. Pat Caplan afirma: “In our society, heterosexual relations are seen as the norm, and homosexual relations are stigmatized. Nonconformity to the norms of heterosexuality threatens the dominant ideology’s view of sex as ‘innate’ and ‘natural’.” (Caplan, 1987: 2).

O relacionamento de Stephen com a sua comunidade revela-se incompatível, pois devido à sua diferença é marginalizada. As peripécias de Stephen nos jantares e nos bailes – cujo objectivo consiste em introduzir as jovens solteiras no mercado matrimonial – ilustram a relevância do casamento em definir a normalidade de uma mulher, cujo estatuto e prestígio decorrem directamente do seu casamento. O excerto seguinte descreve o momento em que os convidados se dirigem aos pares para a mesa onde decorrerá o jantar, em casa da família Antrim:

Then the solemn and very ridiculous procession, animals marching into Noah’s Ark two by two, very sure of divine protection – male and female created He them! Stephen’s skirt would be long and her foot might get entangled, and she with but one free hand at her disposal – the procession would stop and she would have stopped it! Intolerable thought, she had stopped the procession!

(75)

Nesta passagem, o narrador demonstra algum sarcasmo em comparar o cortejo dos convidados com a marcha dos animais para a arca de Noé. Este cortejo não admite incoerências, as formas de identidade são limitadas a duas, a feminina (heterossexual) e a masculina (heterossexual); logo, exclui Stephen. Fracassa na sua tentativa de encenar a feminilidade normativa, através do uso do vestuário apropriado – “o seu vestido seria longo demais e o seu pé prender-se-ia”. Apesar desta tentativa fracassada de se integrar no cortejo heterossexual, o facto de a sua presença interromper a ordem estabelecida não deixa de ser significativo. Por outras palavras, o indivíduo homossexual consegue criar o caos na ordem heterossexual estabelecida – “Intolerable thought, she had stopped the procession! (75).⁷²

Num destes acontecimentos sociais, Stephen e Martin Hallam são formalmente apresentados. A amizade desenvolvida entre os dois será interpretada pela comunidade heterossexual como futuro noivado, suposição que confere a Stephen a oportunidade de experienciar o prestígio social associado à identidade heterossexual. A necessidade de se integrar, de ser respeitada pela sociedade, levam-na a exprimir o desejo de poder ter aceite o casamento, não por sentir algum desejo por um homem, simplesmente pelas comodidades implicadas nesse acto:

He [Martin] it was who had raised her status among them – he, the stranger, not even connected with their county. They had all decided that she meant to marry Martin, and that fact at once made them welcoming and friendly; and suddenly Stephen longed intensely to be welcomed, and she wished from her heart that she could have married Martin.

(106)

⁷² O episódio bíblico da arca de Noé, em conjunto com a narrativa da criação de Adão e Eva, constituem o mito fundador cristão da heterossexualidade – a humanidade surgiu numa configuração que estabelece a diferença e respectiva hierarquia entre os dois sexos; a protecção divina abrange humanos e não-humanos, desde que se apresentem em pares heterossexuais para garantir a procriação das respectivas espécies. Em *The Well of Loneliness*, estes dois episódios são brevemente mencionados, não para contribuir para a sua validade, mas no que parece uma tentativa de subverter uma lenda algo ingénua: “Her [Mademoiselle Duphot’s] innocent mind was untutored and trustful; she believed in the legend of Adam and Eve, and no careless mistakes had been made in their garden!” (263).

A promessa da possibilidade heterossexual, ou seja, o casamento entre Stephen e Martin, entusiasma não apenas a comunidade. Mesmo as pessoas mais próximas de Stephen, incluindo o seu pai (95) e Miss Puddle (95), ambos cientes da sua diferença, demonstram o seu contentamento face à simples hipótese de Stephen poder ser considerada heterossexual.

Ao longo de toda a obra podemos constatar a importância atribuída à instituição do casamento, na medida em que o mesmo autoriza e valida um determinado tipo de relacionamento. Stephen Gordon ressentido o facto de não lhe ser permitido usufruir dos privilégios inerentes ao matrimónio, independentemente da classe social – “security, peace, and love with honour.” (398). A relação heterossexual associa-se à harmonia, à segurança e à natureza, surgindo a instituição do matrimónio como um culminar de todas estas virtudes. Apesar do seu estatuto social e poder económico, é-lhe negado algo tão simples como o casamento com a pessoa amada. Por ocasião do casamento de uma das suas criadas em Paris, Stephen define a sua concepção de casamento (heterossexual):

Adèle and Jean, the simplicity of it... they loved, they married, and after a while they would care for each other all over again, renewing their youth and their love in their children. So orderly, placid and safe it seemed, this social scheme evolved from creation [...]. A fruitful and peaceful road it must be. The same road had been taken by those founders of Morton who had raised up children from father to son, from father to son until the advent of Stephen [...].

(400)

Associado à ideia de casamento encontra-se a capacidade reprodutiva da relação heterossexual, uma constante preocupação de Stephen. Segundo Stephen o lesbianismo equivale à esterilidade feminina, à impossibilidade de contribuir para a continuidade da sua casa. A sua obsessão com a reprodução deriva da sua ideologia de classe, consistente com a sua concepção da relação ideal – a dos seus pais –, um dos motivos pelos quais desiste da sua felicidade com Mary Llewellyn,

entregando-a ao que considera a segurança, o respeito social, a paz e a possibilidade reprodutiva, inerentes a uma relação heterossexual (438).

A instabilidade da categoria heterossexual

As identidades correspondem a construções sociais, desenvolvidas num contexto cultural específico pelos indivíduos que as assumem. Devemos entender qualquer identidade como flexível e inconstante, adaptável a novos significados susceptíveis de surgir na cultura em que se integra. A categoria de identidade sexual, por sua vez, implica uma tentativa de estabilização incompatível com a fluidez do desejo. Ou seja, assumir determinada identidade sexual, embora essencial para nos definirmos, poderá limitar a multiplicidade de relacionamentos possíveis. No caso da heterossexualidade, concebida como norma, natural e imutável, devemos entender os processos implicados nessa normalização resultado da rejeição de impulsos considerados antinaturais, sem se garantir a estabilidade da construção da normalidade. Os agentes da regulação da sexualidade são necessários para manter a aparência de uma estabilidade assente na natureza intrínseca da sexualidade humana:

The agents of sexual regulation, whether states, churches or other institutions such as those of medicine or psychology, are involved in an effort of definition that is never-ending, and the reason for this is simply because sexual identities, including, perhaps especially, heterosexual ones, are profoundly unstable.

(Weeks, 1995: 41)

A fragilidade inerente às categorias de identidade sexual não se restringe à heterossexualidade. As categorias de homossexualidade ou bissexualidade assumem uma conotação política muito forte, não se excluindo uma dissonância entre

desejo, actividade sexual e a respectiva identidade. As múltiplas configurações possíveis dos elementos desejo e comportamento constituem a fluidez da sexualidade, incompatível com categorias estanques de identidade. A necessidade de garantir uma orientação sexual estável e definitiva decorre da ansiedade social gerada face à indefinição e ao desconhecido. A possibilidade de qualquer indivíduo – mesmo o portador da “etiqueta” heterossexual – poder experienciar um desejo homoerótico surge como ameaça à ordem social estabelecida, assente num intransponível limite entre natural e antinatural, normal e anómalo.

Carroll Smith-Rosenberg afirma que os sexólogos não se mostravam seriamente preocupados com o comportamento sexual desviante, estariam antes obcecados com a reafirmação da ordem num mundo conflituoso em mudança constante. Confiantes na sua capacidade de restaurar a ordem, o verdadeiro objecto do discurso da sexologia seria o poder (Smith-Rosenberg, 1990: 268-269). O verdadeiro objectivo seria o controlo da *New Woman*:⁷³ “By constituting her a sexual subject, they made her subject to the political regulation of the state.” (Smith-Rosenberg, 1990: 269). O poder regulador dos sexólogos poderá, em alguns casos, ter sido exercido inconscientemente, na tentativa de explicar a suposta anomalia sexual. Tal não significa, no entanto, a ausência de consequências prejudiciais para as mulheres cuja sexualidade foi analisada como anomalia. Uma vez instituído, o diagnóstico poderia ser usado para disciplinar qualquer comportamento indesejado, identificando o mesmo como sintoma de uma sexualidade desviante.

Denise Thompson (1993) afirma ser prejudicial para as mulheres estabelecer uma dicotomia entre lésbica e heterossexual, pois estes termos não denotam duas categorias distintas e incomensuráveis de mulher. Insistir numa oposição entre estas duas categorias deve ser entendida como uma necessidade da ideologia patriarcal, que torna o conceito ‘lésbica’ inteligível contrapondo-o aos conceitos mulher e feminilidade:

‘Lesbian’ and ‘heterosexual’ are not two distinct and incommensurable categories of women. [...] Even lesbians who have never been

⁷³ Cf. n. 50, p. 67.

heterosexual in desire and activity cannot avoid the influence of a heterosexual hegemony which flaunts itself as the only 'love', and promotes its values endlessly as the only 'reality'. Lesbians are thoroughly familiar with heterosexuality, both through actual personal experience and through the all-pervasive ideology which saturates the whole culture. [...]

To set up an oppositional dichotomy between 'lesbian' and 'heterosexual' is to falsify female existences. [...] 'The lesbian' must be made to be different from 'other' women in terms of malestream thought – how else can the male mind incorporate females who do not 'love' men?

(Thomson, 1993: 176-177)

Em *The Well of Loneliness*, apesar de Stephen Gordon valorizar a relação heterossexual pela estabilidade e pelo respeito social inerentes, na obra podemos identificar um conjunto de elementos representativos da instabilidade da categoria heterossexual. Esta instabilidade consiste na discordância entre desejo sexual e identidade assumida, nomeadamente, nas personagens aparentemente heterossexuais cujos desejos ou actos, no entanto, não correspondem a essa identidade. Estas personagens subvertem a fórmula heterossexual: o sexo anatómico designa o género correspondente, este, por sua vez, determinará a orientação (heteros)sexual. Em contraste com Stephen, representada coerentemente de acordo com a identidade da invertida congénita, estas personagens possibilitam a desconstrução da noção de estabilidade sexual e a configuração de múltiplas identidades.

The Well of Loneliness oferece uma multiplicidade de leituras possíveis, dependendo da perspectiva adoptada. Tomando a heterossexualidade como ponto de referência para a interpretação desta obra, atenua-se o potencial emancipatório das personagens, ou seja, a dicotomia estabelecida entre masculino / feminino, activo / passivo, homossexual / heterossexual permanece intacta enquanto significado da representação literária. De acordo com esta perspectiva, o dualismo acima mencionado pode aplicar-se a Stephen e Mary, sendo Stephen lida como um homem num corpo de mulher (com a inconfundível marca da masculinidade),

assumindo o papel activo reservado ao marido numa relação conjugal heterossexual, ou seja, o que providencia o sustento para o casal. Em oposição, Mary assume o papel passivo associado à verdadeira feminilidade, economicamente dependente do elemento masculino e cuja existência se encontra limitada ao espaço doméstico.

A análise não se resume, no entanto, a estas duas personagens. No caso de Miss Puddleton, ou Puddle – a preceptora e amiga da jovem Stephen – apesar de poder ser identificada como lésbica pelo público leitor, esta personagem surge como heterossexual precisamente pela ausência de uma marca distintiva. A ideologia heterossexual concebe Miss Puddle como uma mulher (heterossexual) emocionalmente frustrada e incompleta por não ter sucedido na sua tarefa de encontrar um marido, nas palavras de Lady Anna (citadas anteriormente): “a lonely, unfulfilled, middle-aged spinster” (109). Contrariamente a esta leitura, decorrente das expectativas heteronormativas, Puddle oferece outra possibilidade interpretativa com base na focalização do narrador, que faculta o acesso aos seus monólogos interiores.

Puddle representa a invertida silenciada pela sociedade, que opta por esconder a sua identidade e dedicar toda a sua energia ao seu semelhante, Stephen. A sua sabedoria e experiência seriam de extrema utilidade para a jovem em busca de uma identidade compatível com o seu desejo, no entanto, Puddle permanece calada, constrangida pela chamada “tirania do silêncio” (153). Puddle não chega a pronunciar as palavras de coragem destinadas a Stephen, formuladas neste monólogo:

And then she would counsel and try to give courage: ‘You’re neither unnatural, nor abominable, nor mad; you’re as much a part of what people call nature as anyone else; only you’re unexplained as yet – you’ve not got your niche in creation. But some day that will come, and meanwhile don’t shrink from yourself, but face yourself calmly and bravely. Have courage [...].

(153-154)

O discurso de Puddle equivale à promessa utópica,⁷⁴ formulada por Edward Carpenter, da emergência de um novo tipo de ser humano, indispensável ao progresso das sociedades. À semelhança de Stephen, Puddle representa o sexo intermédio de Carpenter, embora a sua plena vivência lhe tenha sido negada pela sociedade heteronormativa.

Da mesma forma, Martin Hallam possibilita uma leitura convencional, heteronormativa e outra, susceptível de subverter a assunção heterossexual. Segundo a primeira leitura, Martin é entendido como o ideal do homem heterossexual, cuja chegada “liberta” uma mulher inocente (Mary) de uma relação contranatural com uma invertida congénita. Nesta perspectiva, o final do romance corresponde à solução heterossexual, ao restabelecimento da ordem natural das coisas. Nomeadamente, a suposta cura de Mary através da masculinidade (verdadeira) de Martin, responsável por proporcionar a segurança e a respeitabilidade inerente à relação heterossexual. O final heterossexual implica o insucesso do relacionamento lésbico, confirmando-se a incompatibilidade entre duas mulheres no que parece confirmar a ideologia heterossexual.

Na leitura centrada na norma heterossexual, Martin Hallam não consegue conquistar Stephen – uma invertida congénita que sente repúdio por homens – mas ao conhecer Mary, a companheira da invertida, sedu-la para um relacionamento heterossexual, a única cura possível. A teoria da inversão sexual admite a possibilidade de um homem heterossexual se interessar por uma invertida, o problema consiste na respectiva definição do tipo de homem: “The man who is passionately attracted to an inverted woman is usually of rather a feminine type.” (Ellis, 1901, 1921: 257). A própria teoria de Ellis contém esta ambiguidade relativamente ao homem capaz de se apaixonar por uma invertida. Recordemos a afirmação de Ellis, citada no capítulo anterior, segundo a qual a invertida não constituirá um objecto de desejo masculino – “the inverted woman is not usually attractive to men.” (Ellis, 1901, 1921: 257). A masculinidade subentendida nestes dois excertos de Ellis poderá ser definida como não-heterossexual. Hemmings

⁷⁴ Cf. n. 51, p. 70.

confirma esta ideia, que Martin não deverá ser interpretado como representação da heterossexualidade masculina ideal:

In the process of calling the gender of his inverts into question, Ellis necessarily also casts doubt over the masculinity of the heterosexual male in whose arms the feminine invert's cure is to be realized, since an ordinary man would have passed such a woman by. Such a man is necessary for the feminine invert's return to heterosexuality, to fulfill the narrative quest for closure, yet his desire for her simultaneously unmans him. [...] If we think for a moment of Martin Hallam, the man to whom Mary runs at the end of the novel, we can see this ambivalence in action. Martin's status as ideal heterosexual male is cast in doubt in a number of ways throughout *The Well*.

(Hemmings, 2001: 183-184)

Sustentar a interpretação audaciosa de Hemmings relativamente à duvidosa heterossexualidade de Martin, justifica-se com base nos seguintes elementos, a caracterização da personagem, o tipo de relação estabelecida entre Stephen e Martin e o seu interesse por Mary. Martin é descrito como um homem estranho, sensível, pouco sociável e, logo, com poucos amigos: “A *queer*, sensitive fellow this Martin, with his *strange* love of trees and primitive forests, not man to make many intimate friends, and in consequence a man to be lonely.” (92).⁷⁵ A diferença em *The Well of Loneliness* equivale à diferença sexual e no excerto acima apresentado surgem duas expressões que caracterizam Martin como um homem estranho.

Além deste aspecto, a relação entre Stephen e Martin consiste numa camaradagem de ténue homoerotismo. Martin cita uma frase da Bíblia – “And in death they were not divided” (93) – que antecede uma famosa expressão, símbolo de

⁷⁵ Meus itálicos.

homoerotismo masculino.⁷⁶ Sendo a característica mais marcante de Stephen a sua masculinidade, reconhecida por todas as personagens, como explicar a atracção de Martin por esta rapariga? Martin encontra em Stephen a companhia perfeita – “the perfect companion” (92) – ficando ao nosso critério interpretar esta expressão como *o companheiro perfeito* ou *a companheira perfeita*. Stephen, por sua vez, vê nele o amigo que nunca teve – “we’re like brothers, we enjoy all the same sort of things.” (94). Stephen e Martin aproximam-se por haver neles a mesma diferença sexual que os separa da sociedade heteronormativa. Laura Doan considera Martin um indivíduo de sexo intermédio estabelecido por Carpenter: “The sexual frisson of this relationship is not that of a man and a woman; rather, it is a love immensely superior to the love of ordinary men and women.” (Doan, 2001: 170).

Por último, devemos sublinhar o facto de os únicos relacionamentos afetivos de Martin neste romance se estabelecerem com mulheres invertidas. Segundo Ellis, Mary corresponde ao tipo de mulher que se apaixona por invertidas, em parte por ser ignorada pelo homem regular – “the pick of the women whom the average man would pass by.” (Ellis, 1901, 1921: 222). Na lógica da sexologia, Martin não seria considerado o protótipo do homem heterossexual e, segundo a teoria de Carpenter, Martin corresponde ao tipo menos pronunciado do sexo intermédio.

O carácter subversivo da obra e das respectivas personagens confirma-se numa leitura focada na fluidez do desejo sexual, em contraste com a ubiquidade do desejo heterossexual. Ao pressupor a identidade heterossexual restringem-se as possibilidades interpretativas e reduz-se o potencial emancipatório da obra *The Well of Loneliness*.

O regresso à normalidade heterossexual poderá ser representado por Angela Crossby, uma das personagens secundárias moldadas de acordo com a teoria dos sexólogos. Corresponderá aos casos associados à mera curiosidade ou à inversão falsa (Ellis, 1901, 1921: 216), (Carpenter, 1912: 55). Angela Crossby

⁷⁶ Cf. Samuel 2, 1: 23-26. A frase “também na sua morte não se separaram,” citada por Martin refere Saul e Jónatas, pai e filho. O excerto relevante, frequentemente citado como exemplo do amor homoerótico entre Jónatas e Davi é o seguinte, de acordo com a *King James Version*: “I am distressed for thee, my brother Jonathan: very pleasant hast thou been unto me: thy love to me was wonderful, passing the love of women.” (Samuel 2, 1: 26).

simpatiza de imediato com Stephen, devido à sua peculiaridade. No seu pacato quotidiano enquanto esposa de Ralph, o afecto de Stephen surge como uma diversão, um parêntesis na sua rotineira relação heterossexual – “And because she was idle, discontented and bored, and certainly not over-burdened with virtue, she must let her thoughts dwell unduly on this girl, while her curiosity kept pace with her thoughts.” (141). Apesar da relação com Stephen, Angela não é representada como uma invertida congénita, sendo-lhe possível o regresso ao seu casamento heterossexual, não passando a experiência homossexual de anódino contra o tédio – “her anodyne against boredom” (150).

Interessa salientar que esta personagem, apesar de poder ser identificada como heterossexual, e recusar a identidade lésbica – “I’m not a pervert; [...] I’m not that sort of degenerate creature.” (200) – expressa desejo homoerótico e envolve-se activamente numa relação lésbica. Para mais, opta pelo seu marido numa explícita preferência pela segurança e aceitação social decorrentes da instituição do casamento, patente na sua pergunta – “Could you marry me, Stephen?” (149) – seguida do silêncio impotente de Stephen. Angela ilustra a fluidez do desejo sexual feminino que, apesar da fixação decorrente de uma identidade específica, remove os limites impostos.

A representação da lésbica *femme*

A partir da segunda metade do século XX, Stephen Gordon, a “mítica lésbica masculina” deixou de ser interpretada como a invertida congénita, teorizada pelos sexólogos, para incarnar o protótipo de uma identidade lésbica oriunda da classe trabalhadora nos Estados Unidos da América, a lésbica *butch* (De Lauretis, 1988, 1993: 146). Por associação, Mary Llewellyn, modelo do “tipo de mulher pelo qual a invertida se sente atraída”, passiva e dependente da companheira no contexto ideológico da teoria da inversão sexual, transformou-se em *femme*. Stephen e Mary passam a ser interpretadas como casal *butch-femme*, o que explica

parte da atitude crítica relativamente a *The Well of Loneliness*, equivalente às críticas dirigidas à relação *butch-femme*.

Butch e femme são dois tipos de interpretação da identidade lésbica com uma origem específica, nomeadamente na cultura lésbica da classe trabalhadora dos Estados Unidos, na década de cinquenta do século XX. A *femme* corresponde à lésbica que expressa o desejo lésbico sem rejeitar a feminilidade, que supostamente prescinde do controlo na sua relação com uma *butch*. A *butch* é a lésbica que exprime a sua sexualidade através da explícita recusa da feminilidade associada ao género feminino, que supostamente assumiria o papel activo na relação. Kristiina Jalas (2005) introduz a noção de categoria secundária de género para definir a identidade *butch*,⁷⁷ ou seja, para além da identidade de género e orientação sexual, *butch e femme* surgem como dois papéis da sexualidade lésbica. Estes papéis implicam determinados comportamentos, significados e códigos sociais específicos de algumas culturas lésbicas modernas (Ardill & O’Sullivan, 1990: 80). A relação *butch-femme* continua a gerar alguma polémica, decorrente da seguinte questão, será esta relação libertadora ou redutora para as lésbicas envolvidas (Ardill & O’Sullivan, 1990: 80)?

No ensaio “The return of butch and femme: A phenomenon in lesbian sexuality of the 1980s and 1990s”, Lilian Faderman (1992) apresenta os aspectos mais relevantes desta polémica. Durante os anos cinquenta os casais *butch-femme* detinham mais visibilidade que outras lésbicas, responsáveis pela imagem dominante da lésbica da época (Faderman, 1992: 581). A partir dos anos setenta, as lésbico-feministas⁷⁸ mostraram-se bastante críticas relativamente à relação *butch-femme*, entendida como uma imitação da heterossexualidade, uma réplica das relações de poder e da opressão sofrida pelas mulheres na cultura dominante (Faderman, 1992: 580). As mulheres que optaram por este tipo de relação foram

⁷⁷ “‘Butch’ is understood here as ‘second order’ gender category, an identity label that organizes some lesbian women’s powerful feelings of ‘masculinity’, and their sense of not securely belonging to a ‘primary’ gender, be it ‘masculinity’ or ‘femininity’.” (Jalas, 2005: 52).

⁷⁸ A conjugação do feminismo e do lesbianismo continua problemática. Podemos definir o lésbico-feminismo como uma vertente do feminismo radical – que coloca a questão da sexualidade no seu centro, numa crítica severa ao poder masculino – em que a crítica à instituição da heterossexualidade conduz à defesa do lesbianismo. “Nos EUA muitas lésbicas integraram a *National Organization of Women*, lutando nomeadamente pelo direito ao aborto. O seu mote em certos meios lésbico-feministas era: «O feminismo é a teoria, o lesbianismo, a prática».” (Macedo & Amaral, 2005: 114).

consideradas politicamente incorrectas, a sua conduta antinatural e contrária ao feminismo (Faderman, 1992: 580).

Para as apologistas da relação *butch-femme* esta constitui uma forma de se libertarem da feminilidade heteronormativa, numa recriação própria da sexualidade lésbica. Apesar de originalmente constituírem identidades consideradas inerentes ao sujeito, numa concepção essencialista, o modelo *butch-femme* contemporâneo corresponde mais a uma performance de papéis de género num jogo erótico (Faderman, 1992: 592). Associar o elemento masculino e activo à *butch* e o elemento feminino e passivo à *femme* será extremamente contraproducente em qualquer análise cultural, pois a sexualidade lésbica possibilita subverter estas oposições binárias. Segundo Kristiina Jalas, a diferença de género estabelecida nesta relação difere da heterossexual pela presença de dois elementos do sexo feminino (Jalas, 2005: 58). Esta relação não corrobora a necessidade de uma complementaridade de género para que exista desejo sexual (Jalas, 2005: 63), confirma o estímulo decorrente da transgressão de normas sexuais e de género (Jalas, 2005: 58). Assumir que uma relação lésbica adoptará o modelo heterossexual decorre da lógica heteronormativa: “By means of a crude assumption the passive/active of heterosexual sex is passed on to lesbian sex. [...] in lesbian sexual practice the reality of active/passive can be experienced differently.” (Clark, 1982: 35).

A lésbica masculina pode ser considerada a representação com mais visibilidade, em detrimento de lésbicas consideradas mais femininas, cuja identidade sexual se define em função da sua companheira, como acontece com Mary relativamente a Stephen ou com Barbara em relação a Jamie.

No caso de Valérie Seymour, a sua identidade sexual não está dependente de uma companheira. Se interpretada como *femme*, Valérie representa a validade e autonomia desta identidade, a existência da *femme* independentemente da *butch*. Por outro lado, possibilita um afastamento da dualidade inerente aos papéis de *butch* e *femme*. A representação desta personagem não se prende ao género masculino ou feminino. A sua namorada, Jeanne Maurel também não corresponde a nenhum destes modelos; descrita como uma mulher jovem e interessante, de cabelo curto, cuja elegância a distancia da invertida masculina, extenuada na sua

tentativa de adequação ao gênero feminino padrão. Valérie e Jeanne constituem as alternativas ao modelo da invertida congênita e ao estereótipo do casal *butch/femme*. Embora sejam personagens pouco desenvolvidas nesta narrativa, assumem grande relevância no conjunto das representação de identidades lésbicas.

Valérie constitui uma das personagens com maior potencial emancipatório, pois, apesar da sua diminuta relevância, constitui um dos elementos mais profícuos para a representação de uma identidade lésbica, livre dos estigmas associados à inversão congênita. Em contraste com as personagens construídas em concordância com as ideias de decadência e patologia da inversão sexual, Valérie representa as possibilidades ao dispor da mulher que, seja por que motivo for, recusa uma existência ditada pelas normas da ideologia heterossexual. À semelhança de Mary, a sua identidade sexual não se realiza através da identificação com as características do gênero masculino, ou seja, o seu lesbianismo coexiste com a sua interpretação de feminilidade. Enquanto as outras personagens se destacam devido à desproporção de alguma parte do seu corpo – os ombros largos, os tornozelos demasiado grossos – símbolo da disparidade entre a sua essência masculina e um corpo anatomicamente feminino, Valérie associa-se à simetria e proporção: “She was not beautiful nor was she imposing, but her limbs were very perfectly proportioned, which gave her a fictitious look of tallness. She moved well, with the quiet and unconscious grace that sprang from those perfect proportions.” (246).

A personagem Valérie Seymour pode ser considerada um modelo padrão da identidade lésbica, ou pelo menos uma alternativa ao modelo da lésbica formado no discurso da sexologia. Subverte o modelo da invertida congênita por não existir qualquer referência aos conceitos de pecado ou patologia na descrição da sua sexualidade – “but Valérie was not attracted to men” (245). Representa a alternativa à tragédia da invertida, condenada ao ostracismo. Possibilita entender o lesbianismo como um elemento valioso na constituição do indivíduo em vez de um incontornável obstáculo à realização pessoal:

Valérie would genuinely want to be helpful, but would find very little to say that was consoling. It was hard on the young, she had thought so

herself, but some came through all right, though a few might go under. Nature was trying to do her bit; inverters were being born in increasing numbers, and after a while their numbers would tell, even with the fools who still ignored Nature. They must just bide their time – recognition was coming. But meanwhile they should all cultivate more pride, should learn to be proud of their isolation. She found little excuse for poor fools like Pat, and even less for drunkards like Wanda.

(413)

Embora não ignore a dificuldade inerente à vivência da sexualidade lésbica, Valérie anuncia com optimismo a chegada do reconhecimento social dos invertidos. Esta personagem representa a possibilidade de se constituir o sentido de pertença a uma comunidade homossexual, de redefinição dos significados associados à identidade lésbica. Os sentimentos de culpa, de vergonha, de auto-comiseração, devem ser substituído pelo orgulho.

Mary Llewellyn surge, nesta obra, como o elemento passivo na relação com Stephen. Recusando esta interpretação, analisaremos esta personagem com base na sua agência e autodeterminação enquanto lésbica. Ao deixar-se seduzir por Martin Hallam, parece negar a sua identidade de lésbica. Acontece que, de acordo com a taxonomia em questão em *The Well of Loneliness*, Mary deveria ser representada como mulher normal, conquistada por uma invertida, demonstrando-se a normalidade dos seus sentimentos sexuais na possibilidade de uma relação heterossexual. Mary, enquanto companheira de Stephen, parece assumir um papel secundário, um papel passivo numa relação controlada por Stephen. Stephen Gordon tem a sua carreira literária, para além de ter a seu cargo proteger e sustentar economicamente a sua companheira, responsável pelas tarefas domésticas – “she longed to do womanly tasks for Stephen” (325).

No quadro traçado em *The Well of Loneliness*, Mary será a mulher normal, leia-se heterossexual, atraída por uma invertida. Não se tratando de inversão congénita, a sua situação merece ainda mais compaixão, pois apesar de a inversão não ser parte integrante da sua essência, opta por um relacionamento alvo de discriminação e homofobia – “[...] and more pitiful still was the lot of a girl who, herself

being normal, gave her love to an invert.” (412). Tal como acontece com Stephen, o contexto teórico da obra estabelece o diminuto valor emancipatório da personagem. Neste romance sobre inversão, ela não passa do tipo de mulher pela qual a invertida se sente atraída e que, no entanto, tem a possibilidade de cura. Nomeadamente, deixar o seu instinto sexual normal dirigir-se ao objecto de desejo certo – a suposta cura pela heterossexualidade. Com o objectivo de conduzir Mary para os braços de Martin, cujos esforços de sedução pareciam inúteis, Stephen encena uma traição com Valérie.

Se, no entanto, analisarmos Mary Llewellyn como indivíduo, independentemente da relação em que surge como elemento subalterno, esta personagem corresponde ao ideal emancipatório da “New Woman”, da mulher que pretende ser autónoma e que tem a possibilidade de o conseguir. Uma condutora e mecânica proficiente, Mary decide alistar-se na Breakspeare Unit, constituída unicamente por mulheres inglesas, ligada ao serviço de ambulâncias militares francêss, e responsável pelo transporte de soldados feridos na frente de combate. Sozinha atravessa um país em guerra para dar o seu contributo à pátria, executando uma tarefa considerada pouco apropriada para uma mulher. Determinada, resoluta, corajosa, anseia por independência e liberdade. No início da sua relação mais íntima com Stephen, assume a iniciativa, manifestando claramente o seu afecto: ““All my life I’ve been waiting for something.’ [...] ‘I’ve been waiting for you, and it’s seemed such a dreadful long time, Stephen.” (295).

Preocupados com o rigor e a infalibilidade das suas classificações, os sexólogos depararam-se com a impossibilidade de explicar a inexistência de sinais visíveis em algumas das mulheres. Na ausência das típicas manifestações exteriores de masculinidade, torna-se necessário estabelecer uma categoria alternativa, distinta da invertida congénita e da mulher considerada normal. Na sua aparência Mary é feminina, definida pelo narrador como normal. No entanto, o seu desejo homoerótico torna-se evidente na forma como observa Stephen:

Mary sat down in an arm-chair and watched her, noticing the strong, thin line of her thighs; noticing too the curve of her breasts – slight and

compact, of a certain beauty. She had taken off her jacket and looked very tall in her soft silk shirt and her skirt of dark serge.

(323)

Se Mary é considerada normal, ou seja, heterossexual, como se explica a sua atracção por Stephen? Esther Newton repara nesta contradição – “Though Stephen’s lovers in *The Well* are feminine and though Mary, in effect, seduces Stephen, Hall calls her “normal”, that is, heterosexual.” (Newton, 1989: 102). À personagem Mary é negada uma identidade lésbica. Isto corresponde à problemática da invertida feminina, que simplesmente não se encontra em conformidade com a teorização da invertida congénita, masculina. O desejo homoerótico foi teorizado de acordo com a ideia da atracção entre dois opostos, havendo a necessidade de atribuir características do sexo oposto a um dos elementos da relação, tornando-se mais fácil entender o homoerotismo, como se pode apreender no seguinte excerto de Havelock Ellis:

It remains true, however, that there may usually be traced what it is possible to call pseudosexual attraction, by which I mean a tendency for the invert to be attracted toward persons unlike himself, so that in his sexual relationships there is a certain semblance of sexual opposition.

(Ellis, 1901, 1921: 283-284)

Interessa sublinhar que Mary Llewellyn, tal como Valérie Seymour, permite apontar as falhas na teoria da inversão sexual, pois contraria o pressuposto da masculinidade lésbica. Esta personagem permite a constituição de um discurso reversivo, ou seja, uma identidade lésbica alternativa à formulada pelos sexólogos: “Mary Llewellyn offers an excellent standpoint from which to begin deconstructing sexology’s lesbian because she dis/covers the difference on which deconstruction rests.” (MacPike, 1997: 77). Mary Llewellyn não corresponde à mulher inocente seduzida por uma invertida, o seu desejo por Stephen manifesta-se explicitamente no excerto acima referido. O seu desejo homoerótico não pode,

todavia, ser justificado por uma condição congénita. Segundo os sexólogos, como Mary não apresenta os estigmas da invertida sexual, deverá ser considerada uma mulher normal, heterossexual. Em suma, Mary contradiz a coerência teórica da sexologia pelo simples facto de combinar a feminilidade com o desejo homoerótico:

The feminine invert poses a problem for sexology, since her desire for masculine women cannot be understood as the result of a gendered inversion and therefore attributable to a fault of nature, as can the masculine woman's perverse desire.

(Hemmings, 2001: 182)

Para Leslie Henson, Mary representa o poder *femme* de se definir como lésbica (Henson, 1997: 61). A sua personagem não se destaca devido à perspectiva da narrativa, cujo final nega a agência e o desejo lésbico a Mary de modo a permitir a Stephen incorporar os valores morais do aristocrata inglês (Henson, 1997: 65).

Mary Llewellyn constitui uma ameaça maior à ideologia heteronormativa que a figura da invertida congénita, pois a invisibilidade do seu lesbianismo permite integrar-se na sociedade heterossexual sem qualquer tipo de discriminação. Por outras palavras, Mary não será identificada como *outra* e esta similitude contribuirá para desconstruir a noção da diferença incomensurável entre a lésbica e a heterossexual. Num ensaio intitulado “Who’s afraid of Stephen Gordon?”, Sherri Inness (1997) associa Stephen Gordon à representação convencional, estereotipada da lésbica, facilmente reconhecível pela sua masculinidade, cuja visibilidade já não constitui perigo para a instituição da heterossexualidade:

Gays and lesbians perceived *The Well* as portraying a lesbian who reinforced heterosexual assumptions about the mannish character of the lesbian. Stephen is, as Newton has pointed out, “the most infamous mannish lesbian” [...], but actually she is only the refinement of an image

that had existed in popular ideology since the 1880s and was particularly well defined in the 1920s.

(Inness, 1997: 15)

Mary Llewellyn, por outro lado, na sua conformidade com a feminilidade normativa, suspende a lógica determinista que estabelece a necessidade erótica da diferença sexual. Se a teoria da inversão sexual instituiu a masculinidade feminina como significante do desejo lésbico, a feminilidade lésbica de figuras como Mary permitem refutar o discurso da sexologia e os seus pressupostos. Desta forma, podemos optar por evitar ler o final de *The Well of Loneliness* como início da conversão de Mary à heterossexualidade. O afastamento de Stephen não significa a rejeição de uma identidade lésbica, aliás, o desejo de Mary não foi congenitamente determinado e mesmo se optasse por uma relação com Martin, a flexibilidade da sua identidade permitiria um regresso ao lesbianismo.

Podemos conceder a Radclyffe Hall a audácia de representar visivelmente as suas personagens como lésbicas, embora Stephen Gordon prevaleça enquanto protagonista da obra. O facto de ser possível efectuar outras leituras de *The Well of Loneliness* demonstra a existência de alternativas ao modelo da invertida congénita, mesmo nas primeiras décadas do século XX. Num contexto teórico atento à falibilidade das grandes narrativas e que se dirige para as narrativas secundárias, minoritárias ou marginalizadas, poderemos simplesmente contornar a figura de Stephen e acentuar a presença das narrativas de Mary ou Valérie.

Conclusão

Conclusão

Este estudo centrou-se na análise da identidade lésbica representada em *The Well of Loneliness* numa tentativa de demonstrar que esta é múltipla, fluida, social e culturalmente construída e em constante devir. As identidades podem ser entendidas na sua pluralidade alterável, desde a concepção de inversão congénita, presente em Stephen, em devir ao longo da obra, às alternativas representadas por Mary e Valérie. A identidade representada por Stephen progride de uma definição imposta pelo discurso religioso e científico até à autodefinição da sua identidade por meio de significados estabelecidos pela própria comunidade lésbica.

Em termos do “circuito cultural”, referido no primeiro capítulo, a possibilidade de articular elementos de uma identidade lésbica terá sido o contributo mais relevante de *The Well of Loneliness*. No momento da sua publicação, em 1928, contribuiu para a visibilidade de um amor circunscrito às entrelinhas dos estudos de sexologia, centrados na catalogação de um desvio sexual em detrimento dos sentimentos envolvidos em cada estudo de caso. A invertida congénita abandona os manuscritos dos estudos de caso do sexólogo e adquire uma história de vida além dos elementos que confirmam um diagnóstico. Os sexólogos incentivam a abstinência sexual e uma conduta de vida honrada, caso a “cura” heterossexual estivesse fora de questão. Ora, Stephen apresenta-se-nos na sua dimensão sexual; o seu desejo e atracção por mulheres revela-se explicitamente a nível textual. A invertida é a protagonista, adquire o direito a um *Bildungsroman*. Este aspecto constitui o derradeiro valor da obra; uma masculinidade feminina e um género feminino não-heterossexual tornam-se perceptíveis. Apesar de a opção pela teoria da inversão sexual, e a consequente consolidação do estereótipo da lésbica masculina constituírem os aspectos mais criticados na obra, a identidade de Stephen Gordon acaba por permitir que mulheres mais masculinas encontrem um modelo emancipatório.

A obra integra categorias de identidade suficientemente fluidas para ocorrerem processos de identificação alternativos. Se a narrativa da invertida congénita serviu os objectivos iniciais de Radclyffe Hall – transmitir uma mensagem de esperança a todas as invertidas e sensibilizar a sociedade heteronormativa – a presença de Mary Llewellyn e Valérie Seymour apontam outra direcção. A repre-

sentação destas personagens consiste na identidade alternativa, construída independentemente da definição dos sexólogos e sem recorrer ao apelo à compaixão. Em especial Valérie, em harmonia com a sua identificação sexual sem recorrer ao significado proposto por médicos sexólogos, representa a possibilidade de uma comunidade de partilha de significados, livre de homofobia, onde os indivíduos convivem independentemente da sua orientação sexual.

Catharine Stimpson integrou *The Well of Loneliness* nos romances que correspondem ao padrão da “narrativa da maldição”, uma das reacções à medicalização da lésbica: “the dying fall, a narrative of damnation, of the lesbian’s suffering as a lonely outcast” (Stimpson, 1981: 301-302). Nesta perspectiva, o final trágico da obra, a separação de Mary e Stephen, corresponde a um indício da inviabilidade da relação lésbica, ou seja, demonstra um comportamento sexual desviante condenado ao fracasso. Contestando esta interpretação, afirmamos que o desfecho trágico deve ser entendido como uma estratégia argumentativa. Radclyffe Hall argumenta no sentido da tolerância face a uma orientação sexual, demonstra o modo como o amor se desenvolve entre duas mulheres como algo natural, na tentativa de normalizar o lesbianismo. A autora opta, no entanto, por relatar a impraticabilidade da relação no contexto antagónico da heteronormatividade, sendo o final feliz impraticável, não pela ausência de amor ou pela discordância entre as duas amantes, mas resultante das instâncias adversas da sociedade. Para mais, Mary não abandona Stephen para regressar a uma vida heterossexual; Mary parte devido à alegada traição da sua amada.

No primeiro capítulo, desenvolvemos os conceitos fundamentais de identidade, género e representação. Uma das ideias que gostaríamos de retomar consiste na de identidade como escolha, proposta por Jeffrey Weeks.⁷⁹ Enquanto Stephen Gordon parece não ter escolha, na medida em que a sua identidade lésbica é construída como a sua essência, as personagens secundárias analisadas permitem ilustrar esta concepção de identidade. Puddleton apresenta-se-nos como invertida através dos seus monólogos, embora não assuma a identidade lésbica. Nesta personagem, desejo, prática e identidade não correspondem. No caso de Angela, a personagem desenvolve certo interesse por Stephen, agindo em função desse

⁷⁹ Cf. p. 21 e seguintes.

desejo, recusando, porém, a identidade associada à prática. Angela identifica-se como heterossexual e recusa os significados inerentes à identidade lésbica, como se verifica no seguinte excerto: “[...] I’m not a pervert [...] I’m not that sort of degenerate creature.” (200).

Analisar *The Well of Loneliness* sob o a perspectiva da diversidade de identidades fluidas pode parecer contraditório, na medida em que é considerada uma obra pioneira na representação literária do lesbianismo. Parece-nos, no entanto, indispensável estabelecer um diálogo entre uma obra que supostamente daria visibilidade a uma identidade imperceptível no contexto heteronormativo e uma perspectiva teórica que pretende abolir as categorias de identidade estáticas. Será possível ler *The Well of Loneliness* em função da teoria *queer*? Entender a obra através de um diálogo com as ideias associadas à teoria *queer* será, à partida, problemático pois esta integra-se numa fase de afirmação da identidade lésbica, do direito à diferença, recorrendo ao argumento da homossexualidade inata. Como demonstrámos no segundo capítulo, a hereditariedade e o inatismo são duas características atribuídas pela sexologia à inversão sexual. Os traços distintivos das invertidas, exaustivamente enumerados pelos sexólogos, constituem os elementos de um diagnóstico. Contudo, estes traços constituem a oportunidade de ser visível, de manifestar a diferença do desejo.

A teoria *queer* surge com o objectivo de contrariar a suposta tendência dos estudos *gays* e lésbicos de estabilizar identidades; opõem-se à regulação de identidades e à imposição de fronteiras geradas pelo sistema sexo / género. Defende o direito à ambiguidade de género, assim como à sobreposição e à contradição nas características de género. Annamarie Jagose define *queer* como o modelo analítico ou as práticas responsáveis por dramatizar as incoerências existentes na relação alegadamente estável entre sexo, género e desejo. Rejeitando este modelo de estabilidade, *queer* centra-se nas disparidades entre os elementos referidos: “Demonstrating the impossibility of any 'natural' sexuality, it calls into question even such apparently unproblematic terms as 'man' and 'woman'.” (Jagose, 1996).

The Well of Loneliness combina uma noção de identidade essencialista (a hereditariedade e o inatismo da inversão) com uma concepção construcionista (a identidade como resultado da educação e meio social). Apesar de Stephen geral-

mente ser apresentada como a personagem representativa de uma identidade essencialista, verifica-se no seu percurso a concepção construcionista. Stephen elabora um processo de identificação com um género, com uma identidade sexual, por meio dos elementos disponíveis no seu contexto cultural. Para expressar a sua diferença relativamente ao género feminino, identifica-se com o género masculino. Em busca de uma identidade não-heterossexual, recorre à definição estabelecida pelos sexólogos, a única disponível. Ao longo da obra, em contacto com Brockett e Valérie, terá a oportunidade de alterar os significados inerentes à identidade lésbica.

A teoria *queer* sugere entendermos as identidades como construções ficcionais, arbitrárias, contingentes e ideologicamente motivadas: “The discursive proliferation of queer has been enabled in part by the knowledge that identities are fictitious – that is, produced by and productive of material effects but nevertheless arbitrary, contingent and ideologically motivated.” (Jagose, 1996). A ideia de identidade como ficção permite-nos entender um processo de identificação como uma narrativa provisória, embora indispensável, que atribui sentido a um desejo ou uma prática. Optar por uma teoria explicativa da homossexualidade, por exemplo a da sexologia, consiste na articulação provável de significados num determinado contexto. Em *The Well of Loneliness*, esta opção coexiste com a narrativa alternativa de Mary e Valérie, cujas identidades são representadas independentemente das categorias disponibilizadas pela sexologia.

Harding (1998: 54) refere que a representação consiste na produção e na regulação de um universo de possibilidades. Interessa recordar as possibilidades, os modelos e os processos de identificação integrados em *The Well of Loneliness*. Evidenciámos os limites inerentes à articulação de um discurso reversivo através da teoria da inversão sexual, tão influente nesta obra, nomeadamente, decorrente do facto de o lesbianismo deter um estatuto privilegiado em relação à homossexualidade masculina. A invisibilidade correspondia a uma relativa impunidade. A medicalização da mulher atraída por outra mulher, constituindo um tipo, uma identidade, não correspondeu a um avanço na emancipação lésbica. Tal não significa, no entanto, que a apropriação da teoria da inversão sexual por Radclyffe Hall deva ser rejeitada na íntegra. Ao apresentar Stephen como invertida congénita, a

autora possibilita um afastamento de um outro modo de relacionamento entre mulheres, a amizade romântica, cujo estatuto assexuado e secundário (relativamente ao casamento heterossexual iminente) impedia a construção de uma identidade lésbica que envolvesse a dimensão erótica e sexual.

Ao longo deste estudo optámos por procurar nas entrelinhas da narrativa da invertida o potencial emancipatório no sentido da representação da identidade lésbica. O apelo à tolerância da sociedade heteronormativa, com base na apresentação das condições de vida das invertidas mais desfavorecidas, consequência da discriminação sofrida, poderá ser designado como o objectivo oficial. Uma leitura contemporânea deverá, no entanto, procurar a mensagem dirigida ao público lésbico nas personagens secundárias. Radclyffe Hall insere indícios relativamente às alternativas à teoria da inversão. De facto, enquanto Stephen tem consciência do que significa assumir a identidade lésbica, de acordo com os sexólogos, Mary representa a mulher que admite a sua atracção por outra mulher e expressa o seu amor sem a influência da sexologia. Embora sofra as consequências dessa identificação, ou seja, a homofobia da sociedade circundante, Mary representa a possibilidade lésbica além da categorização da sexologia; para mais, como não se identifica com uma concepção de desvio, não vive obcecada com a sublimação de uma norma, a heterossexualidade. A oposição entre os benefícios decorrentes da heterossexualidade e a incontornável esterilidade lésbica apenas inquietam Stephen. Ao projectar os valores heterossexuais como o ideal a sua relação com Mary transforma-se no elemento antagónico. Stephen decide “libertar” Mary para esta poder usufruir das vantagens de uma vida heterossexual.

Como foi demonstrado anteriormente, Mary Llewellyn integra a desconstrução do discurso da sexologia, pois contraria o estereótipo da masculinidade da invertida e a ideia de passividade e inocência sexual da mulher seduzida pela invertida. O processo de identificação de Mary consiste, efectivamente, na crítica à estabilidade da identidade na medida em que possibilita entender a mesma na sua vertente relacional e fluida. Nomear esta personagem como invertida, heterossexual, bissexual, lésbica, *femme* consiste num acto constrangedor, pois Mary integra qualquer destas categorias, não se limitando a nenhuma.

Se a representação de Stephen nos moldes da invertida congénita pode ser considerada uma tentativa de consolidação da identidade lésbica, devemos atender às alternativas, que representam a fluidez da identidade. A expressão de Stephen, que serve de título a este estudo, corresponde ao momento do reconhecimento do número de invertidos analisados no tratado de sexologia consultado pela personagem: “[...] and there are so many of us – thousands of miserable, unwanted people, who have no right to love, no right to compassion because they’re maimed, hideously maimed and ugly – God’s cruel; He let us get flawed in the making.” (207). Contudo, a definição da sexologia constitui o ponto de partida de um processo de identificação, constitui uma das identidades possíveis. Desta forma, “There are so many of us” deverá ser lido no sentido da diversidade de expressões de um desejo homoerótico feminino.

No epílogo a *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (Doan & Prosser, 2001), Terry Castle questiona-se sobre a qualidade de *The Well of Loneliness*: “How bad, bad, bad is Radclyffe Hall’s *The Well of Loneliness*? [...] After all, it is quite possibly the worst novel ever written, crammed full with so many ghastly passages one is hard-pressed to choose one’s favorite hideousness among them.” (Castle, 2001).⁸⁰ Em muitos dos comentários sobre *The Well of Loneliness* surge a ideia de que se trata de um romance de qualidade literária medíocre, demasiado dependente da medicalização do lesbianismo ou cuja representação da lésbica se centra em estereótipos. Além disso, muitas das/os autoras/es lamentam o facto de a obra ser referida como o protótipo do romance lésbico, justificando-se a sua popularidade através do julgamento por obscenidade, a censura e o escândalo que se seguiu à publicação em 1928. De qualquer modo, finalizada uma análise dos elementos considerados contraditórios e prejudiciais a uma emancipação lésbica, podemos afirmar que este romance não será tão “mau” como a autora afirma. Curiosamente, Terry Castle termina com uma constatação semelhante:

[...] I find myself forced to acknowledge once again *The Well*’s uncanny rhetorical power – a power unaffected by its manifest failures as a work of

⁸⁰ Itálico no original.

art – to activate readerly feeling at an extraordinary profound level. [...] The Well of Loneliness forces us to confront [...] our deepest experiences of eros, intimacy, sexual identity, and how our fleshy bodies relate to the fleshy bodies of others. Something in the very pathos of Stephen Gordon's torment – something in the very magnificence of her confusion – provokes an exorbitant emotional identification in us. Whoever we are, we tend to see ourselves in her.

(Castle, 2001: 400)

Qualquer estudo da representação da identidade lésbica estará incompleto sem uma breve abordagem deste romance que, embora alegadamente mediano na sua qualidade de obra literária, constitui um marco incontornável na história da representação da identidade lésbica. *The Well of Loneliness* exerceu a sua influência ao longo dos anos, permitiu articular interessantes debates sobre a identidade lésbica e a questão da representação cultural da mesma. Terá facilitado processos de identificação sexual através das suas personagens, por antagonismo ou afinidade, num diálogo necessário entre uma prática cultural e um público consumidor. Neste estudo decidimos participar neste permanente diálogo entre modos de representação e possibilidades de identificação, reconhecendo, assim, a sua persistente actualidade.

Bibliografia

- Aguiar, A. A. (1926). Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa. Contribuição para o estudo da inversão sexual. In Arquivo da Universidade de Lisboa, vol. XI, 335-620.
- Albuquerque, A. (2006). *Minorias eróticas e agressores sexuais*. Lisboa: Dom Quixote.
- Alcoff, L. (1988, 2004). Cultural feminism versus post-structuralism: The identity crisis in feminist theory. In Dirks, N. B., Eley, G. & Ortner, S. (Eds.). (1994). *Culture/Power/History: A reader in contemporary social theory*. Princeton: Princeton University Press, 96-122.
- Ardill, S. & O'Sullivan, S. (1990). Butch/femme obsessions. *Feminist review* 34, 79-85.
- Backus, M. G. (1996). Sexual orientation in the (post)imperial nation: Celticism and the inversion theory in Radclyffe Hall's *The well of loneliness*. *Tulsa studies in women's literature* 15 (2), 253-266.
- Baker, M. (1985). *Our Three Selves. The Life of Radclyffe Hall*. New York: William Morrow.
- Barker, C. (2000). *Cultural studies. Theory and practice*. London: Sage Publications.
- Blackburn, S. (1996). *The Oxford dictionary of philosophy*. Oxford: Oxford University Press.
- Bourdieu, P. (2001). *Masculine Domination*. Trans. Richard Nice. Cambridge: Polity Press.
- Bristow, J. (1997). *Sexuality*. London: Routledge.
- Butler, J. (1990, 1999). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Caplan, P. (1987). Introduction. In Caplan, P. (Ed.), *The cultural construction of sexuality*. London & New York: Routledge, 1-30.
- Carpenter, E. (1912). *The intermediate sex. A study of some transitional types of men and women*. (3rd ed.). London: George Allen.

- Cascais, A. F. (Ed.). (2004a). *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer*. s.l.: Fenda.
- Cascais, A. F. (2004b). “Um nome que seja seu”: Dos estudos gays e lésbicos à teoria *queer*. In Cascais, A. F. (Org.). *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer*. s.l.: Fenda, 21-89.
- Castle, T. (1993). *The apparitional lesbian. Female homosexuality and modern culture*. New York: Columbia University Press.
- Charles, N. & Hughes-Freeland, F. (Eds.). (1996). *Practising feminism: Identity difference power*. London: Routledge.
- Chauncey, G. (1982). From sexual inversion to homosexuality: Medicine and the changing conceptualization of female deviance. *Salmagundi* 58/59, 1982/1983, 114-146.
- Chinn, S. E. (2001). ‘Something primitive and age-old as nature herself’: Lesbian sexuality and the permission of the exotic. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 300-315.
- Clark, W. (1982). The dyke, the feminist and the devil. *Feminist review* 11, 30-39.
- Cline, S. (1998). *Radclyffe Hall. A woman called John*. Woodstock: The Overlook Press.
- De Lauretis, T. (1988, 1993). Sexual indifference and lesbian representation. In Ablove, H., Barale, M. A. & Halperin, D. M. (Eds.), *The Lesbian and Gay Studies reader*. New York: Routledge, 141-158.
- Dickson, L. (1975). *Radclyffe Hall at The Well of Loneliness. A Sapphic chronicle*. New York: Charles Scribner’s Sons.
- Dirks, N. B., Eley, G. & Ortner, S. (Eds.). (1994). *Culture/Power/History: A reader in contemporary social theory*. Princeton: Princeton University Press.
- Doan, L. & Prosser, J. (Eds.). (2001). *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press.
- Doan, L. (2001). ‘The outcast of one age is the hero of another’: Radclyffe Hall, Edward Carpenter and the Intermediate Sex. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 162-178.

- Dyer, R. (1993). *The matter of images. Essays on representation*. London: Routledge.
- Ellis, H. (1901, 1921). *Studies in the psychology of sex. vol. II. Sexual inversion*. (3rd ed.). Philadelphia: F.A. Davis Company, Publishers.
- Ellis, H. (1928). Commentary. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 35.
- Faderman, L. (1985). *Surpassing the love of men*. London: The Women's Press.
- Faderman, L. (1992). The return of butch and femme: A phenomenon in lesbian sexuality of the 1980s and 1990s. *Journal of the history of sexuality* 2 (4), 578-596.
- Foucault, M. (1969, 2003). *The archaeology of knowledge*. Trad. A. M. S. Smith. London: Routledge.
- Foucault, M. (1976, 1994). *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Trad. P. Tamen. Lisboa: Relógio D'Água.
- Foucault, M. (1976, 1999). *The will to knowledge. The history of sexuality: I*. transl. R. Hurley. London: Penguin.
- Freud, S. (1925, 1973). *A case of hysteria. Three essays on the theory of sexuality and other works. The standard edition of the complete works of Sigmund Freud. vol. VII (1901-1905)*. Transl. James Strachey. London: The Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis.
- Gilmore, R. (1981). *The idea of the gentleman in Victorian novel*. London: George Allen and Unwin.
- Greenberg, D. F. (1997). Transformations of the homosexuality-based classifications. In Lancaster, R. & Di Leonardo, M. (Eds.), *The Gender/Sexuality reader. Culture, history, political economy*. New York: Routledge, 179-193.
- Halberstam, J. (2001). 'A writer of misfits': 'John' Radclyffe Hall and the discourse of inversion. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 145-161.
- Halberstam, J. (2004). Female Masculinity. In Rivkin, J. & Ryan, M. (Eds.), *Literary Theory. An anthology*. Malden: Blackwell, 934-956.

- Hall, A. L. (2000). *Sex, gender and social change in Britain since 1880*. London: Macmillan Press.
- Hall, R. (1924, 1981). *The unlit lamp*. New York: The Dial Press.
- Hall, R. (1925, 1987). *A saturday life*. London: Virago.
- Hall, R. (1928, 1999). *The well of loneliness*. London: Virago.
- Hall, R. (1934, 1996). *Miss Ogilvy finds herself*. In S. M. Gilbert & S. Gubar (Eds.). *The Norton anthology of literature by women*. (2nd Ed.). New York: Norton & Company, 1395-1407.
- Hall, S. (Ed.). (1997). *Representation. Cultural representations and signifying practices*. London: Sage.
- Harding, J. (1998). *Sex acts. Practices of femininity and masculinity*. London: Sage Publications.
- Harris, L. & Crocker, E. (Eds.). (1997). *Femme. Feminists, lesbians and bad girls*. New York: Routledge.
- Hemmings, C. (2001). 'All my life I've been waiting for something...': Theorizing femme narrative in *The Well of Loneliness*. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 179-196.
- Henson, L. J. (1997). "Articulate silence[s]" Femme subjectivity and class relations in *The Well of Loneliness*. In Harris, L. & Crocker, E. (Eds.), *Femme. Feminists, lesbians and bad girls*. New York: Routledge, 61-67.
- Inness, S. A. (1997). Who's afraid of Stephen Gordon. In Inness, S. A., *The lesbian menace. Ideology, identity and the representation of lesbian life*. Massachusetts: UMP, 13-32.
- Jagose, A. (1996). Queer Theory. Disponível em <http://www.lib.latrobe.edu.au/AHR/archive/Issue-Dec-1996/jagose.html>. Consultado em Janeiro 2007.
- Jalas, K. (2005). Butch lesbians and desire. *Women: a cultural review* 16 (1), 52-72.
- Jeffreys, S. (1985, 1997). *The spinster and her enemies. Feminism and sexuality 1880-1930*. Victoria: Spinifex.
- Katz, J. N. (1995). *The invention of heterosexuality*. New York: Dutton.

- Kitzinger, C. & Wilkinson, S. (1993). Theorizing heterosexuality. In Wilkinson, S. & Kitzinger, C. (Eds.), *Heterosexuality. A feminism & psychology reader*. London: Sage, 1-32.
- Kitzinger, C. & Wilkinson, S. (1996). Deconstructing heterosexuality: A feminist social-constructionist analysis. In Charles, N. & Hughes-Freeland, F. (Eds.), *Practising feminism: Identity difference power*. London: Routledge, 135-155.
- Knauer, N. J. (2000). Homosexuality as contagion: From *The Well of Loneliness* to the boy scouts. Disponível em: www.hofstra.edu/PDF/law_lawrev.njknauer.pdf. Acedido em Junho 2005.
- Krafft-Ebing, R. (1886, 2006). *Psychopathia sexualis. The case studies*. Trans. Domino Falls. s.l.: Wet Angel Books.
- Levy, T. (2004). Crueldade e crueza do binarismo. In Cascais, A. F. (Ed.), *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer*. s.l.: Fenda, 183-214.
- Macedo, A. G. & Amaral, A. L. (Eds.). (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento.
- MacPike, L. (1997). Is Mary Llewellyn an invert? The modernist supertext of *The well of loneliness*. In Harrison, E. J. & Peterson, S. (Eds.), *Unmanning modernism: Gendered re-readings*. Knoxville: University of Tennessee Press, 73-89.
- Mill, J. S. (1859, 2003). *On liberty*. In Collini, S. (Ed.), *On liberty and other writings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mitchell, S. (1995). *The new girl*. New York: Columbia University Press.
- Mitchell, W. J. T. (1990). Representation. In Lentricchia, F. & McLaughlin, T. (Eds.), *Critical terms for literary study*. Chicago: The University of Chicago Press, 11-22.
- Newton, E. (1989). The mythic mannish lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 89-108.
- Prosser, J. (2001). 'Some primitive thing conceived in a turbulent age of transition': The transsexual emerging from *The Well of Loneliness*. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 109-128.

- J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press, 129-144.
- Radford, J. (1986). An inverted romance: *The well of loneliness* and sexual ideology. In Radford, J. (Ed.). *The progress of romance. The politics of popular fiction*. London: Routledge, 97-111.
- Rich, A. (1980). Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In Gelpi, B. C. & Gelpi, A. (Eds.), *Adrienne Rich's poetry and prose*. New York: Norton, 203-224.
- Robertson, D. (1993). *The penguin dictionary of politics*. Harmondsworth: Penguin.
- Rougemont, D. (1939, 1968). *O amor e o ocidente*. Trad. A. Hatherly. Lisboa: Moraes.
- Ruehl, S. (1982). Inverts and experts: Radclyffe Hall and the lesbian identity. In Brunt, R. & Rowan, C. (Eds.), *Feminism, culture and politics*. London: Lawrence & Wishart, 15-36.
- Santos, A. C. (2005). Heteroqueers contra a heteronormatividade: Notas para uma teoria queer inclusiva. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf>. Acedido em Outubro 2006.
- Smith-Rosenberg, C. (1990). *Discourses of sexuality and subjectivity: The New Woman, 1870-1936*. In Duberman, M., Vicinus, M. & Chauncey, G. (Eds.), *Hidden from history. Reclaiming the gay and lesbian past*. New York: Meridian, 264-280.
- Snodgrass, M. E. (1995). *Encyclopedia of utopian literature*. Santa Barbara: ABC-Clio.
- Souhami, D. (1998), *The trials of Radclyffe Hall*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Stimpson, C. R. (1981). Zero degree deviance: The Lesbian Novel in English. In Warhol, R. R. & Herndl, D. P. (Eds.), *Feminisms: An anthology of literary theory and criticism*. New Brunswick: Rutgers U P, 301-315.
- Storey, J. (1998). (Ed.). *Cultural theory and popular culture. A reader*. Harlow: Longman.
- Thompson, D. (1993). Against the dividing of women: Lesbian feminism and heterosexuality. In Wilkinson, S. & Kitzinger, C. (Eds.), *Heterosexuality. A feminism & psychology reader*. London: Sage, 169-180.

- Ussher, J. M. (1997). Sexual science and the law: Regulating sex – reifying the power of the heterosexual man. In Ussher, J. M., *Fantasies of femininity. Reframing the boundaries of sex*. New Jersey: Rutgers University Press, 204-291.
- Weeks, J. (1981). *Sex, politics and society. The regulation of sexuality since 1880*. London: Longman.
- Weeks, J. (1987). Questions of Identity. In Caplan, P. (Ed.), *The cultural construction of sexuality*. London, 31-51.
- Weeks, J. (1995). History, desire, and identities. In Parker, R. G. & Gagnon, J. H. (Eds.), *Conceiving sexuality. Approaches to sex in a postmodern world*. New York: Routledge, 33-50.
- Wilkinson, S. & Kitzinger, C. (Eds.). (1993). *Heterosexuality. A feminism & psychology reader*. London: Sage.
- Williams, R. (1994). Selections from *Marxism and Literature*. In Dirks, N. B., Eley, G. & Ortner, S. (Eds.), *Culture/Power/History: A reader in contemporary social theory*. Princeton: Princeton University Press, 585-608.
- Wolfe, S. J. & Penelope, J. (Eds.). (1993). *Sexual practice, Textual theory. Lesbian cultural criticism*. Cambridge MA: Blackwell.
- Zimmerman, B. (1993). What has never been. In Wolfe, S. J. & Penelope, J. (Eds.), *Sexual practice, Textual theory. Lesbian cultural criticism*. Cambridge MA: Blackwell, 33-54.

